

CLÁUDIO GRUGEL DO AMARAL

MONTE DE APOLO,
PARNASO DAS MUSAS

INTRODUÇÃO, EDIÇÃO E NOTAS
POR FRANCISCO TOPA



sombra pela cintura

Cláudio Grugel do Amaral

Monte de Apolo, Parnaso das Musas

Introdução, edição e notas
por Francisco Topa



sombra pela cintura

Porto

Design gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN
978-989-53548-3-2

Entrei com a sombra pela cintura como algo conquistado
Com o sangue a escorrer-me para os pés. Mas mesmo
Que não sangrasse eu entrava em triunfo
Inteiraente vencido.

Daniel Faria

Porto • 2022

Índice

<i>Mais claro que escuro: um risonho barroco luso-brasileiro</i>	11
Siglas e abreviaturas utilizadas	13
I. Introdução: uma obra em busca de autor	15
1. O manuscrito da Biblioteca Geral da U. de Coimbra	17
2. Cláudio Grugel do Amaral: tio e sobrinho	19
3. O par Sílvia-Lisardo em chave paródica	25
II. Esta edição	39
1. Orientação global	41
2. Normas de transcrição dos textos	41
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	47
III. A obra	49
Monte de Apolo./ Parnaso das Musas/ Obras Várias de Cláudio Grugel do Amaral	51
Triunfos da beleza,/ vitórias do amor,/ majestades da fermosura/ e impérios de Sílvia	53
A. Em aplauso do Autor/ <i>Silva Excelso Joven, remontado Cysne</i> – por António Leitão de Faria	55
1. A Sílvia/ Dedicatória/ Soneto <i>Estes triunfos teus, estas vitórias</i>	61
2. A Sílvia/ Porpondo Lisardo o que escreve/ Soneto <i>Não de ãa Vénus canto a fermosura</i>	62
3. A Sílvia/ Voltando as costas a Lisardo/ Soneto <i>Quando</i>	63

<i>abonando, Sílvia, a crueldade</i>	
4. A Sílvia/ Enjeitando um retrato a Lisardo/ Soneto <i>A alma deste retrato não me entregas</i>	64
5. A Sílvia/ Perguntando a Lisardo por que estava tão triste/ Soneto <i>Nessas perguntas, ó Sílvia, consiste</i>	65
6. A Sílvia/ Vendo ãas Rosas/ Soneto <i>Vês, ó Sílvia, essas rosas que alentadas</i>	66
7. A Sílvia/ Doente/ <i>A um desmaio vosso, amor querido</i>	67
8. Às sangrias de Sílvia <i>Esses belos rubis</i>	68
9. Zelos e desconfianças de Lisardo/ Soneto <i>Esses teus olhos, quando são treslado</i>	69
10. Dando Sílvia uma queda/ <i>Contra mim quando estais tão rigorosa</i>	70
11. A Sílvia, sentida sem ter razão de zelos/ Romance <i>Aque-d'el-rei, quem me acode</i>	71
12. Sentimentos de Lisardo/ Romance <i>Pastores, que neste prado</i>	75
13. Dando-se a Lisardo os parabéns de amar a Sílvia, ele respondeu nestas/ Décimas <i>Amigo, à minha eleição</i>	80
14. A Sílvia/ Fazendo renda/ Soneto <i>Com as mãos nesse enleio descursivas</i>	83
15. Saudades de Lisardo/ Romance <i>Ora disse-me, meus olhos</i>	84
16. A Sílvia irada/ Romance <i>Por São Pisco, vida minha</i>	88
17. A Sílvia/ Estando sonolenta à vista de Lisardo e esperando a uns trovões/ Décimas <i>Sílvia, quando uma fereza</i>	92
18. A Sílvia/ Chorando/ Soneto <i>Para, Sílvia, em teu pranto tão sentido</i>	94
19. A Sílvia/ Branda/ Soneto <i>Sempre gentil e sempre mui airosa</i>	95
20. Lisardo/ Com desenganos/ Soneto <i>Firmezas que em amor tão desvelidas</i>	96
21. A Sílvia/ Com ãa Espada na mão em o campo/ Roman-	97

<i>ce Para que é, fermosa Sílvia</i>	
22. A Sílvia/ Mandando-lhe Lisardo ãas flores/ Décima <i>Em luzes vejo brilhando</i>	101
23. A Sílvia/ Desenganado a Lisardo/ Soneto <i>Sete anos de Pastor servindo amante</i>	102
24. A Sílvia/ Trazendo ãas flores na mão ãa manhã de Páscoa/ Soneto <i>Esta Páscoa, este dia, em resplendores</i>	103
25. A Sílvia/ Mandando a Lisardo um Pintassilgo/ Décimas <i>Em mil ânsias pasmado</i>	104
26. A Sílvia/ Mordendo-a em ãa face ãa Abelha/ Romance <i>Sílvia, mui pouco picado</i>	107
27. Pertensões de Lisardo/ Endechas <i>Minha Sílvia linda</i>	111
28. A Sílvia/ Dizendo a Lisardo que era velha/ Soneto <i>Se no exemplo de flor vejo teus anos</i>	117
29. A Sílvia/ Tendo um listão encarnado em o peito/ Soneto <i>Essa fatal devise que em teu peito</i>	118
30. A Sílvia/ Queixosa/ Romance <i>Vinde cá, luz dos meus olhos</i>	119
31. A ãa Senhora, que murmurava de Lisardo não fazer a Sílvia versos senão em Português/ Soneto <i>Em Portugal nasci, me diz o Cura</i>	123
32. A Sílvia triste/ Romance <i>Ambos nos queixamos, Sílvia</i>	124
33. A Sílvia em ãa convalescença, mas dando-lhe Lisardo um bordão/ Décimas <i>Já que meu amor com gosto</i>	128
34. A Sílvia/ Comendo Barro/ Décimas <i>Estava para te dizer</i>	130
35. A Sílvia/ Não respondendo a cartas de Lisardo/ Soneto <i>Se por néscio me tens, Sílvia inconstante</i>	132
36. A Sílvia/ Atirando a Lisardo com ãa Rosa/ <i>Airoso o tiro foi, mas desairoso</i>	133
37. Sentimentos de Lisardo em os ciúmes mal fundados de Sílvia/ Romance <i>Penas minhas, mais despacio</i>	134

Cornucópia/ que em o congresso Poético dos famosos Académicos noturnos/ celebrenmente se teceu em os celebrados cornos/ que pôs a fermosa Sílvia a seu amante, Lisardo	137
38. A Trajano Bocalino, como a Censor do Parnaso, manda Apolo rever estas Poesias/ Soneto <i>Apolo Rei do Pindo; a vós, Trajano</i>	139
39. Censura/ que por mandado de Apolo fez destas Obras Trajano Bocalino/ Soneto <i>Por decreto de Vossa Majestade</i>	141
40. Licença/ que dá El-Rei Apolo para se poder imprimir a Cornucópia/ Soneto <i>Vista esta informação de Bocalino</i>	142
41. Taxa/ que a Mesa do Paço de El-Rei Apolo pôs a este Livro/ Soneto <i>Nós que de Apolo Rei no Parlamento</i>	143
42. Dedicatória/ Aos Senhores Amantes Freiráticos/ Soneto <i>A vós, Senhores meus, que em grande inópia</i>	144
43. Aos Senhores Académicos/ Noturnos manda Marcial do Inferno este/ Soneto <i>Eu, que no tempo antigo, dentro em Roma</i>	145
44. A Marcial/ Respondendo a Academia dos Noturnos pelos mesmos consoantes/ Soneto <i>Meu Senhor Marcial, você que em Roma</i>	146
45. Ao pio/ e devoto Leitor/ Soneto <i>Muito pio Leitor, de ti confio</i>	147
46. Cornucópia/ A Lisardo escreve seu amigo Fileno esta/ Silva <i>Lisardo em esta carta</i>	148
47. A Lisardo, sentido em os cornos que lhe pôs Sílvia, escreve seu amigo Antíon este/ Romance <i>Minha Musa, vá de versos</i>	158
48. A Lisardo/ Escrevem certas Damas em conclave estas/ Décimas <i>Meu Senhor, já Senhoria</i>	163
49. A Lisardo escreve Flora em particular (a quem tinha muito desdenhado) estas/ Endechas <i>Meu Senhor Lisardo</i>	167
50. À Senhora Caterina do Sacramento/ Dedicar, oferece e consagra/ Lisardo/ os Triunfos de sua Beleza	175
51. Advertência Apologética/ Reção satisfatória/ Discurso	179

demonstrativo deste empenho/ Às Senhoras/ que curiosamente lerem/ estes Troféus de amor, em os Triunfos da maior Beleza	
52. À Senhora Caterina do Sacramento, chamando ao Autor Atrevido/ Romance <i>Ora vinde cá, meus olhos</i>	209
53. À mesma Senhora, oferecendo-lhe o Autor as Décimas que a estas se seguem/ Décimas <i>Nesta ausência em que padeco</i>	214
54. Vendo o Autor, da cama em que estava doente, ãa roseira/ Décimas <i>Gentil Planta, que em verdores</i>	216
55. À mesma Senhora, vendo-a o Autor branda em os seus rogos/ Soneto <i>Sempre gentil e sempre mui airosa</i>	220
56. À mesma Senhora, reparando não lhe escrever o Autor quando a pertendia/ Romance <i>Cobarde amor, bela prenda</i>	221
57. À mesma Senhora, cosendo em ãa almofada/ Romance <i>Alvíssaras, que ontem vi</i>	225
58. À mesma Senhora, vendo-a o autor triste/ Romance <i>Ontem vos vi, meus amores</i>	230
59. À mesma Senhora, tendo na toalha ãas Flores secas/ Décimas <i>Se ao sol de vossa beleza</i>	235
60. À mesma Senhora, estando o Autor curando-se de ãa queixa, em ãa quinta/ Romance <i>Já sei, amores desta alma</i>	237
61. À mesma Senhora, mandando-lhe o Autor ãas flores entre as quais ia ãa figa/ Décima <i>Essas flores que ãa figa</i>	241
62. À mesma Senhora, mandando-lhe o Autor perguntar o como estava/ Décima <i>Como estais, bela Senhora?</i>	242
63. A um retrato que à Senhora Caterina do Sacramento dedicou o afeto do maior Amor/ Décimas <i>Retrato, vai a teu bem</i>	243
64. À mesma Senhora, dando da sua mesma mão à do Autor uns Jasmins/ Décima <i>Quando me destes a mão</i>	246
65. À mesma Senhora, estando mal com o Autor/ Romance <i>Caterina dos meus olhos</i>	247

66. À mesma Senhora, sentindo-se de ter uns flautos/ Dé- cima <i>Para não ter por Divina</i>	250
67. À mesma Senhora, oferecendo-lhe o Autor o Romance que se segue a este/ Soneto <i>A ti desta alma, ó belo sacra- mento</i>	251
68. Ausências e saudades de Lisardo/ Romance <i>Minha flor,</i> <i>isto há de ser</i>	252

Mais claro que escuro: um risonho barroco luso-brasileiro

Descobrir um autor e um texto inéditos constitui uma das maiores alegrias na vida de um investigador. Obviamente não estamos já em tempos em que sejam possíveis grandes *descobertas* literárias nem a literatura em português tem suficiente projeção para fazer desses encontros grandes acontecimentos. Além disso, os contornos do caso concreto que enforma este volume são, à partida, pouco entusiasmantes: trata-se de um autor desconhecido, não havendo sequer certeza absoluta sobre a sua identidade; além disso, a sua condição luso-brasileira, em lugar de ser uma vantagem, pode acarretar desinteresse de ambas as historiografias literárias; por fim, estamos perante uma obra barroca, corrente estética que, ao nível da literatura, poucas vezes gerou grande entusiasmo nas épocas posteriores.

De facto, o leitor contemporâneo está pouco disponível para aceitar o modelo do barroco e os seus códigos, vendo nele sobretudo um excesso que lhe parece vazio de sentido. Por outro lado, sobretudo no caso dos mais jovens, falta-lhe muitas vezes preparação para acompanhar a subtilidade de raciocínio, do mesmo modo que a incapacidade de compreender certas referências e as limitações de vocabulário são muitas vezes causa de desistência. Além disso, domina a ideia de que o barroco em português é pouco mais que uma imitação desinteressante dos movimentos congêneres em espanhol e italiano.

Eppure, a obrigação do investigador não se altera, qualquer que seja a reação esperada: dar a ler, nas melhores condições possíveis, autor e obra. Neste caso concreto, a tarefa até parece simples, uma vez que há um úni-

co testemunho manuscrito, ainda por cima materialmente cuidado e bem preservado e, em geral, de fácil leitura. Desconhecemos, porém as condições em que o códice foi preparado e o seu grau de fidelidade à suposta vontade do autor. Por outro lado, a ortografia usada é pouco coerente, forçando o editor a tomar opções muitas vezes difíceis. Além disso, a edição assemelha-se a um trabalho que deve ser executado sem rede: embora o texto tenha tido, sem dúvida, outros leitores (contemporâneos da escrita ou da cópia, mas também posteriores e até nossos contemporâneos), cabe ao editor fixar sozinho uma forma e uma leitura, resolvendo dúvidas muitas vezes complexas e fornecendo elementos para a sua boa compreensão literal. Tudo isto com a humildade do arqueólogo que limpa a peça e sai de cena, devolvendo-a ao público com uma pequena nota explicativa.

Do êxito dessa missão julgará o eventual leitor. Da minha parte, resta esperar, pelo menos, não ter comprometido a sorte de uma obra que, se não é original como hoje se quer, tem pelo menos a particularidade rara de ser um volume orgânico e não uma mera reunião de peças mais ou menos soltas. Uma obra em que o verso alterna com a prosa e a claridade do humor risonho se impõe, num registo irónico autodirigido que tão útil poderia ser a muitos dos nossos concidadãos que reagem com violência a situações idênticas às protagonizadas pela personagem de Lisardo.

Siglas e abreviaturas utilizadas

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

f. – fólio(s)

Ms. – Manuscrito

p. – página(s)

v. – verso(s)

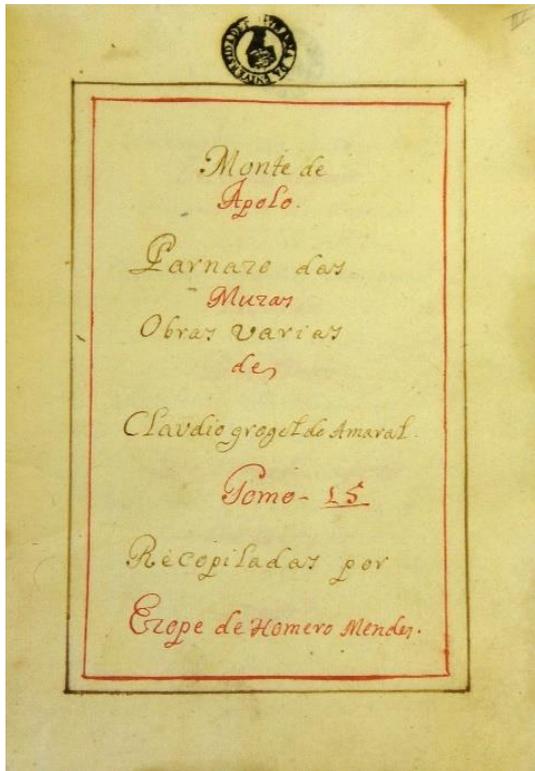
I. Introdução: uma obra em busca de um autor

1. O manuscrito da Biblioteca Geral da U. de Coimbra

O códice que serve de base a esta edição pertence à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e apresenta na lombada uma etiqueta moderna com a cota: “354”. A encadernação parece ser do século XVII ou do início de setecentos. As folhas são de papel vergado fino: depois de uma folha solta inicial, há dois cadernos de cinco folhas dobradas in-quarto, alternando os nove cadernos seguintes entre sete e cinco folhas; no final, há uma folha de guarda. As páginas têm uma dimensão aproximada de 140 x 202 mm; a distância entre os pontusais é sensivelmente de 32 mm, ao passo que entre as vergaturas é de 28 mm. A marca de água vem ao meio do livro, na dobragem, mas não consegui identificá-la. Quando há texto, as páginas apresentam uma média de 20 linhas; tratando-se de verso, a margem superior é de 15 mm, a inferior de 20, a esquerda de 25 e a direita de 20; sendo prosa, a margem esquerda é encurtada para 13 mm.

Antes do título, há três folhas de guarda. No verso da primeira, está escrito no canto superior esquerdo: “N (25)”; sensivelmente a meio, alinhado à direita, vem: “deste Amigo”; mais abaixo, lê-se: “Livros de varias /*cualidades/ de rimas/ e Bons romances e sonetos”. No rosto da segunda, ao cimo, no centro, vem o carimbo “Livraria da Universidade”; à direita, a lápis e em inscrição moderna, há a numeração, “I”; mais abaixo e sobre a esquerda, vem o número “196”; em plano inferior, surge a inscrição: “Minha Sra do meu coração/ estimarei que vm^{ce} pase livre de molestias”; há depois, mais abaixo, um “A” maiúsculo de grandes dimensões e, no final da página, lê-se: “q^m das elegancias usar arrependido se emende porque”. O verso dessa folha está em branco, à semelhança do que acontece com a folha seguinte, havendo apenas no rosto a numeração a lápis “II”.

A obra propriamente dita começa a seguir, numa folha que apresenta no rosto, no centro da parte superior, o carimbo “Livraria da Universidade” e, no canto superior direito, a lápiz, o número “III”. Vem depois, no interior de uma cercadura dupla, a castanho e vermelho, o seguinte título: “Monte de/ Apolo./ Parnazo das/ Muzas/ Obras Varias/ de/ Claudio Grogel do Amaral./ Tomo – 15/ Recopiladas por/ Hesope de Homero Mendes.”



Fólio II do Ms. 354 da Biblioteca Geral da U. Coimbra

Como se vê pela imagem reproduzida, a letra – também claramente do final do século XVII ou do início do seguinte – é cuidada e de fácil leitura, sendo predominantemente usada tinta castanha. A tinta vermelha é aplicada em alguns títulos, na classificação de poemas e na capitular de cada estrofe.

Numa folha que apresenta no canto superior esquerdo, a lápis, a numeração “IV”, vem a seguinte inscrição: “Triumphos da Beleza,/ Victorias do Amor/ Magestades da fermozura/ e impérios de Sylvia/ Escreveos, dedicaos, e consagraos/ Lizardo/ A soberania, â pompa, ao Lustre, a gala/ Das Flores/ A Syllvia Triunphante/ Imprimeos/ De Lizardo o affecto/ A custa de seus suspiros/ Em os bronzes/ Da Eternidade.” O verso desta folha está em branco, começando depois a transcrição dos textos atribuídos a Cláudio Grugel do Amaral, os quais ocupam os fólhos 1 a 135, todos eles numerados no rosto, com a mesma tinta castanha usada no resto da página.

2. Cláudio Grugel do Amaral: tio e sobrinho

Se o título com que abre o códice parece apontar para uma obra poética de estilo barroco, já a indicação de autoria pede uma identificação que não é imediata nem simples. Por outro lado, essa tarefa não é facilitada pelo caráter um tanto ou quanto burlesco do cólofon: não é de crer na veracidade de um compilador chamado “Ezope” e “de Homero”; o mesmo se pode dizer de “Tomo – 15”, a menos que a indicação seja interpretada como fazendo referência a uma coleção com vários autores (e não, portanto, às obras de um mesmo “Claudio Grogel do Amaral”).

Mas a identificação do autor é importante para a leitura da obra como parte de uma tradição literária. De acordo com aquilo que pude apurar, haverá duas hipóteses de atribuição de uma identidade precisa àquele nome, ambas brasileiras (no sentido, pelo menos, de nascidas no Brasil, ou na América Portuguesa) e ligadas pelo laço familiar de tio-sobrinho. A informação consta de um artigo de Nuno Canas Mendes (2000) em que são estudados dois ramos da família Amaral Gurgel que vieram para Portugal.

A. O primeiro Cláudio era neto do fundador da família no Brasil, o corsário Toussaint Grugel, natural de Le Havre: a mãe do hipotético poeta, Ângela de Arão do Amaral, era filha do francês, tendo casado por

volta de 1637 com o capitão João Baptista Jordão, natural de Azinhaga do Ribatejo. Cláudio Grugel do Amaral, o último dos sete filhos do casal, terá nascido por volta de 1654, no Rio de Janeiro, onde também morreria, assassinado, a 17 de abril de 1716. Veio para Coimbra estudar Cânones, matriculando-se em *Instituta* a 8 de novembro de 1670, de acordo com Francisco Morais (1949: 29-30). Obteria, segundo o mesmo autor, o grau de Bacharel a 14 de maio de 1676, alcançando a Formatura a 22 de maio do ano seguinte. Este Cláudio Grugel publicou em Coimbra, em 1675, um texto jurídico em latim, ainda na qualidade de estudante: *Ad Inchoanda Scholastica Certamina. Pontificii Juris Proponuntur Asseverationes...* Pela consulta do trabalho de Ángel Marcos de Dios (2001: 105), verifica-se que Cláudio Grugel frequentou igualmente a Universidade de Salamanca, onde obtivera aliás o bacharelato em Cânones a 2 de maio de 1675 (livro 752, f. 161v).

A 25 de junho de 1679 está de regresso ao Rio de Janeiro, de onde dirige uma carta ao Dr. André Nunes da Silva que encontrei na Biblioteca Nacional de Portugal (Ms. 245, n.º 141). O destinatário da missiva é um poeta de certo relevo do período barroco que viveu entre 1630 e 1705. Segundo Diogo Barbosa Machado (1731: I, 156-158), André Nunes da Silva terá ido, em tenra idade, com os seus pais para o Rio de Janeiro, onde frequentaria o colégio dos Jesuítas. Regressaria a Portugal em julho de 1650, com o objetivo de frequentar o curso de Direito Canónico na Universidade de Coimbra. Obteria o grau de bacharel em 1656, sendo mais tarde ordenado sacerdote. Enquanto poeta, destacou-se como membro da Academia dos Singulares e da Academia dos Generosos, publicando diversas obras e deixando outras inéditas.

A carta de Cláudio trata de diversos assuntos quotidianos e de uma encomenda de livros, não tendo por isso particular interesse para o assunto em questão, isto é, a autoria dos textos do código da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. De qualquer modo, é possível notar que se trata de um texto que revela domínio da escrita e cultura literária, embora esse dado não sirva de elemento de prova, na medida em que se trata de um requisito habitual num bacharel formado em cânones por Coimbra (e

Salamanca). Veja-se, contudo, a título meramente ilustrativo, o primeiro parágrafo:

Meu Sr.,

É certo que se não logram ditas neste mundo sem que ao mesmo tempo se experimente algum dissabor, que as faz não chegar ao auge da perfeição, porque como nele é tudo aparente e defeituoso tudo, ainda o que se mostra mais firme e mais perfeito padece as faltas, que bastam a diminuir-lhe a grandeza com que se nos representa; assim me sucede agora com o que me propunha o discurso ao tempo em que me embarquei e com o que a experiência me ensina, quando me vejo logrando a pátria (que não sei se suspirei com muita ânsia), cuja vista me alegrou de sorte que cheguei a julgar bem empregadas todas as aflições passadas, só pelo bem presente; porém, como este se não logra sem desares, era força que me sucedesse quando o possuio[,] o que é tão comum a todos; mas bem me rira eu desta regra tão geral, se não fora a saudade de V. M. a que perturba o contentamento com que me vejo, porque só ela sendo efeito do afeto com que estimo a V. M. pudera opor-se a tamanha ventura; ainda eu pudera continuar esta matéria apoiando a verdade do que digo, se não fora conhecer o crédito que V. M. dá à minha amizade e à fineza com que o venero, e assim me livro de mais rezões e a V. M. de tanta leitura.

Sabe-se ainda que Cláudio casaria, em 1684, com a carioca Ana Barbosa da Silva, resultando dessa união quatro filhos. Por alvará régio de 12 de fevereiro de 1688, seria nomeado Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro e desempenharia outras funções públicas, designadamente as de Vereador da Câmara e de Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Ocupou ainda, de acordo com Heitor Amaral (1964: 72-75), uma série de lugares relativos à defesa militar do Rio de Janeiro.

Tendo ficado viúvo a 2 de abril de 1695, abraçou a vida sacerdotal, aparecendo mais tarde envolvido num aventuroso episódio político-policial com o seu segundo filho, o Alferes José Grugel do Amaral. De contornos ainda mal esclarecidos, o caso parece ter tido a ver com a oposição – tanto de Cláudio como de seu filho José – ao Governador do Rio de Janeiro Francisco Xavier de Távara, que exerceu o cargo entre 1713 e 1716. O ponto alto do conflito foi a morte de João Manuel de Melo, favorito do Governador, às mãos do Alferes José. A vingança desse homicídio

acabaria por provocar a morte de Cláudio Grugel do Amaral, enquanto o filho – logrando escapar desta feita – viria a ser executado na Baía, em 1722.

Mesmo com o episódio que acabaria por provocar a sua morte, talvez não haja na biografia do possível poeta nada de absolutamente excepcional: produto da elite local, obtém formação superior em Portugal, volta à terra de origem, atuando como um homem do seu estatuto e da sua época, não hesitando em assumir o conflito com as autoridades que limitavam o seu poder.

B. Vejamos agora a outra possibilidade de identificação, correspondente ao sobrinho homónimo do precedente. Este segundo Cláudio, de acordo com Nuno Canas Mendes (2000: 246), nasceu também no Rio de Janeiro, por volta de 1681, e faleceu em Lisboa, a 19 de março de 1752. Estudou igualmente em Coimbra, obtendo o grau de Bacharel em Cânones, mas acabou por fixar residência em Lisboa, sendo nomeado Procurador da cidade em 1704. Mais tarde, em 1737, seria nomeado Superintendente da Junta da Administração das Obras das Águas Livres, assumindo um papel de grande relevo na resolução do problema de abastecimento de água à capital. Tinha casado em 1702 com Brites Teresa de Melo, natural de Maragojipe, no Recôncavo baiano.

Para além destes elementos biográficos, temos no próprio cancionário dois dados indiretos. O primeiro vem num poema (p. 121) em que o sujeito declara ter nascido em Portugal:

A ãa Senhora, que murmurava de Lisardo não fazer a Sílvia versos
senão em Português

Soneto

Em Portugal nasci, me diz o Cura,
em Portugal me fiz, tal qual Poeta,
parir podia minha Mãe em Creta
e falar-te-ia em língua mais escura;

que te pareça pois por desventura

Introdução

a Musa em português não ser discreta,
pouco vai, porque a musa de um baieta
teus fileles na lima não procura;

eu poeta (se sou) como enamoro
a Sílvia mais gentil, em a beleza
Anjo humanado, em o terreno Coro;

sendo Sílvia tão linda Portuguesa,
fora, Senhora Aminta, desaforo
o fazer-lhe eu os versos à Francesa.

Num outro momento da obra, há um texto em décimas em que um conjunto de damas, dirigindo-se a Lisardo, o dá “por Cabrão em Portugal,/ Conde de Cabra em Castela.” (p. 161). Aliás, já o autor do poema que serve de prólogo se referira ao autor como “excelso lusitano” (p. 56).

Não creio que elementos deste tipo ponham em causa a autoria de qualquer dos dois Cláudios atrás referidos: nascidos no Rio de Janeiro, são brasileiros mas não deixam de ser portugueses, não sendo portanto de estranhar que o sujeito diga “Em Portugal nasci (...)”, sobretudo num contexto em que justifica e defende a utilização da língua portuguesa. O facto aliás de afirmar que “em Portugal me fiz, tal qual Poeta” parece sugerir que a prática da poesia se iniciou com a vinda para Coimbra. Por outro lado, o conteúdo burlesco de parte da obra e a ausência de quaisquer referências ao Brasil no seu conjunto talvez autorizem a supor que a atividade poética do autor, qualquer que ele seja, se limitou ao período estudantil. Um último argumento obriga a antecipar uma questão discutida mais à frente: a relação – paródica – da obra manuscrita com a *Sílvia de Lisardo*, de Baltasar de Brito e Andrade, mais conhecido pelo seu nome religioso de Frei Bernardo de Brito. De facto, no prólogo do impressor que vem na 1.^a edição de *Sílvia*, de 1597, há também uma defesa da língua portuguesa:

Ficãdome de tudo isto o premio de ver a lingoa Portuguesa engrandecida com impreffões, & conhecida por esta via, a fermosura que tem, em Verso, & Proza, & os estrangeiros defenganados, da opinião que

entre jã trazẽ, de serem as Juas muy auentajadas da noſſa: & acabando de entender, que ſe algũas eſtrangeiras são mais copioſas de palauras, que ella; tẽ a Portugueſa melhoria, em mostrar mayores conceitos, em a ſua breuidade, que as mais em grande rodeo de palauras, & nacer algũã falta de pollicia (ſe tẽgora a teue) da muita que há de impreſſões, por meo das quais ſe apura em pouco tẽpo a groſſaria dos Idiomas. (Brito: 1597, f. s/n)

Note-se ainda que a referência ao francês no último verso do soneto de Cláudio pode aludir à origem francesa da família e/ou às pretensões francesas sobre o Rio de Janeiro que se faziam sentir no final do século XVII.

O segundo dado indireto que o cancionero nos fornece para a identificação do Cláudio Grugel do Amaral da folha de rosto está contido na Silva “Em aplauso do Autor” (pp. 53-8), escrita em castelhano e assinada por António Leitão de Faria. Não há no poema nenhuma pista biográfica, mas importa atentar em quem o assina. Segundo Álvaro Neves (1942), trata-se do filho de André Leitão de Faria. Este último viveu em Lisboa entre 1638 e 1722 e destacou-se como poeta, calígrafo e pintor. Os seus pais e os avós maternos eram naturais de São Salvador da Baía e uma das testemunhas do seu casamento foi André Nunes da Silva, o destinatário atrás referido de uma carta de Cláudio Grugel. Ora, o filho de André, António Leitão de Faria, nasceu em 1684, em Lisboa (Neves, 1942: 30), vindo a seguir as pisadas do pai: foi calígrafo e pintor, escrevendo também alguns poemas.

Com este dado, o processo de identificação de Cláudio Grugel do Amaral talvez não fique definitivamente fechado, embora as informações reunidas sejam bastante conclusivas. Se admitirmos que a Silva “Em aplauso do Autor” foi escrita por aquele António Leitão de Faria, somos obrigados a excluir o primeiro Cláudio, dado que em 1679 ele está de regresso ao Brasil e não consta que tenha voltado à metrópole. Torna-se, pois, provável que o Cláudio do cancionero manuscrito corresponda ao seu sobrinho, nascido no Rio de Janeiro três anos antes de António Leitão de Faria. O facto de este Cláudio já em 1704 ser Procurador de Lisboa permite admitir a convivência entre os dois. Falta, porém, uma data para a composição da obra, embora a natureza paródica e burlesca dos textos

pareça sugerir que se trata de um produto da juventude do autor, escrito possivelmente no início do século XVIII.

3. O par *Sílvia-Lisardo* em chave paródica

Passando agora a uma breve apresentação dos textos, importa começar por dizer que estamos perante um conjunto coeso e que forma um volume, ao longo do qual se conta, de algum modo, uma história sentimental e de vida. O segundo aspeto a referir tem que ver com o número e a diversidade dos textos: depois da silva prefacial, em espanhol, de António Leitão de Faria, há um total de 68 composições de Cláudio Grugel do Amaral, 37 na primeira parte e 31 na segunda. A sua distribuição por formas está de acordo com as linhas gerais do barroco em português (e em espanhol): para além de dois textos em prosa (no interior dos quais há também vários poemas, que não serão considerados de forma individualizada nesta contabilização), temos 28 sonetos, 17 romances, 15 poemas em décimas, três madrigais, duas endechas e uma silva.

A simples leitura dos primeiros poemas permite reconhecer de imediato estilemas barrocos, que sabemos dominarem ainda a literatura luso-brasileira do princípio de setecentos. Como ficou dito acima, a primeira parte do livro, talvez a mais previsível (no sentido de mais próxima da linguagem lírica da época), apresenta o título: “Triunfos da Beleza, Vitórias do Amor, Majestades da fermosura e Impérios de *Sílvia*. Escreve-os, dedica-os e consagra-os Lisardo à soberania, à pompa, ao Lustre, à gala das Flores, a *Sílvia* Triunfante. Imprime-os de Lisardo o afeto, à custa de seus Suspiros, em os bronzes da Eternidade.” A escolha dos nomes do par amoroso não deixa dúvida quanto ao hipotexto (de acordo com a categorização de Genette) usado por Cláudio Grugel do Amaral: a *Sílvia de Lisardo*, de Frei Bernardo de Brito (*1568-9 †1617).

Publicada pela primeira vez em 1597, sem indicação de autoria,¹ a obra voltaria a sair, já com atribuição a Frei Bernardo de Brito, em 1626 (Lisboa: Lourenço Craesbeck), 1632 (idem), 1668 (Lisboa: Joam da Cos-

¹ Mas com a atribuição feita por contemporâneos, como Manuel de Faria e Sousa e Manuel Severim de Faria.

ta) e 1784 (Lisboa: Francisco Luis Ameno). Os poemas que a integram terão sido compostos entre os anos 80 e 90 do século XVI, antes ou não muito depois de o autor ter entrado para a Ordem de Cister e professado, em 1585, no Mosteiro de Alcobaça.



Folha de rosto da edição de 1597 da *Sílvia*, com o nome do autor acrescentado à mão

De orientação maneirista, a obra do polígrafo almeidense revela nítidas características do petrarquismo, sobretudo na parte inicial, correspondente às formas italianizantes (sonetos e églogas). Nela se inclui também o “Sonho de Lysardo, que he quasi como a següda parte de Crisfal”, em que a história do amor de Crisfal – que deixara de ser correspondido por Maria, ingressada num convento – é usada para estabelecer um paralelismo com o amor de Lisardo por Sílvia. A par desta, há também, como notou Nelma Patela da Silva, uma vertente, geralmente sob a forma de

romance, que revela “uma certa ousadia e uma maior intensidade quer na vivência quer na forma de exprimir as emoções” (Silva, 1998: 63).

Esta direção, por assim dizer dupla, é também acompanhada por Cláudio Grugel, que começa a obra num registo petrarquista – embora barroco, sobretudo na sintaxe –, dialogando às vezes de forma explícita com alguns dos poemas de Frei Bernardo. Veja-se os sonetos que servem em cada uma das obras de dedicatória, começando pelo do poeta português:

Soneto de Lysardo a suas obras.

Versos, que indício fois de meus ardores,
Rima, que meus segredos publicastes,
lagrimas, que tambem solemnizastes,
ao som de andechas tristes minhas dores

Agora que vos vejo em mortas cores
á vista do painel que retratastes,
góstio de vos olhar pois não leuastes
a olhos estrangeiros meus amores,

Se acontecer a caso, que entendida
do mundo seja a dor, que em vós publico
mostrai a causa que ouue de renderme:

Que sendo dos leitores conhecida,
verão que em me perder sem culpa fico,
& que fora mór culpa não perderme. (Brito, 1697: f. s/n)

Vejamos agora o do autor carioca:

A Sílvia

Dedicatória

Soneto

Estes triunfos teus, estas vitórias
de um amor firme, de ãa fé constante,
Lisardo, ó Sílvia, te oferece amante

quando ao mundo publica tuas glórias;

não escreve, bem sabes, vãs histórias,
porém dessa beleza tão brilhante
prendas ilustres, quando mais triunfante,
consegue de Lisardo altas vitórias;

ouve pois seus suspiros, que sentidos
são os triunfos dessa gentileza[:]
não sejam nos desdéns tão desabridos,

nem nos rigores, menos na fereza
como é o peito teu, os teus ouvidos,
como é na condição tua beleza. (p. 59)

Há muitos outros casos em que o intertexto assume uma configuração semelhante, isto é, em que a alusão é de tal modo subtil que não permite detetar de imediato o diálogo entre os dois textos. É o caso do motivo clássico do retrato, que Frei Bernardo desenvolve com subtileza maneirista e ligeira ressonância camoniana:

Soneto em que diz, que quando se via nos olhos de Siluia achava em si merecimento pera a querer, & ausentandose o perdia de vista.

Quando me vi nos olhos que me virão,
vestido com librea d'esperança,
cuidei que aquella cor era bonança,
& não q os proprios olhos ma vestirão.

E como disto alegre me sintirão,
por não dilatar mais tal confiança,
fizerão em si mesmos a mudança,
que no lume dos meus logo imprimirão,

Em fim, que quando em Siluia retratado
me vi, & não em mim, achei comigo
bastante opinião pera querela:

Mas quando a não vi, defenganado
fiquei, porque leuou ella configo
o preço, com que pude merecella. (Brito, 1597: f. 3v)

Esta particular transformação do amador em cousa amada lembra ainda, por antecipação, uma passagem de *No antigamente na vida* de Luan-dino Vieira: “E eu olhei os olhos nos olhos dos olhos meus dentro dos dela.” A réplica de Grugel sublinha, pelo contrário, uma espécie de dualidade entre significante e significado, entre retrato e alma, no quadro mais amplo do sofrimento de amor:

A Sílvia

Enjeitando um retrato a Lisardo

Soneto

A alma deste retrato não me entregas
quando mo entrega teu desdém ingrato,
pois se a efígie te dei deste retrato,
a alma que te entreguei nele me negas;

neste lance tão vil, ingrata, alegas
o que esta alma padece em teu mau trato,
pois entregando-ta eu a teu recato,
fica em ti e do retrato te despegas;

a alma, enfim, te entreguei, nesta pintura[:]
esta me entregas, tens naquela a palma[:]
que importa logo pois que em sorte dura

me enjeite do rigor em brava calma
este retrato tua fermosura,
se em ti, Sílvia cruel, me fica a alma? (p. 62)

A lista de casos poderia ser aumentada. Frei Bernardo tem, por exemplo, um “Soneto que Lysardo fez a Siluia em dia de Paſcoa, eſtando auſente della, & tendoa viſto a noite da Paixão.” (Brito, 1597: f. 16), ao passo que o poeta do Rio apresenta outro “A Sílvia/ Trazendo ãs flores na mão ãa manhã de Páscoa” (p. 101). Refira-se que, já nesta primeira parte do volume manuscrito, há momentos em que o diálogo intertextual assume contornos paródicos. Confronte-se o “Soneto feito a Silvia, porque eſtando ennaſtrando os cabellos em hum jardim, veo hũa grande tempeſtade.” (Brito, 1597, f. 17) com um poema em décimas de Cláudio,

dedicado “A Sílvia/ Estando sonolenta à vista de Lisardo e despertando a uns trovões” (pp. 90-1), o qual apresenta um nítido teor burlesco, como se percebe da seguinte passagem:

Estou para vos dizer
desta raiva em a paixão
que tomara ser trovão
para acordada vos ter;
pois que à vista de um querer
com sono estais, minha flor,
donde infere a minha dor
que para tal formosura
tem um trovão mais ventura
do que forte o meu amor.

De resto há nesta secção inicial muitos momentos em que a representação mais ou menos petrarquista da amada resvala para o plano carnal e adquire um tom licencioso, bem mais carregado, pois, que a sugestão erótica que vai aparecendo na parte final da obra de Frei Bernardo de Brito, geralmente sob a forma de romance. Vejamos duas passagens de uma endecha (pp. 109-4):

As tetinhas alvas,
filagranas todas,
da mais alva neve
(minha Sílvia) zombam.

Manjar branco em pelas
nessas tetas mostras,
que muito as desejam
vontades gulosas.

(...)

Falemos na saia
que teu corpo assombra;
mal o haja ela,
que o mais me não mostra.

Que eu to retratara,
fresquinha senhora,

em prisões de prata
o botão da rosa. (vv. 41-48; 89-96)

Mas é na segunda parte do volume que o registo paródico é definitivamente confirmado. Usando de forma sarcástica o motivo clássico do amante enganado, os textos dão conta do fracasso da relação amorosa entre Lisardo e Sílvia, devido à traição da dama, que percebemos agora ser freira. O título anuncia com clareza a mudança de registo: “Cornucópia que em o congresso Poético dos famosos Académicos noturnos celebradamente se teceu em os celebrados cornos que pôs a fermosa Sílvia a seu amante, Lisardo. Oferece-a e dedica-a o Desengano a todos os Amantes, mentecaptos, Basbaques, Ansiosos Tântalos e aéreos cameliões em os enganosos amores de Freiras. Imprime-os a disquirição. À Custa dos mesmos Néscios.” Segue-se uma paródia dos elementos habituais numa edição impressa: um soneto em que Apolo manda rever os poemas “A Trajano Bocalino, como a censor do Parnaso” (pp. 137-8); um outro em que Bocalino dá conta da censura que fez (p. 139); outro em que Apolo dá a licença para a impressão (p. 140); outro com a “Taxa que a Mesa do Paço de El-rei Apolo pôs a este Livro.” (p. 141); a dedicatória “Aos Senhores amantes Freiráticos” (p. 142); um soneto enviado do Inferno por Marcial “Aos Senhores Académicos Noturnos” (p. 143); o soneto de resposta “pelos mesmos consoantes” (p. 144); e, por fim, um soneto “Ao pio e devoto Leitor” (p. 145).

A *Cornucópia* propriamente dita é formada por quatro poemas que dois amigos e algumas damas dirigem a Lisardo: uma silva, um romance, um poema em décimas e uma endecha. A título ilustrativo, vejamos uma passagem do romance (pp. 156-160):

Convosco falo, Lisardo,
porque falando convosco
cornos tudo são que vejo
e cornos tudo o que topo.

Cornos fêmeas, cornos machos,
cornos grandes, cornos mochos,
cornos grandes e piquenos,

cornos delgados e grossos.

Cornos com nós de Boi velho,
cornos de veado e cornos
de carneiro e de cabrão,
cornos que não tem já conto.

E são tantos que podeis
ter os timbres bem famosos
dos Duques de Cornualha
e mais dos Cornélios todos. (vv. 25-40)

A terceira e última parte do volume constitui uma espécie de resposta de Lisardo à sátira anterior. O primeiro texto é uma longa dedicatória em prosa: “À Senhora Caterina do Sacramento dedica, oferece e consagra Lisardo os Triunfos de sua Beleza” (pp. 173-6). Segue-se um outro texto em prosa, ainda mais extenso, intitulado “Advertência Apolegética, Rezaõ satisfatória, Discurso demonstrativo deste empenho: Às Senhoras que curiosamente lerem estes Troféus de amor, em os Triunfos da maior Beleza” (pp. 177-206). Nele o sujeito, lamentando a sátira de que Sílvia fora objeto, narra um sonho em que se vira no Pindo, aí encontrando os autores da *Cornucópia*. Tal como eles, também o narrador, que se chama Artimodoro,² é preso e levado à presença de Apolo, acusado de ter sido o pretexto dos crimes de que todos são acusados: a prática da sátira e da poesia lasciva.

Entre os aspetos curiosos que ressaltam da descrição do Pindo, está a referência ao escasso número de portugueses que o habitam. Segundo Polidoro, um raro português que o narrador encontra, natural do Minho (e, portanto, “nas palavras fazia do *V. B.*”):

(...) não vereis Portugueses senão algum ou que o obrigue o interesse ou o necessite a pobreza, pois têm entre si que a ciência não é fidalguia, que a Poesia é loucura, que a história é ociosidade e que é esta corte mais corte de uns mendicantes que necessitam alimentos do que de Fidalgos que disbaratam riquezas, sem verem que as da fama são

² Nome certamente inspirado em Artemidoro de Daldis (ou de Éfeso), oniromante e adivinho grego, que viveu na segunda metade do século II d.C. e que escreveu um livro sobre a interpretação dos sonhos.

eternas e as que possuem caducas, que estas acabam com a vida e aquelas se perpetuam depois da morte. (p. 188)

Para além desta crítica à desvalorização da cultura, há outras questões afloradas nesta parte do texto que merecem destaque. Tal é o caso da invetiva contra o plágio:

Estes que em tão avultado rancho vedes são ladrões, uns de carapuço de rebuço, outros de estrada e outros fromigueiros, vil sevandija de Respública que o Monarca Apolo quer extraminar do mundo, pois nenhum Poeta vassalo seu tem segura a sua casa com tais ladrões. Os fromigueiros são os que destrocando um romance furtam ãa copla, porém daqui não passam; os de estrada são os que com cara descoberta, furtando obras alheias, as publicam como façanhas suas; os de carapuça de rebuço são os que acelerando engenhos para as Poesias, compram os aplausos para os créditos. (pp. 189-190)

Igualmente de relevo é a questão da justiça e dos seus agentes, verberados de modo contundente:

(...) e como isto nos parecia sonho, sem sabermos por onde acordá-mos, sem sermos Desembragadores, em Relação, que há Ministros que atordoam tanto aos réus que os matam antes que os sentenciem e os tratam de sorte que os matam; e parecem mais as prisões aparelhos para forca do que para cadeia. (p. 191)

Voltando à narrativa, refira-se que os réus começam por ser condenados a casar com as damas que tinham apresentado queixa a Apolo. Contudo, mais tarde, depois de um longo discurso marcado pelo humor misógino, o narrador e os seus companheiros acabam por ver a sentença comutada: são suspensos “das ordens de Poetas, mandando as Musas os não socorram com nenhuns consoantes, sob graves e terríveis penas, por tempo de dous Anos” (p. 200). São também enviados, pelo mesmo período de tempo, para a nova conquista do Monomotapa, ao passo que as queixosas são mandadas recolher a um convento. O narrador recebe ainda a ordem de queimar a *Cornucópia* e de louvar Sílvia em verso, sob o nome de Lisardo.

Como se percebe estamos agora mais longe do hipotexto da *Sílvia de Lisardo*: se é verdade que o motivo do sonho e da freira dialogam com o “Sonho de Lysardo, que he quafi como a segūda parte de Crisfal”, a viagem ao Parnaso terá outras fontes. O tema aparece com frequência na literatura clássica, sobretudo espanhola. Basta recordar *Viaje del Parnaso* de Cervantes (1614), *Laurel de Apolo* de Lope de Vega (1630) ou *El Sacro Parnaso* de Calderón de la Barca (1659). Na literatura portuguesa também se mantém até tarde, como se pode ver pelo poema joco-sério de finais de setecentos *A Josefínada*, de Manuel Rodrigues Maia.³

A parte derradeira do volume de Cláudio Grugel é ocupada com o cumprimento da sentença de Apolo: ao longo de 18 poemas (oito romances, oito poemas em décimas e dois sonetos), Lisardo louva D. Caterina do Sacramento, voltando-se assim ao ponto de partida e encerrando a obra no mesmo registo elevado e engenhoso com que começara. Sirva de exemplo a primeira estrofe de um poema em décimas (pp. 233-4):

À mesma Senhora, tendo na toalha ãas Flores secas

Décimas

Se ao sol de vossa beleza
essas flores não murcharam,
com menoscabos ficaram
dessa sua gentileza;
pois murchando com destreza
de tal beleza ao farol,
mostraram que no arrebol[,]
de tal sol nos resplendores
eram, Caterina, flores
e vós um luzido sol. (vv. 1-10)

Chegando ao fim desta breve apresentação, não é fácil extrair uma conclusão sobre o sentido da paródia: Que visa esta imitação cómico-caricatural de uma obra ainda canónica no final do século XVII, inícios

³ Cf. Amaral, 2011.

de setecentos? Trata-se de uma forma de homenagem ou de uma crítica carnavalesca aos valores que ela representa ou ainda de uma atualização bem-humorada dos amores freiráticos tão presentes na literatura barroca? A resposta exigirá mais trabalho, agora um pouco mais facilitado com a disponibilização ao público desta edição, que traz para a literatura luso-brasileira uma nova voz, com o seu quê de irreverente e uma notável capacidade de transitar do verso para a prosa e do registo mais elevado para formas mais populares.

Bibliografia geral da edição

Amaral, Andreia (2011). *A “Josefinada” de Manuel Rodrigues Maia: um poema joco-sério sobre um caso de plágio no final de setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Amaral, Cláudio Grugel do (1675). *Ad Inchoanda Scholastica Certamina*. Coimbricae: apud Iosephum Ferreyra.

Amaral, Heitor Luís Gurgel do (1964). *Uma Família Carioca do Século XVI*. Rio de Janeiro: São José.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 354.

Biblioteca Nacional de Portugal, Ms. 245, n.º 141.

Bíblia sagrada para o terceiro milénio da Encarnação (2003). 4.ª ed. Coordenação geral de Herculano Alves. Lisboa / Fátima: Difusora Bíblica / Franciscanos Capuchinhos.

Bluteau, Rafael (1712-1728). *Vocabulário Portuguez e Latino (...)*. 10 vols. Coimbra / Lisboa: Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica.

Brito, Frei Bernardo de (1597). *Silvia de Lysardo em que ha varios Sonetos, & Rimas, com a segunda parte do Sonho de Chrisfal*. Agora novamente impressa, & posta em ordem por Alexandre de Siqueira, Impressor de livros. Lisboa.

Dane, Joseph (1998). *Parody: Critical Concepts Versus Literary Practices: Aristophanes to Sterne*. Norman and London: University of Oklahoma Press.

- Hutcheon, Linda (1991). *Theory of parody: the teachings of twentieth-century art forms*. New York: Routledge.
- Lisboa, Câmara Municipal de (1990). *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: C.M.L.
- Machado, Diogo Barbosa (1731). *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Tomo I. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- Marcos De Dios, Ángel (2001). *Os portugueses na Universidade de Coimbra desde a Restauração até às reformas iluministas do Marquês de Pombal*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.
- Mendes, Nuno Canas (2000). Do Brasil para Portugal: itinerários genealógicos de dois ramos da família Amaral Gurgel. *Genealogia & Heráldica*. Porto: Universidade Moderna. 3, pp. 233-237.
- Morais, Francisco (1949). Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil. *Brasília*, vol. IV – Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador; Coimbra.
- Neves, Álvaro (1942). “*Eques Faria Filius*” é António Leitão de Faria: processo de identificação do calígrafo e desenhador do século XVIII. Lisboa: Bertrand.
- Silva, António de Moraes (1889). *Diccionario da lingua portugueza*. 2 vols. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense.
- Silva, Inocência Francisco da (1858). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, Nelma Cristina Mesquita Gomes Patela Cardoso da (1998). “*Sílvia de Lissardo*”: edição e análise do texto. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa – Época Medieval e Clássica. Lisboa: FLUL.
- Topa, Francisco (2011). Nas origens da literatura brasileira: um poeta luso-brasileiro desconhecido. *Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre / Lisboa. IV: 2, pp. 167-171.
- Topa, Francisco (2021). Cláudio Grugel do Amaral e Frei Bernardo de Brito: sentidos da paródia. In Fiuza, Solange et al. (org). *Interloquções poéticas Brasil / Portugal*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 89-108.

Introdução

Vasconcelos, José Leite de (1925). *A figa: estudo de etnografia comparativa, precedido da algumas palavras a respeito do “sobrenatural” na medicina popular portuguesa*. Porto: Araújo & Sobrinho.

Silva, Matias Pereira da (1746). *A Fenix Renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes*. Publica-o Mathias Pereira da Sylva. IV. tomo. E de novo acrescenta-o com varias obras de alguns authores. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues.

II. Esta edição

1. Orientação global

Como se explicou atrás, a tradição desta poesia inédita atribuída a Cláudio Grugel do Amaral (e a António Leitão de Faria) é muito simples, uma vez que os textos são transmitidos por um único testemunho. Apesar disso, não sabemos em que condições foi a cópia preparada, o que nos impede de avaliar o seu grau de fidelidade ao original perdido.

Nestas condições, entendi que era preferível editar da forma mais próxima possível o manuscrito que transmite a obra, tanto mais que daí não resultam especiais dificuldades de entendimento para o leitor contemporâneo. Apesar disso, em casos pontuais – devidamente assinalados e justificados –, efetuei algumas correções, quase sempre relacionadas com pequenos lapsos métricos ou com questões de pontuação.

A opção de me manter fiel ao testemunho levou-me também a evitar a normalização dos traços suscetíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspetos da arte poética das composições.

2. Normas de transcrição dos textos

Como é sabido, a ortografia do período em que foram compostos os textos – provavelmente o início do século XVIII – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, não sendo fácil de perceber se se trata de meras variantes gráficas.

Assim, e respeitando a orientação global exposta no ponto anterior, atualizei apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas. Não é certo, contudo, que tenha conseguido seguir um caminho absolutamente coerente.

Vejamos então as normas de transcrição adotadas:

α) Para os poemas em português

A. Vogais

i. Normalizei de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *rigorosa* e *murmuração* em vez de *riurosa* e *mormuração*;

ii. Normalizei as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de palavra, com til antes de vogal e, em palavras como *vã*, em final de vocábulo. Respeitei, contudo, oscilações de tipo arcaizante ou popular em formas como *mi* / *mim* ou *nuve* / *nuvem*;

iii. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, o manuscrito opta quase sempre pela representação em hiato – *hũa*, *algũa*, *nenhũa*. Ora, sendo certo que a grafia moderna, com a consoante nasal bilabial, só se generalizou no século XVIII, a verdade é que o seu desenvolvimento já tinha ocorrido nos finais de quinhentos. Mesmo assim, respeitando a orientação conservadora que adotei, preferi manter a grafia do manuscrito;

iv. Substituí o *y* por *i*, em palavras como *Sylvia* ou *peyto*;

v. Normalizei a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma atual: vogal seguida de *e* (e, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *Estaliam*, *dedicão* ou *pavoens* passaram a *Estalião*, *dedicam* e *pavões*;

vi. Modernizei a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. No manuscrito, são frequentes as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *cardeaes* > *cardiais*; *mao* > *mau*; *cea* > *ceia*; *galanteo* > *galanteio*; *trofeo* > *trofeu*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.^a conjugação (como *concorreo*) > *concorreu*; *lençoes* > *lençóis*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.^a conjugação (como *despio*) > *despiu*;

vii. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optei também por representar a semivogal através de *u*, escrevendo *língua* e *minguante* em lugar de *língua* e *mingoante*;

viii. Conservei certas formas arcaicas de grafia dupla, na medida em que correspondem a realizações alternantes, algumas das quais se mantiveram: a oscilação entre *e* e *a*, como em *Caterina* / *Catarina* ou *maniatar* / *manietar*; entre *e* e *i*, como em *envejar* / *invejar* ou *piqueno* / *pequeno*; entre *e* e *o*, como em *fermosura* / *formosura*; entre *ou* e *oi*, como em *dous* / *dois* e *noute* / *noite*;

ix. Aceitei também grafias reveladoras de monotongação ou de consciência etimológica como *loco*, *luquice* (que alterna com *louquice*) e *dotrina*; pela mesma razão, conservei casos de ditongação, como em *Ouví-dio*;

x. Conservei algumas formas antigas ou populares, como *defensa* ou *alimpar*;

B. Consoantes

xi. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizei o emprego do *h* de acordo com a norma atual. Eliminei-o, designadamente em posição inicial (como em *he*, 3.^a pessoal do singular do presente do indicativo do verbo *ser*, ou em *hum*) ou intervocálica (como em *cahir*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*Amalthea*); introduzi-o em casos como *eresia*;

xii. Por não serem reflexo da pronúncia, simplifiquei formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respetivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *occultar* > *ocultar*; *offender* > *ofender*; *agravo* > *agravo*; *illustre* > *ilustre*; *anno* > *ano*; *Appelles* > *Apeles*; *setta* > *seta*;

xiii. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a refletir-se na pronúncia do português, eliminei o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *sciencia* a *ciência*;

xiv. Pelos mesmos motivos, simplifiquei de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*victória* > *vitória*); *-mn-* (*somno* > *sono*); *-ps-* (*presumpção* > *presunção*); *-pt-* (*assumpto* > *assunto*). Mantive-os em todos os casos previstos no uso atual do português europeu, respeitando contudo, em grupos como *-bt-*, a alternância entre *subtil* e *sutil*; no caso de *-gn-*, formas como *persinar*; e, perante *-sc-*, oscilações do tipo *lácivo*, *convalesença*, e *nascer*, *néscio*;

xv. Representei as oclusivas velares segundo o uso moderno, pelo que passei *Monarcha*, *Rachel* ou *kalenda* a *Monarca*, *Raquel* e *calenda*;

xvi. Regularizei também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *Phenix* ou *triumpho*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas atuais, pelo que *ância* ou *prezumir* passarão a *ânsia* e *presumir*;

– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *empuchão* e *fas* passarão a *empuxão* e *faz*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *magestade* passará a *majestade*;

xvii. Conservei certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *tromento* e *porpor*; é o caso ainda de *ignima* e *begnino* (que alterna com *benigno*);

xviii. Também pelo facto de corresponder a uma realização alternante, aceitei a grafia *rostro* (que alterna com *rosto*) e formas arcaicas ou populares como *despois*, *malencónico* ou *paracismo*;

C. Aspetos morfológicos

xix. Separei e uni as palavras de acordo com o uso moderno, passando, por exemplo, *em fim* (com valor adverbial) a *enfim*;

xx. Desenvolvi as abreviaturas, aliás pouco frequentes;

xxi. Distingui, de acordo com a grafia atual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

xxii Conservei arcaísmos morfológicos do tipo de *comua* (feminino de comum) e *aceito* (forma masculina do particípio passado de aceitar) e, no caso dos pronomes oblíquos átonos de 3.^a pessoa plural, aceitei a oscilação entre *lhes* e *lhe*, como é característico da época. No entanto, por uma questão de clareza, acrescentei entre parênteses retos o *-d-* nos casos em que a 2.^a pessoa do plural do futuro do conjuntivo aparecia grafada sob a forma de 2.^a pessoa do singular (*teres* > *ter[d]es*);

xxiii. Respeitei todas as formas que evidenciam processos de redução silábica, como *val* (forma verbal), *inda*, *exprimentar* e as formas de 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo de *ter* (que aparece tanto sob a forma de *tem* como de *têm* – neste último caso, chamei a atenção em nota para o facto de a palavra dever ser lida como monossílabo);

D. Diacríticos

xxiv. Com a particularidade indicada no ponto anterior, regularizei o uso dos acentos;

xxv. Usei o apóstrofo para indicar certos casos de elisão vocálica, como em *c'os*;

xxvi. Regularizei a utilização do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos;

E. Maiúsculas e pontuação

xxvii. Evitei introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferi mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso atual. Apesar disso, contrariando a oscilação do manuscrito, generalizei o seu uso nas formas de tratamento;

xxviii. Ciente de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurei intervir o mínimo possível neste aspeto. Apesar disso, não renunciei à

tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que o testemunho revela serem os hábitos da época e as normas atualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituí aquele sinal por este. Por outro lado, suprimi a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à exceção dos casos previstos na norma atual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. Além disso, introduzi as aspas para assinalar o discurso direto. As outras poucas modificações que me senti obrigado a fazer virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto.

β) Para o poema em espanhol

Alguns dos critérios apontados para a transcrição dos textos em português são comuns ao único poema em castelhano, pelo que não os repetirei agora. As normas privativas do poema em espanhol resultam sobretudo da necessidade de eliminar, na medida do possível, um *ruído* que se interpôs entre a previsível vontade do autor do texto e a forma por ele revestida na versão que no-los transmitiu: basicamente trata-se da emergência de traços gráficos lusitanizantes, devidos talvez à menor familiaridade do copista com o castelhano. São os seguintes os princípios que adotei:

i. Embora se trate de um mero signo gráfico, utilizei o *h* de acordo com os hábitos do espanhol, o que me levou, por exemplo, a passar *armonía* para *harmonía*;

ii. Representei a oclusiva bilabial surda de acordo com as convenções do castelhano, o que me levou, por exemplo, a escrever *Joven* em lugar de *Joben* e *describes* em vez de *describes*;

iii. Representei a oclusiva velar surda de acordo com as normas do espanhol, grafando *elocuente* e não *eloquente*;

iv. Regularizei também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa interdental surda virá transcrita como *z* antes de *a*, *o* e *u*, e como *c* antes de *e* e de *i*, pelo que *luzero* passará a *lucero*;

– a fricativa alveolar surda virá representada como *s*, o que levou a que *jocozo* passasse a *jocososo*;

– a fricativa velar surda será transcrita como *j* ou *g*, de acordo com as normas do espanhol, o que me levou a passar *x* para *j* (*dexando* > *dejan-do*);

v. Admitindo que a influência do português fosse meramente gráfica, alterei a forma de representar a desinência de 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo de verbos da 1.^a conjugação, passando *parou* para *paró*.

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

Os textos de António Leitão de Faria e de Cláudio Grugel do Amaral serão apresentados pela ordem do seu aparecimento no códice.

Uniformizei um aspeto da pontuação das legendas, suprimindo o ponto final nos casos em que ele aparecia. Fiz o mesmo quanto ao ponto final que muitas vezes se seguia à indicação da forma poemática.

A mudança de estrofe, que no manuscrito é assinalada através de um recuo da linha do verso e da utilização de tinta vermelha para a representação da primeira letra, será agora indicada através de intervalo interestrófico. No caso das silvas e madrigais, optei por recolher os versos quebrados.

A edição de cada composição terá quatro partes:

i. Um número de ordem, contínuo (para a silva de António Leitão de Faria usei uma letra maiúscula, de modo a tornar clara a distinta autoria);

ii. Seguir-se-á o texto crítico, com os seus dois momentos: a legenda e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tiver efetuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usarei as chavetas e para as adições os colchetes. As leituras dubitadas surgirão entre barras oblíquas, precedidas de asterisco. No v. 2 da peça 14, há um espaço em branco correspondente a duas sílabas métricas; para o assinalar inseri um pequeno quadrado;

iii. No final dos textos, no espaço do rodapé, separado por uma linha e em corpo menor, virá o aparato crítico, que poderá comportar quatro par-

tes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, comportando apenas as lições divergentes. Havendo um só testemunho para cada texto, esta primeira parte servirá para dar conta da lição presente no manuscrito nos casos em que a edição que proponho dele diverge. A chamada do texto será feita por uma letra minúscula colocada em expoente (a mesma que terá sido usada na edição do texto), fazendo-se a identificação do lema de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante;

b) A justificação da emenda que tiver efetuado;

c) O glossário e as notas que entendi necessárias para o esclarecimento de qualquer aspeto do texto, cada uma delas precedida de um número em expoente (o mesmo que aparece já na edição do texto em causa). Poderei também incluir neste espaço alguma observação sobre particularidades ou irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais, rimáticas – dos versos. Faço notar que algumas notas parecerão por certo desnecessárias ou demasiado ligeiras ao leitor adulto e erudito. Acontece que, não estando certo quanto ao público que poderá interessar-se por este trabalho, pensei sobretudo nos alunos médios com que habitualmente trabalho;

d) Um breve apontamento sobre a poética do texto;

e) A indicação do testemunho que transmite o poema, que neste caso tem como principal interesse a indicação das páginas que ele ocupa no códice.

III. A obra

MONTE DE APOLO

PARNASO DAS MUSAS

Obras Várias de Cláudio Grugel do Amaral

Tomo - 15

Recopiladas por Hesope de Homero Mendes

*TRIUNFOS DA BELEZA,
VITÓRIAS DO AMOR,
MAJESTADES DA FERMOSSURA
E IMPÉRIOS DE SÍLVIA*

Escreve-os, dedica-os e consagra-os Lisardo

*À soberania, à pompa, ao lustre,
à gala das Flores, a Sílvia Triunfante*

Imprime-os de Lisardo o afeto

*à custa de seus suspiros,
em os bronzes da Eternidade*

A.

Em aplauso do Autor

Silva

Excelso Joven, remontado Cysne,
Cantor sublime, diestro y elocuente,
Orfeo el más ciente,
que cantando con voz de Filomena¹
5 igualas en lo dulce a la sirena;²
tan singular describes
los poemas que escribes
que en cadencias suaves
y en estilos graves
10 (siendo tu metro a todos agradable),
encantas con lo dulce y con lo afable.

Tu ingenio es sin segundo,
tu discurrir jamás se vio nel mundo,
pues es tal tu elocuencia
15 que en lo serio, lo lirico y jocoso,
se muestra tan garboso
tu juizo soberano
que angélico parece, más que humano,
dejando al mundo en mucha admiración
20 tu alto saber, tu rara erudición.

Tu mucho entendimiento,
volando más do que un ligero viento,
penetra y pasa todas las Esferas
y con alas ligeras,
25 rompiendo la Etérea galaría,

Lucero es del día,
y cada Poema tuyo, por lo raro,
que es rayo d'eso sol nos queda claro.

30 ¡O varón generoso
 que con modo curioso
 nos das a conocer
 tu altivo saber!
 Pero no digo bien,
 ¿pues quien ha de ser? ¿Quien
35 tan rude y tonto que aún no supiese
 tu ingenio y en el no advertiese,
 cuando hoy tu saber en todo el mundo
 no admite segundo,
 pues tu talento solo
40 pasa siempre del uno al otro polo,
 siendo la fama del, por peregrina,
 volante eternidad, Fénix divina,
 triunfadora del tiempo y de la suerte
 que se cría y renace de su muerte?

45 Descrebiste con tan garboso modo
 de un amante el laberinto todo
 y la correspondencia
 de su Dama con mucha excelencia,
 refiriendo con metro elegante
50 así a la Dama como al mismo amante,
 ya entre dichas suaves,
 ya entre penas graves,
 ya receosa la Dama,
 ya el Amante ardiendo en viva llama,
55 ya sintiendo ausencias,
 ya riendo, ya llorando,
 ya su suerte admirando,

ya jurando lealtades,
siendo entre buena y prospera bonanza,
60 exención verde y pompa sin mudanza.

Él ya por firme y por enamorado,
declarando a su dueño su cuidado,
y ella ya con gran ferocidad
dice al galán que todo es falsedad,
65 y los celos lugar viendo en su seno,
van vomitando el horrido veneno,
pareciendo ansí, por vana y fiera,
que solo pasatiempo el amor fuera;
y finalmente, cuando en amor crecen,
70 se adoran, se confirman, se aborrecen,
llorando y gimiendo entre desdenes
presentes males y pasados bienes.

Todo aquesto con tanta harmonía,
en tan dulce y suave melodía,
75 canta en metros suaves
tu voz que excede a las canoras Aves,
retratando a lo vivo
destos amantes el incendio activo.

Hoy nel orbe los Poetas más selectos
80 no se admiran discretos;
atendiendo a tu frase tan subida,
la frase de ellos queda escurecida;
ya no brilla en el mundo
ese que aclaman sabio el más profundo,
85 Camões excelso digo,
que fue compositor tan elevado
que se juzgó de Dios iluminado;
ya de Lope³ dio fin la altiva fama

90 y de Esquilache,⁴ a quien el mundo aclama
por Príncipe, por docto y por ciente,
secó lo sabio, paró lo elocuente;⁵
ya no se oye en todo el universo
ningún poema y verso
de Cáncer,⁶ de Boscán,⁷ de Garcilaso,⁸
95 ni la fama en su abono mueve el paso.

De Góngora⁹ se olvida y de Perera¹⁰
el loor y no sigue su carrera
el aplauso que a pares
se tributaba a Sosa¹¹ y a Soares;¹²
100 ya el Conde de la Vilamediana¹³
de Epitalamios no se admira asunto
ni se oye hablar un punto
de las plumas más finas
de Andrade¹⁴ y de Salinas;¹⁵
105 y por decirlo en suma,
ya no veo la pluma
ocuparse en loar de otros Poetas
las canciones selectas,
las silvas más gallardas,
110 las redondillas más sobreelevadas,
los anagramas doctos y elegantes,
los sonetos subtis y rozagantes,
las endechas sonoras,
los grandes Madrigales,
115 los romances, las glosas
y las octavas más conceptuosas.

Pues solo a ti, excelso lusitano,
Cláudio imperioso, Apolo soberano,
se encamina el aplauso,
120 para que te engrandezca y te venere

desde donde el sol nace hasta onde muere,
pues la elegancia suma
con que vuela tu pluma
con tanto ingenio y arte
125 te hace señor querido en cualquier parte,
pues tu ciencia de mucho obsequio digna
dejó de ser humana y es Devina.

Perdona ahora pues la cortedad
con que mi osadía
130 se atrevió obligada en este día
a loar las ciencias más preclaras,
hijas de tu persona las más raras;
perdóname benigno,
pues mi afecto es digno
135 del perdón que apetezco;
así todo el Olimpo soberano
te venere divino y no humano
así ciña tu frente
de esplendor claro y de laurel luciente
140 y así tu fama tenga tal imperio
que te venere todo el hemisferio,
para que así el tiempo y las edades
te den el paso libre a eternidades.

De su más aficionado amigo

António Leitão de Faria¹⁶

Notas

¹ Filomena (ou filomela) – designação poética do rouxinol.

² sirena – sereia, a quem a lenda atribuía um canto sedutor.

³ Lope Félix de Vega Carpio (*1562 †1635), prolífico dramaturgo e poeta espanhol do *Siglo de Oro*.

⁴ Francisco de Borja y Aragón (*1581 †1658), Príncipe de Esquilache pelo casamento, nobre, militar e escritor espanhol.

⁵ Este verso apresenta uma acentuação anómala: 4-7-10.

⁶ Jerónimo de Cáncer y Velasco (*c. 1599? †1655), dramaturgo e poeta espanhol do *Siglo de Oro*.

⁷ Juan Boscán Almogávar (*1492 †1542), importante poeta espanhol renascentista.

⁸ Garcilaso de la Vega (*c. 1503 †1536), soldado e poeta espanhol do Renascimento.

⁹ Luis de Góngora y Argote (*1561 †1627), poeta e dramaturgo espanhol, um dos expoentes da literatura barroca do *Siglo de Oro*.

¹⁰ Luis de Ulloa Pereira (*1584 †1674), escritor espanhol do *Siglo de Oro*.

¹¹ Sosa – talvez se trate de Manuel de Faria e Sousa (*1590 †1649), poeta, historiador, filólogo e moralista português, que escreveu sobretudo em castelhano.

¹² Soares – é possível que se trate de uma referência a António da Fonseca Soares (embora este autor seja comumente designado por “Fonseca”), também conhecido pelo nome religioso de Frei António das Chagas (*1631 †1682), um dos mais prolíficos autores do barroco português, em verso e em prosa.

¹³ Juan de Tassis y Peralta, II Conde de Villamediana (*1582 †1622), poeta espanhol do período barroco.

¹⁴ Andrade – provável referência a Andrés Fernández de Andrada (*c. 1575 †c. 1648), poeta e militar espanhol.

¹⁵ Diego de Silva y Mendoza, conhecido como Conde de Salinas y Ribadeo (*1564 †1630), poeta e político espanhol do *Siglo de Oro*.

¹⁶ Nascido em Lisboa em 1684, António Leitão de Faria foi calígrafo e pintor, escrevendo também alguns poemas (Neves, 1942: 30).

Arte poética

A silva é composta por versos decassílabos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. Os decassílabos são maioritariamente heroicos, mas são sáficos os vv. 1, 22, 35, 46, 50, 72, 76, 78, 101 e 138. A estrofação é irregular e a rima é emparelhada, havendo contudo alguns versos soltos.

Testemunho: BGUC 354, ff. 1-4v

1.

A Sílvia

Dedicatória

Soneto

Estes triunfos teus, estas vitórias
de um amor firme, de ùa fé constante,
Lisardo, ó Sílvia, te oferece amante
quando ao mundo publica tuas glórias;

5 não escreve, bem sabes, vãs histórias,
porém dessa beleza tão brilhante
prendas ilustres, quando mais triunfante,
consegue de Lisardo altas vitórias;

10 ouve pois seus suspiros, que sentidos
são os triunfos dessa gentileza;
não sejam nos desdéns tão desabridos,

nem nos rigores, menos na fereza
como é o peito teu, os teus ouvidos,
como é na condição tua beleza.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 3, ao passo que o v. 14 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 5

2.

A Sílvia

Porpondo Lisardo o que escreve

Soneto

Não de ãa Vénus canto a fermosura,
menos de ãa Diana a gentileza,
não da rosa gentil sua beleza
e menos do jasmim a neve pura;

5 pudera^a sim cantar, quando se apura
de fermosura em ti, tanta altiveza,
em excessos notáveis mor grandeza,
nas prendas do que aquelas mais segura;

10 canto, ó Sílvia, porém meus sentimentos
ou choro minhas penas que me ordenas
em os rigores teus, para os tromentos;

assim pois que a tais ânsias me condenas,
não canto teus altivos pensamentos[,]
em triste plectro, canto minhas penas.

Aparato

^a pudera] poderá

Justificação de emendas

^a Creio que se trata de uma gralha do original.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas o v. 14 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 5v

3.

A Sílvia

Voltando as costas a Lisardo

Soneto

Quando abonando, Sílvia, a crueldade,
me dás as costas, ocultando o peito,
não cuides que inda assim, em o respeito,
menos venero tanta majestade;

5 não me entibiaste,¹ não, minha vontade,
tendo perante si tão lindo objeto,
pois avesso não tem nem tem direito,²
para os respeitos, ãa Angelidade;

vê, ingrata, cruel, como comigo
10 é favor teu desdém, no lance avaro,
no peito que me voltas inimigo;

pois inda assim, com um cortês reparo,
posso dizer me não deste castigo,
mas antes, Sílvia bela, um favor raro.

Notas

¹ entibiar – tornar tífico, arrefecer, diminuir o fervor.

² Note-se a rima *objeto* / *direito*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 6, ao passo que o v. 12 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 6

4.

A Sílvia

Enjeitando um retrato a Lisardo

Soneto

A alma deste retrato não me entregas
quando mo entrega teu desdém ingrato,
pois se a efígie te dei deste retrato,
a alma que te entreguei nele me negas;

5 neste lance tão vil, ingrata, alegas
o que esta alma padece em teu mau trato,
pois entregando-ta eu a teu recato,
fica em ti e do retrato te despegas;¹

10 a alma, enfim, te entreguei, nesta pintura[;]
esta me entregas, tens naquela a palma[;]
que importa logo pois que em sorte dura

me enjeite do rigor em brava calma
este retrato tua fermosura,
se em ti, Sílvia cruel, me fica a alma?

Notas

¹ O verso é hipermétrico, a menos que admitamos uma espécie de crase na 3.^a sílaba: *fi/ca em/ tí e/ do/ re/tra/to/ te/ des/pe/gas*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 10, ao passo que o v. 11 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 6v

5.

A Sílvia

Perguntando a Lisardo por que estava tão triste

Soneto

Nessas perguntas, ó Sílvia, consiste
o ausentar-se de mim toda alegria,
pois que, a teres amor, logo veria
que sabias a causa de eu estar triste;

5 saberias que um peito mal resiste,
se amante, de ãa ausência à tirania,
e quando estou sem ti, passar um dia,
que maior causa, ingrata Sílvia, viste?

10 Se em teu peito estivera tão querido
como no meu estás, não preguntaras
as causas de me veres tão sentido;

pois vendo tu em ti causas tão raras
que amor obra em um peito desvalido,
sem as eu dizer, Sílvia, adivinharas.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 1.

Testemunho: BGUC 354, f. 7

6.

A Sílvia

Vendo ãas Rosas

Soneto

Vês, ó Sílvia, essas rosas que alentadas
pompas presumem, em raras gentilezas?¹
Como do Prado são belas princesas?
Como são das mais flores veneradas?

5 Vês as suas ternuras delicadas,
do seu belo Carmim em as finezas?
Vês do melindre seu as subtilezas
que parece que quebram de animadas?

10 Pois, ó Sílvia, repara que essas rosas,
em esse mimo, amor as prende e ata,
porque em nascendo belas quanto airosas

a esse sol amam que benigno as trata,²
porque amor em ações suas lustrosas
mais aviventa, Sílvia, do que mata.

Notas

¹ Para considerarmos o verso como regular, temos de admitir uma espécie de crase em *pre/su/mem em*.

² A métrica impõe a elisão da preposição no início do verso.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é usado o pentâmetro iâmbico no v. 10, ao passo que o v. 12 é sáfico.

Testemunho: BGUC 354, f. 7v

7.

A Sílvia

Doente

A um desmaio vosso, amor querido[,]
a vida em mil desmaios se me ausenta[;]
a um ai sentido que vos atromenta[,]
de penoso já perco o meu sentido;

5 à dor que vos assombre estou perdido[,]
um axe¹ que vos doa me apoquentá[;]
que por vós passe a sombra mais isenta[,]
já todo me vereis esmorecido;

10 agora quer a sorte enfurecida[,]
nesses de penas tão cruéis ensaios[,]
que sinta tudo junto minha vida.

Vede pois com assombros de tais raios
como estar posso vendo-vos querida
padecer dores e sentir desmaios.

Notas

¹ axe – ferimento, feridinha.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 1, ao passo que o v. 12 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 8

Às sangrias

De Sílvia

Esses belos rubis
laços são dessa prata cramesis,
que assim quer amor, quando abrir trata
mil minas de rubis, o ferro em prata;
5 porém eu inferindo
do que penais e do que estou sentindo,
digo que esses rubis de amor na palma
pedaços, Sílvia minha, são desta alma;
pois se esta alma vos dei, em doce empresa,
10 só eu padeço e não vossa beleza;
assim que são, como ao amor convinha,
rubis não, cristais sim, desta alma minha.

Arte poética

O madrigal combina decassílabos com o seu quebrado (vv. 1 e 5), sendo a rima emparelhada. Nos decassílabos domina o heroico, mas são sáficos os vv. 6 e 11, ao passo que o v. 8 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 8v

9.

Zelos

e desconfianças de Lisardo

Soneto

Esses teus olhos, quando são treslado
da cor que esmalta esse celeste cume,
para meu peito são vivo ciúme,
para meu coração triste cuidado;

5 os cabelos, assim que o sol dourado
serem brilhantes raios seus presume,^a
são para meu querer brilhante lume,
são para meu amor fogo abrasado;

10 pois quando o oiro subtil despede raios
consome a cor do azul em os desvelos
(de um tirano amor fatais ensaios).

Assim que, bela Sílvia, em teus cabelos
tenho de desconfiança mil desmaios,¹
quando a causa em teus olhos de meus zelos.

Aparato

^a presume] presumem

Justificação de emenda

^a Como o mostram claramente a análise sintática e a própria rima, trata-se de uma gralha.

Notas

¹ A métrica impõe a leitura com sinérese de *des/com/fian/ça*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

Testemunho: BGUC 354, f. 9

10.

Dando Sílvia

uma queda

Contra mim quando estais tão rigorosa,
a vossos olhos hoje, minha rosa,
pois caístes em dia sinalado,
mui devoto dedica meu cuidado,
5 em amantes fervores,
mil excessos, mil rogos, mil amores;
 porque dizer bem posso
 é hoje o dia vosso,
 que amor me notecia
10 caístes, minha Sílvia, neste dia;
 assim que do rigor sem os abrolhos,
 voltai pois para mim tão belos olhos.

Arte poética

O madrigal combina decassílabos com o seu quebrado (vv. 5 e 7-9), sendo a rima emparelhada. Quanto à acentuação, os decassílabos são todos heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 9v

11.

A Sílvia, sentida

sem ter razão de zelos

Romance

Aque-d’el-rei, quem me acode
pois, Sílvia, vossas bravezas
tanto me matam que a gritos
a saber dou minhas penas!

5 Pois vos juro que não sei,
na sem-rezão de tais queixas,
de ofensas dar-vos desculpas,
pois vos não fiz nunca ofensas.

Culpais e não dais a causa?
10 E vendo vossa fereza
meu peito, em penas de triste,
como nas da morte pena.

Crer[d]es que vos não adoro
é dar[d]es, Sílvia, suspeita
15 que em prendas de mais amante
mereça eu mais vossas prendas.

Vinde cá, bem da minha alma;
em que abonos quereis seja
mais fino nestes extremos,
20 mais raro nestas finezas?

Dizei-mos, que eu vos prometo
obrar por vossa beleza
finezas em que me extreme,
excessos em que mereça.

25 Dizei-mos, que é glória minha,
de amor nesta doce empresa,
só por vos fazer um gosto,
padecer duas mil penas.

30 Crede-me à fé de amiguinho
que deste amor em as veras,¹
loco nas teimas de amante,
sois, Sílvia, vós minha teima.

35 Se rendido ao sono estou,
dos sonhos entre as ideias,
em inquietações de amor
meu peito não aquieta.

40 Se acordado, em meus olhos
tanto assistis que receia
meu amor faça o sol furtos,
Sílvia, de vós para Estrela.

Neste desvelo e nesta ânsia
amo vossa gentileza
com glórias, em vossa vista,
com penas, em vossa ausência.

45 Pois logo, para que, Sílvia,
me matais assim tão fera?
Para merecer vosso ódio
quem tanto amor vos confessa.

Não sois vós tão entendida?
50 Pois como formais deveras,
de causa que é só de brinco,
zelos para tantas penas?

Sabeis, amores, que cuido
que vosso gosto deseja
55 ver-me em satisfações loco,
ver-me perdido em tristezas?

Assim é porque gostais,
de mil desprezos travessa,
que perdido de mi mesmo,
60 todo o meu juízo perca.

Sílvia, então quereis que a gritos
saibam os montes e penhas,
em as vossas sem-rezões,
as minhas sentidas queixas?

65 Como não quereis que loco
grite, clame e me enfureça,
se a sem-rezão que mostrais
me faz um louco de pedras?²

Vede em que estado me tendes,
70 pois não falta em minhas penas
mais que os rapazes saberem
de meu sentimento a teima;

para trás de mim andarem,
gritando pelas travessas
75 “guarda do loco”, que basta

para que assim enloqueça.

Ora sus! Vede a rezão
e sabei que nestas queixas
apelo de vós amante
para vós mesma discreta.

80

Notas

¹ veras – verdade.

² louco de pedras – Morais regista *doido de pedras*, com o sentido de “o que o é tanto, que é capaz de atirar pedradas; doido varrido”; Houaiss anota a expressão *louco de pedra* como equivalente a “louco varrido”.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 10-12

12.

Sentimentos

de Lisardo

Romance

Pastores, que neste prado
contentes de amor viveis,
não vendo o pesar dos males,
pois lograis da dita os bens;

5 desses bens e dessas ditas,
Pastores, não vos fieis,
que são flores e são sombras
que apenas duração têm.¹

10 Ditas e bens tinha em Sílvia,
mas quando os imaginei,
bens e ditas considero
sombras vieram a ser.

15 Sabereis que a meus extremos
tanto se mostra cruel
que não a podem carícias
nem rogos enternecer.

20 Com mil afagos a busco
e não me quer Sílvia ver,
para que em tanto mal morra
de seus olhos sem o bem.

Se com carinhos a rogo,
despede-me com desdéns,

que parece que tem Sílvia
raivas de eu bem lhe querer.

25 Lembra-me que em algum tempo
amante e fina a logrei,
branda, sem ser rigorosa,
afável, sem cruel ser.

30 Porém hoje, em mil rigores,
tão fera se mostra que
os que eram então carinhos
chego desprezos a ver.

35 Choro seu rigor, sentido,
mas esta ingrata não crê
que são as lágrimas minhas
protestos de meu querer.

40 Não cuida que são as lágrimas
d'alma pedaços em que
firma amor mil juramentos,
jura o peito um querer bem.

Eu a encontrei, Pastores,
um dia, e quando cuidei
me visse em carícias branda,
me castigou mais cruel.

45 Entre ânsias e mil suspiros
lhe disse: “– Sílvia, por que
fazes desdenhosa gala
dos lutos de minha fé?

50 “Em mi mesmo me não acho,
sendo que muito não é

quando a ti te perco, Sílvia,
que a mim me chegue a perder.

“Dize-me o que te motiva
cruéis ódios contra quem
55 merecer-te sabe amores
mais do que ódios tão cruéis.

“Ingrata, se te ofendi
dize-me o crime, porque
mui mal parece que eu morra
60 só por te a ti parecer.

“Mas que digo? Se é teu gosto
seja lei, Sílvia, pois que
o teu gosto para mim
nunca deixou de ser lei.”

65 Pastores, que me deria?
Senão cruel responder:
“– Já te não amo, Lisardo;
perdoa-me se te amei.”

70 E voltando desdenhosa,
flores se pôs a colher,
de lírios para mim todas,
de rosas para a cruel.²

75 Quis-lhe colher ãas pocas
para a contentar, porém,
por desgraça minha, mais
parece a descontentei.

Pois voltando as costas Sílvia,
sem sua vista fiquei,

nas mãos as flores colhidas,
80 n'alma c'os^a ais de a perder.

Vede pois as glórias minhas
como chegaram a ser
exemplos em que vejais
quão pouco duram os bens.

85 Quando vos vir[d]es nos logros,
voltai a vista e vereis
que eram as que choro penas
esses favores talvez.

Assim que pois este exemplo
90 em mim, pastores, vos dei;
que não queirais, não vos digo,
mas vede como quereis.

Se viver puderdes livres,
Pastores, livres vivei,
95 que nunca do mal de amor
houve quem saísse bem.

Adeus, pois que destes prados
me ausento para não ver,
nem em mim Sílvia mais queixas,
100 nem em Sílvia eu mais desdéns.

Aparato

^a *No original, precedendo c'os, surge, riscado, com.*

Notas

¹ *têm* deve ser lido como monossílabo.

² A simbologia do lírio aponta habitualmente para a pureza, ao passo que a rosa surge associada ao amor.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 12-14v

13.

Dando-se a Lisardo os parabéns de amar a Sílvia, ele respondeu nestas

Décimas

Amigo, à minha eleição,
por bizarra e caprichosa,
no gosto de amar tal rosa,
não se pode pôr senão;
5 inda assim com bem rezão
posso temer nesta empresa,
pois da rosa a natureza
tem em que em doces carinhos,
mil rigores nos espinhos
10 quando afagos na beleza.

Constante quanto fermosa,
poderá ser rosa amante,
pois nos espinhos triunfante,
em si tem guardas a rosa;
15 porém vejo que em que a prosa
seja em minha adoração,
tem a rosa este senão
que é ser em sua luz pura
gentil quanto à fermosura,
20 frágil quanto à duração.

É do Sol mimo esta flor,
pois parece que enamora
em risos brandos a Aurora
com galanteios de amor;

25 porém quando seu favor
em mim só se chega a ver,
me dá, amigo, a entender
em esta porpensão só
ser rosa de Jericó¹
30 mais que rosa-sólis² ser.

Peregrina se se apura,
é rosa, pois peregrina
mostra ser do céu bonina,
de outros climas fermosura;
35 que é de tal rosa a verdura
de tão bela galhardia
que bem se vê na ufanía
que em sua beleza encerra,
mais do que rosa da terra,
40 ser rosa de Alexandria.³

Vanglórias ter presumido
posso em ação tão lustrosa,
pois indo a colher tal rosa,
eu fui que fiquei colhido;
45 pois quem se mostra rendido
a tão linda perfeição
tem por glória a presunção
de imaginar que mereça
em tal rosa, tal beleza,
50 em tais laços, tal prisão.

Aceitar pois me é preciso,
nesta ocasião oportuna,
para figas⁴ da fortuna,
parabéns de tal juízo;
55 assim que com todo o siso,

em esta amante fadiga,
para que à sorte inimiga
não seja este amor sujeito,
porei em este meu peito
60 vosso parabém por figa.

Notas

¹ rosa de Jericó – também chamada flor da ressurreição, é uma planta que nunca morre completamente. Segundo a tradição cristã, Maria, na viagem de Judá para o Egito, conheceu as miraculosas características desta planta do deserto e abençoou-a.

² rosa-sólis – o orvalho do sol.

³ rosa de Alexandria – rosa mítica que terá desaparecido, na antiguidade, numa erupção do Vesúvio, e que apresentava a particularidade de ser branca durante o dia e vermelha à noite.

⁴ Sobre a figa, incluindo a sua presença na literatura culta e popular, cf. José Leite de Vasconcelos (1925).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 14v-16

14.

A Sílvia

Fazendo renda

Soneto

Com as mãos nesse enleio descursivas,
nas rendas que obras □ desmentindo,
prisões tua beleza está urdindo
em que mil corações, Sílvia, cativas;

5 quando nas rendas, pois, em rodas vivas,
os ramos traça teu sujeito lindo,
os cativeiros a alma está pedindo
da liberdade, ó Sílvia, de que a privas;

10 limoeiros de amor ou embaraços
são, Sílvia, o que obram tuas mãos discretas,
para as almas renderes nestes passos;

pois para¹ todas trazeres inquietas,
fazes ramos nas rendas para laços,
prisões nas linhas e nos bilros setas.

Notas

¹ A métrica impõe a leitura da preposição com síncope (*p'ra*).

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6 e 14.

Testemunho: BGUC 354, f. 16v

15.

Saudades de Lisardo

Romance

Ora dissei-me, meus olhos,
pois que convosco converso
esta hora que agora furto
às penas de meu tromento;

5 como estais? Como vos vai?
O que fazeis? Que enlouqueço
quando cuido estais sem mi,
quando sem vós que estou vejo.

Vós me escreveis que em mil penas
10 ficais se de vós me ausento,
e eu se vos ausentais, fico
em mil suspiros morrendo.

Valha-nos Deus! Quem nos dera
sempre estarmo-nos revendo,
15 eu em ver vossa beleza,
vós em pagar meus excessos!

Quem nos dera que ãa sorte
nos dera as ditas de extremos
que deveis a meu amor,
20 que a vossa beleza devo!

Vede que gosto seria
em estes meus braços ver-vos,

vós em carícias de amores,
eu em carinhos de afetos.

25 Vós vendo o que vos adoro,
eu como me paga[i]s vendo,
vós em meiguices afável,
eu em amores mui meigo.

Mas estas glórias, ó Sílvia,
30 quanto mais as apeteço,
são desejos, e assim pois
fico-me só c'os desejos.

Quando dizeis que passastes
a noute com mil desvelos,
35 desejei acalantar-vos,
amores, neste meu peito.

Que para Sílvia querida
descansar seus olhos belos,
abrindo-lhe as portas d'alma,
40 fora o meu coração berço.

Mas não quer a cruel sorte,
pois com olhados travessos,
apoucando-me as venturas,
só me acrecenta os desvelos.

45 Enfim inquieta estáveis;
quem fora tão feiticeiro
que adivinhando os juízos,
vira vossos pensamentos!

Porque não sei, meus amores,
50 se deles seria o empenho
eu que por vós morro em sonhos,

quando acordado feneço.

55 Eu não sei mais, minha vida,
senão que vivo morrendo
e não sei se poco amado
ou querido a vida perco.

60 Não sei mais que em mil suspiros
pagar-vos qualquer extremo
e por muito mais que faça
sempre cuido faço menos.

Eu aqui estou saudoso;
pouco disse, mas é certo
que quem diz tem saüdades,¹
da pena explica os incêndios.

65 Nestes ardo quando ausente,
pois não há, vida, tromento
que o coração me não cerque,
que me não combata o peito.

70 As horas me são mil anos,
dias largos os momentos;
só se vos vejo, com pressas
cerra a noute e voa o tempo.

75 Enfim nesta saüdade¹
vejo-me, amor, sem remédio,
pois se só por vos ver morro,
não vivo pois vos não vejo.

80 Tal é pois minha ânsia, Sílvia,
que muitas vezes desejo,
por não ser a pena mais,
ser, Sílvia, meu amor menos.

Mas não cuideis, não, meus olhos,
que é isto arrependimento,
mas a pena faz com que
diga que é pena o querer-vos.

85 São louquices de ãa pena,
que bem sabeis que em tromentos,
a desatinos de locos,
volta juízos discretos.

Pois em amar-vos pela alma,
90 Sílvia, não, não me arrependo,
mas em não ter feito antes,
vida, por vós mais excessos.

Que bem sei que não é culpa
vossa, amor, o que eu padeço;
95 é culpa da sorte, pois
quer de vós viva em degredos.

Faça enfim o que quiser
que sempre, Sílvia, em meu peito,
nos respeitos de querida,
100 vivireis com mil respeitos.

Notas

¹ A métrica impõe a diérese (*sa-u-da-de*).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 17-19v

16.

A Sílvia

irada

Romance

Por São Pisco,¹ vida minha,
que és galantinha mulher,
com um senão de teimosa,
de cruel com um porquê.

5 Se o Céu de açúcar em ponto²
a cara linda te fez,
para que és tão bravalhona
que mostras cara de fel?

10 Nunca te vi com tal cara,
perdoa, ingrata, cruel,
às rosas davas de rosto³
que ali te deram de pé.⁴

15 Se és amante rapariga,
por que dás em cruel ser,
voltando o rosto aos carinhos,
rosto fazendo⁵ aos desdéns?

20 Para que és tão teimosinha,
Sílvia ingrata, para quê?
Se com teus olhos a todos
somente podes vencer.

És bela, quem o não sabe?
Pois, Sílvia, para que tens,
em que pés⁶ a meu amor,
meu coração como pez?

25 Apostarei que te alegras,
cachopa, porque me vês
sentir essas tuas raivas,
chorar estes teus desdéns.

30 Ora folgo, Sílvia bela,
que digas pois: “Desta vez,
com as penas de Lisardo,
caiu-me a sopa no mel.”

35 Contanto que não ateimes
nem brava sejas, porque
fazes cara de quaresma
quando de Páscoas⁷ a tens.

40 Não me disseste tu, Sílvia,
porque ãa vez me agastei,
“Ai, não te agastes, Lisardo,
que és torpe quando cruel”?

Pois para que essa beleza
queres tu torpe fazer,
quando que é torpeza sabes
o rigor com o desdém?

45 Quem te vir tão carrancuda
cuidara, Sílvia, já sei,
somente amor para penas
a Lisardo Sílvia tem.

50 Pelo que venho a pagar,
 quando me queres moer,
 em os ditos, as infâmias,
 em teu rigor, os desdêns.

55 Bem sabes tu que é mentira,
 porque os meus aque-d'el-reis,
 se meu querer os levanta,
 crê não são por eu querer.

60 Mas porque às vezes te vejo
 tão cruel e fera que
 peço justiças a Deus
 contra ti, Sílvia cruel.

Então eu pago estas culpas
e tu toda te revês
em que eu volte das branduras
para em gritos louco ser.

65 Ora sus! Demos as mãos,
 que, amores, aqui me tens,
 para nessas mãos me pôr
 muito rendido a teus pés.

70 E já que estamos amigos,
 sendo tu todo o meu bem,
 vê lá, outra vez não trates
 mal este teu bujamé.⁸

Notas

¹ Por São Pisco – locução popular já usada por Gil Vicente e Camões, mas cuja origem não está bem esclarecida.

² açúcar em ponto – há vários pontos de açúcar, com diferentes designações. No contexto, suponho que designa um branco muito fino.

³ dar de rosto – segundo Morais, evitar, desprezar.

⁴ Creio que o autor joga com o duplo sentido de *dar de pé*, que pode ser também uma locução, registada por Morais com o sentido de *pisar com desprezo*.

⁵ fazer rosto – entenda-se *fazer bom rosto*, isto é, fazer com boa vontade.

⁶ pés – forma abreviada de *pese*.

⁷ cara de Páscoa(s) – de acordo com Morais, rosto corado, alegre, prazenteiro.

⁸ bujamé – pode designar um instrumento africano de sopro ou, no Brasil, o filho de mulato com negro. Bluteau escreve que “Costumamos dar este nome às pretinhas.”. Suponho que, no poema, significa *negro, escravo*.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 19v-21v

A Sílvia

Estando sonolenta à vista de Lisardo e despertando a uns trovões

Décimas

Sílvia, quando uma fereza
de trovões tão desabridos
tem esses vossos sentidos
despertos em tal beleza;
5 exp'rimenta nesta empresa
meu amante coração,
que pois dormíeis e não
pude eu ser despertador,
que mais do que um brando amor
10 pode convosco um trovão.

Estou para vos dizer,
desta raiva em a paixão,
que tomara ser trovão
para acordada vos ter;
15 pois que à vista de um querer
com sono estais, minha flor,
donde infere a minha dor
que para tal fermosura
tem um trovão mais ventura
20 do que forte o meu amor.

Acordar vossa beleza
do trovão a tal rigor
não foi, não, por meu amor,

foi, sim, por vossa fereza;
25 que em vós como a natureza
pôs tão fera condição,
não queríeis, Sílvia, não,
com estrondo sem segundo,
que mais do que vós no mundo
30 fero se visse um trovão.

Desse trovão pois ali,
na beleza e no rigor
com que assombrou meu amor,
a vós copiada vi;
35 pois, Sílvia minha, entendi,
em sua luz e fereza,
que essa vossa natureza
os mesmos efeitos tem,
pois tem rigor no desdém,
40 quando luzes na beleza.

Assim que quando agastada
vos admiro em todo o extremo,
crede que mais de vós tremo
do que um trovão, prenda amada;
45 pois em que a esfera abalada
nesses terríveis ensaios
ameace mil desmaios,
não lança raio o trovão,
porém vós nessa paixão,
50 sois um trovão com mil raios.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 21v-22v

18.

A Sílvia

Chorando

Soneto

Para, Sílvia, em teu pranto tão sentido;
venceste, pois quando a chorar te abalas
que são teus prantos cristalinos balas
que meu peito em amor já tem rendido.

5 Vencedor nunca, sempre sim vencido
hoje fico de ti, formosa Palas,¹
pois esses belos olhos têm² por galas
tão fortes armas contra meu sentido.

10 Este peito cruel, Sílvia querida,
já tens rendido, quando brando trata
de a essas lágrimas dar amor e vida;³

assim que se outra dor não as dilata,
não desperdices, não, mais de sentida
tais dices⁴ de cristal, brincos de prata.

Notas

¹ Palas – epíteto da deusa grega Atenas, divindade da guerra e da sabedoria.

² Note-se a realização monossilábica em *têm*.

³ Para considerarmos o verso regular, temos de admitir a leitura *de a e/ssas/ lá/gri/mas/dar/ a/mor/ e/ vi/da*.

⁴ dixe – adorno, joia.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é usado o pentâmetro iâmbico no v. 2, ao passo que o v. 3 é sáfico.

Testemunho: BGUC 354, f. 23

19.

A Sílvia

Branda

Soneto

Sempre gentil e sempre mui airosa
me pareces, ó Sílvia, na lindeza,
pois me parece que és da natureza
maravilha nas prendas milagrosa.

5 Mas confesso que nunca tão fermosa
jamais me pareceu tua beleza
senão quando me paga com destreza
meus carinhos mui branda e amorosa;

10 dá-te amor outra graça peregrina,
a meiguice te dá outra luz pura
no que se reparar a fé mais fina;

parece que tens branda por ventura
beleza não humana mas devina
e sobrenatural a fermosura.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Todos os versos são decassílabos heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 23v

20.

Lisardo

Com desenganos

Soneto

Firmezas que em amor tão desvelidas,¹
só dos tromentos hoje sois lembranças;
memórias descaídas das privanças,
só para minhas penas renascidas;

5 posses que hoje já andam reduzidas,
perdestes do que fui as esperanças;
ditas que de ãa sorte em as mudanças,
fostes alegres para mais sentidas;

10 adeus! Pois sem vós quer que acabe a sorte
daquela cruel Sílvia em as durezas
(que Ocaso é esta meu, se foi já Norte).

Adeus, pois enfim, minhas firmezas,
adeus, que já me colhe a vida, a morte,
ditas, posses, memórias e finezas!

Notas

¹ desvelidas – variante de *desvalidas*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 8.

Testemunho: BGUC 354, f. 24

21.

A Sílvia

Com ãa Espada na mão em o campo

Romance

Para que é, fermosa Sílvia,
saíres ao campo armada,
dando a entender tragédias
nas mortes com que ameaças?

5 Vê que murmuram as flores
valeres-te dessa espada
quando nesses belos olhos
tens armas demais de marca.

10 Mas eu julgo que é de fera
obrares essa ação rara,
pois queres dêm¹ as mãos morte
a quem aos olhos te escapa.

15 Se para tirares vidas
trazes armas afiadas,
que melhores armas que
de teu rosto as armas brancas?

20 Não cuides, bela menina,
que em pondo a mão nessa Espada,
como a palma lhe pões logo,
que alcanças de tudo a palma.

Porque também têm² as flores
presunções de soberanas
e tem a Rosa gentil
para defesas mil guardas.

25 Que queres, Sílvia, que digam
vendo-te armada essas plantas
senão que para Senhora
as buscas com mão armada?

Murmuram porque te vêm³
30 sair com armas dobradas,
pois se a Espada te arma as mãos,
outra Espada tens na cara.

Tão destra em cortar que juro
mais vontades avassala
35 a que tens na cara linda
que a que as próprias mãos te arma.

Pois se com tal gentileza
prendes, cativas e matas,
para que é, bizarra Sílvia,
40 buscar terços⁴ em Espada?

Não logre essa espada a sorte
em cair em mãos tão alvas,
que posta enfim em tais mãos
os cabos logra de prata.

45 Logre-as eu que as mereço;
mais que, Sílvia, me assentaras
as mãos e a boa vontade,
que ainda as mãos eu te beijara.

50 Mas para que é desejar
beijar mãos tão soberanas,
se a cruz da Espada me diz
que cruces na boca⁵ faça?

55 Que por mim todo mal fora;
pois que te adoro, passara
que sendo ingrata, eu só
saiba que eras ingrata.

60 Porém tua gentileza
muito bem, Sílvia, declara,
quando é bela tanto à vista,
o ser às mãos tão tirana.

Deixa as flores, que é vileza
gentil lewares da branca
armada enfim contra as que
se te rendem desarmadas.

65 Se, Sílvia, pois te esvaneces
em presunções de alentada,
contra o forte do meu peito
volta os golpes dessas armas.

70 Que enfim com mores triunfos
sairás desta batalha,
pois ãa alma render podes
e não as flores sem alma.

75 Deixa pois já essas flores,
logra já, Sílvia, a campanha,
pois a teus olhos se rendem

mais do que aos golpes da Espada.

Não queiras enfim que digam
que em brios de ser bizarra
és nos risos ãa Vénus,
80 na condição ãa Parca.⁶

Notas

¹ Note-se a realização monossilábica de *dêm*.

² *têm* deve ser lido como monossílabo.

³ A métrica obriga à leitura de *vêm* como monossílabo.

⁴ terço – corpo de milícia antigo, correspondente ao atual regimento.

⁵ Fazer cruces na boca pode ser, tradicionalmente, uma forma de impedir a entrada do demónio, mas pode também significar – como parece ser o caso no poema – que se tem fome e não há o que comer.

⁶ Parca – identificadas com as Moiras gregas, as Parcas eram, em Roma, as deusas do destino, sendo representadas como três irmãs fiandeiras. A passagem refere-se a Átropos, a quem competia cortar o fio da vida.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 24v-26v

22.

A Sílvia

Mandando-lhe Lisardo ãas flores

Décima

Em luzes vejo brilhando
Estrelas sim, flores não,
pois vão ter à vossa mão
estas que flores vos mando;¹
5 pois, querida Sílvia, quando
saem do meu jardim belas,
considero a todas elas
em os que buscam ardores
que se são no jardim flores,
10 são na vossa mão estrelas.

Aparato

¹ O verso resulta de uma correção: na forma original, *flores* precedia *q*.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

Testemunho: BGUC 354, f. 26v

23.

A Sílvia

Desenganado a Lisardo

Soneto

Sete anos de Pastor servindo amante
por lograr de Raquel a fermosura,
conta Jacob¹ de penas, sem ventura
de uma sorte que o anime por constante;

5 de penas anos mil a cada instante
lhe dilatava o amor a sorte dura,
e quanto mais padece mais procura
reduzi-lo Labão em inconstante;

10 mas oh!, que de Raquel esta a vontade
não era, de Labão eram enganos,
que amor não exp'rimenta a liberdade.

Só tu, Sílvia, depois de outros sete anos,
tomando de Labão a crueldade,
não o amor de Raquel, dás desenganos.

Notas

¹ O amor de Jacob por Raquel é um motivo bíblico (Gn 29:15-30) de ampla fortuna literária. Jacob é um dos patriarcas bíblicos, filho de Isaac e de Rebeca, e irmão gêmeo de Esaú. Passa sete anos ao serviço do tio Labão, para obter Raquel como esposa, mas ao fim desse tempo é-lhe concedida Lia, a filha mais velha, que tinha os olhos defeituosos. Jacob serve Labão mais sete anos, obtendo então a mão de Raquel.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Todos os versos são decassílabos heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 27

24.

A Sílvia

Trazendo ãas flores na mão ãa manhã de Páscoa

Soneto

Esta Páscoa, este dia, em resplendores
brilhante amanheceu, pois em vós via
excesso da beleza que podia
ao sol dar luzes e às boninas cores;

5 nessa lindeza pois, belos amores,
se vê a dita alegre deste dia,
no rosto de ãa Páscoa a galhardia,
outra Páscoa nas mãos toda de flores;

gentil enfim quanto galante e airosa
10 a Páscoa em vós se vê toda florida,
pois por Estrela, com ação lustrosa,

a logram em tais mãos, Sílvia querida,
o lindo cravo, a triunfante rosa,
e em vossos belos olhos minha vida.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 11 e 13, ao passo que os vv. 6 e 9 são pentâmetros iâmbicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 27v

A Sílvia

Mandando a Lisardo um Pintassilgo

Décimas

Em mil ânsias pasmado,
em mil suspiros choroso,
cá me chegou bem penoso,
Sílvia, o vosso passarinho;
5 amimá-lo¹ ao coitadinho
desejou meu coração,
porém ele, o bravalhão,
da mão fugir-me queria,
que parece aborrecia
10 afagos da minha mão.

Quis seu rigor abrandar,
mas, Sílvia minha, não posso,
que este passarinho vosso
não se me quer afagar;
15 de donde venho a cuidar
que o rigor e a sem-rezão
que mostra é vossa lição,
pois tomou de vós, meu bem,
a sem-rezão no desdém,
20 o rigor na condição.

Abri-lhe a boca em rigor,
mas ele, dando às asinhas,

não quis de água ãas gotinhas
sequer levar, minha flor;
25 quis levá-lo com amor
e com carícia não pouca,
mas tanto que a mão lhe toca,
em voos desmaiadinho,
vejo o vosso passarinho
30 sem querer abrir a boca.²

Crede que me faz sentir
e em mil penas me consome,
que o vejo morrer conforme
sem lhe poder acudir;
35 porque quando me vê ir
a levar da mão com traças,³
fugindo das minhas graças
que lhe diz meu coração,
por não comer de tal mão
40 se mete todo nas asas.⁴

Que à mão pelas penas quero
afagá-lo com carinhos,
mas ele, meus amorinhos,
então se mostra mais fero;
45 e assim em desdém severo
sem atentar à rezão
nem de amor à condição,
de mil fugas, com mil traças,
para fugir dando às asas,⁵
50 me deixa as penas na mão.

Meti-o⁶ na gaiola quando
empavonado de lindo,
as asinhas sacudindo,

55 todo se alegrou cantando;
 que enfim quando eu penando
 tão-somente pelo amar,
 havia de a meu pesar
 e por figas me meter,
60 porque me via morrer,
 de poleiro ele cantar.

Notas

¹ amimar – o mesmo que *mimar*, fazer mimos, carinhos.

² Note-se a rima (aparentemente incompleta) *pouca / toca / boca*.

³ traça – no sentido de artifício, ardil.

⁴ Observe-se a rima *traças / graças / asas*.

⁵ Note-se a rima *traças / asas*.

⁶ Por imperativo métrico, *Me/ti-o* deve ser lido com sinérese.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 28-29v

26.

A Sílvia

mordendo-a em ãa face ãa Abelha

Romance

Sílvia, mui pouco picado
para versos me sentia,
mas o picar dessa abelha
a fazer versos me pica.

5 O picar-vos nessa face
não sei se foi praga minha,
pois empecem muito as pragas
de quem se vê em desditas.

Negáveis-me esse favor?
10 Vede como o céu castiga
rigores agigantados
c'o picar de ãa Abelhinha.

Mestra devia ela ser,
pois que assim tão entendida
15 deixou do campo as mais flores
por colher essa bonina.

Que para um favo de mel
basta de flores a vista,
desse rosto um jasmim branco,
20 dessa face ãa flor linda.

Âmbar quis para o seu favo,
pois parece que sabia
que essa flor do vosso rosto
alentos de âmbar respira.

25 Ditas aclama esta Abelha,
disgraças a sorte minha,
pois se em vós colhe ela flores,
eu em vós só tiranias.

30 Mas já me vejo vingado
pois vos custa ãa sangria
que em graciosos rubins
campo de cristal matiza.

35 Vereis se é melhor agora
num afago, ãa carícia,
num favor, ãa brandura,
numa meiguice, ãa vista.

40 Do que sereis tão isenta
que em raivas a sorte esquiva
quis que sentísse[i]s no rosto
o qu'eu nesta alma sentia.

Quis que sentísse[i]s que as armas
que a Abelha para vós tinha
eram as mesmas com que
vossa ingratidão feria.

45 Pois é tal vosso desdém
que apenas vos acho minha
quando em setas de rigores
me feris alma em sangrias.

Enfim, Sílvia, tenho dado,
50 deste amor na cruel lida,
que se vos vingais em mim,
em vós a Abelha me vinga.

Raivas em dous mil pesares
pois me meteis em mil iras,
55 que também eu choro, pois
dais em ser a Abelha minha.

Pois que cuidais? Também quero,
que vos vejo agora aflita,
pois que mil figas me dais,¹
60 dar-vos também ùa figa.

Mas ai! Que esse chorar vosso
me faz com que volte as iras
das vinganças para mágoas,
das raivas para carícias.

65 Mal o haja tal Abelha;
vinde cá, minha menina,
chegai-vos para mim bem,
mostrai ora, coitadinha.

Deixai-me afastar o sangue;
70 na verdade, minha Sílvia,
que em que desgraça pareça,
tem em si muita gracinha.

Ora não vos agasteis
nem choreis, minha querida,
75 que para esse axe² tirano

eu vos darei a mezinha.

Tende amor, que é só remédio
contra Abelhas atrevidas,
pois não colhem flor aonde
80 guarda a alma e amor vigia.

Notas

¹ dar figas – o mesmo que *fazer figas*, fazer com a mão a figura da figa, com a intenção de causar malefícios.

² axe – ferimento, feridinha.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 29v-31v

Pertensões de Lisardo

Endechas

Minha Sílvia linda,
engraçada moça,
bela mais que o cravo,
fresca mais que a rosa;

5 loco trás ti ando,
 ouve-me, cachopa,
 que as minhas louquices
 são carícias todas.

10 Teu retrato escuta
 que minha alma adora,
 bem que de tais luzes
 esse rasgo é sombra.

15 Em teu rosto belo
 amanhece a aurora,
 pois acha em teu rosto
 dous campos de rosas.

20 Enloquece o sol
 de ver brilhadoras
 essas Esmeraldas
 que tua vista adornam.

De tão ricas pedras
guarda-joias fora

só por te servir
de teu guarda-joias.

25 Um dixel¹ de nácar
é a tua boca,
da grã o melindre,
do cristal a glória.

30 Para dar a Damas
caprichosa fora
ramo de sangrias
essa tua boca.

35 Do marfim o mimo
são teus dentes, moça,
feitos com tal graça
que rendes raivosa.

40 Sendo que ãa Dama
mui feia se mostra
quando entre dentes
traz ãa pessoa.

As tetinhas alvas,
filagranas² todas,
da mais alva neve
(minha Sílvia) zombam.

45 Manjar branco³ em pelas⁴
nessas tetas mostras
que muito as desejam
vontades gulosas.

50 Pela cinturinha
quebras de briosa;
mas que muito, se és

de melindre joia.

Um justilho⁵ branco
teus peitos adorna;
55 fora eu de teus peitos
o justilho, moça.

Se ao Sol dás figas,⁶
mil trincos⁷ à Aurora,
aos Jasmins mates,⁸
60 envejas às rosas;

não tragas toucado,
porque te é grã nota
cousa em ti trazes
que te faça sombra.

65 Do cabelo louro
é nuve envejosa
o cepilho⁹ negro
que a cabeça touca.

Mas que muito eclipseem,
70 minha bela joia,
essas negras nuvens
desse sol a pompa;

quando teus cabelos
desmentem as glórias
75 que o sol tem em raios
de ouro em suas ondas.

És moça de campo,
tuas mãos o mostram,
pois que dez jasmins

80 tens nos dedos, moça.

És para cigana,
linda como airosa,
que tuas mãos lindas
ditas mil pregoam.

85 Passemos dos brincos¹⁰
às veras¹¹ agora,
pois que brincos são
tuas mãos, cachopa.

Falemos na saia
90 que teu corpo assombra;
mal o haja ela
que o mais me não mostra.

Que eu to retratara,
fresquinha senhora,
95 em prisões de prata
o botão da rosa.

Essas ricas pernas
de alabastro todas,
pintara-tas eu,
100 se possível fora.

Que essa branca saia,
não sei se envejosa,
me tira tais ditas,
me encobre tais glórias.

105 Aos pés passemos,¹²
se tens, mocetona,

pés para pintar,
quando pé não mostras.

110 Tua passadinha
diz ser fraca cousa
o ponto¹³ que calças,
a que pisas sola.

115 Teu pé enfim breve
parece denota
ser em contraponto
um breve de solfa.

120 Quando andas pareces
borboleta airosa,
pois te leva o vento
qual de flor a folha.

Tenho-te pintado,
minha linda moça;
deu-me amor as tintas,
pagar-me é força.

125 Não seja em desdéns
quebra¹⁴ de raivosa;
vê que por ti pasmo,
não queiras que morra.

130 Vê que este retrato
é a minha glória,
só porque é de Sílvia
um rasgo na cópia.

Não me mostres raivas,

moça bravalhona,
135 não me dês ciúmes
nem me faças foscas.¹⁵

Porque em mil finezas
verás se te adora
com todo seu siso
140 quem de graça zomba.

Notas

¹ dixe – adorno, joia.

² filagrana – forma antiga de *filigrana*.

³ manjar branco – iguaria antiga que se fazia de arroz e galinha ou peixe, em consistência gelatinosa.

⁴ pela – bola.

⁵ justilho – espartilho ou colete muito justo.

⁶ dar figas – o mesmo que *fazer figas* (em sinal de desprezo ou escárnio).

⁷ dar trincos – apertar as cabeças dos dedos polegar e médio, deixando cair este sobre a palma da mão.

⁸ O verso tem quatro sílabas, a menos que façamos a leitura *a/os...*

⁹ cepilho – o termo designa uma pequena plaina para alisar madeira; é possível que indique aqui, por metonímia, uma peça de madeira para prender o cabelo.

¹⁰ brincos – brincadeiras, jogos.

¹¹ veras – coisas de verdade, reais.

¹² O verso é hipométrico, a menos que façamos a leitura *A/os...*

¹³ ponto – cada espaço marcado no craveiro do sapateiro; tamanho, medida.

¹⁴ quebra – falta, na soma; falha.

¹⁵ fosca – o mesmo que *fosquinha*, no sentido de trejeito, troça, provocação.

Arte poética

O poema é formado por quadras pentassilábicas, com rima toante nos versos pares, que se mantém constante.

Testemunho: BGUC 354, ff. 31v-35

28.

A Sílvia

Dizendo a Lisardo que era velha

Soneto

Se no exemplo de flor vejo teus anos,
muitos contas, ó Sílvia, em tua vida,
pois um dia é a idade mais subida
para ãa flor achar seus desenganos;

5 se admiro tua idade em soberanos
raios do sol, a luz a mais luzida
séculos conta, pois sempre sentida
acaba em breve a golpes desumanos;

10 oh, que razão declaras quando airosa
te queixas, Sílvia minha, dessa idade,
que quanto mais gentil e mais fermosa,

lhe é um momento, ãa eternidade,
pois por gentil apenas vive a rosa
e vê a luz da vida a brevidade!

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é usado o pentâmetro iâmbico no v. 10.

Testemunho: BGUC 354, f. 35v

29.

A Sílvia

Tendo um listão¹ encarnado em o peito

Soneto

Essa fatal devisea que em teu peito
admira meu amor prenda lustrosa
soa guerra campal, Sílvia fermosa,
que manifestas contra meu sujeito;

5 não sei que males, não, te tenha feito,
pois que sempre em assombros rigorosa
te vejo Palas,² Vénus quando airosa
podias sempre ser em o respeito;

10 devisea-se em teu peito tão flamante
para que diga o que teu peito encerra,
eu o sei, Sílvia ingrata e pouco amante;

que é pois que todo amor de si desterra
publicar a meu peito por constante
teu peito a ferro e a fogo cruel guerra.

Notas

¹ listão – fita larga e comprida.

² Palas – epíteto de Atena, divindade da guerra na mitologia grega.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 10.

Testemunho: BGUC 354, f. 36

30.

A Sílvia

Queixosa

Romance

Vinde cá, luz dos meus olhos,
não me fujais, que imagino
mais do que amores, quereis
ter malquerenças comigo.

5 Não me fujais com o rosto,
que morrerei de sentido
em me pagar[d]es com raivas
de meu amor os carinhos.

10 Vinde cá, porque vos quero
perguntar muito de siso
se essas raivas são deveras
ou se são desdéns de brincos.¹

15 Pois não sei, belos amores,
que cometesse delitos
para tal ódio me ter[d]es
quando sois vós o meu mimo.

20 Vós vos calais; muito mal
comigo estais, porque sinto
que em calar um peito ofensas
de mil vinganças faz tiros.

Não vos caleis, castigai-me,

agastai-vos pois comigo,
dai-me boas, que isso quero,
matai-me, que isso suspiro.

25 Não cuideis que hei de fugir
menos meiguices pedir-vos,
que se o dar-me é vosso gosto,
fugir-vos fora delito.

Aqui porém entre nós,
30 não me direis, meu benzinho,
quando convosco estou bem
o por que estais mal comigo?

Mas, ah, sim, já sei a causa
de vosso desdém esquivo
35 que é o ser[d]es vós querida
para eu ser aborrecido.

Pois, vida, que culpa é esta,
se amar-vos foi meu destino,
se só por querer-vos morro,
40 se só por amar-vos vivo?

Quereis que mais vos não veja?
Isso cuido; mas, meu brinco,
se em vós vivo, como posso
tal cousa acabar comigo?

45 Ora fazei já mil juras,
agastai-vos do que eu sinto,
metei-me no peito raivas,
fazei-me perder o siso.

50 Que isso quero, porém vós
parece não quereis isso,
mas que é gosto vosso eu morra,
vossa raiva porque vivo.

55 Ora não, prenda querida,
não façais que enlouquecido
nas voltas das vossas raivas
ande às voltas c'o juízo.

60 Enfim, adorada prenda,
sejamos muito amiguinhos,
que sois minha me afirmai,
que eu ser muito vosso afirmo.

Dai-me pois cá vossos braços,
não me mandeis tão sentido,
dai-me sequer dessa boca
um favor em um só riso.

65 Mas vós ateimais; não sei
que mais diga, meu feitiço,
senão que quereis vos perca
só por me ver[d]es perdido.

70 Eu me vou de vossos olhos,
que enfim vosso gosto sigo
em me partir, pois não tenho
convosco nenhum partido.

75 Que pois sem nenhũa causa
me dais em desdéns martírios,
malvisto creio que sou
mais do que de vós bem visto.

Nota

¹ brincos – brincadeiras, jogos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, f. 36v-38

31.

A ãa Senhora, que murmurava de Lisardo não fazer a Sílvia ver-
sos senão em Português

Soneto

Em Portugal nasci, me diz o Cura,
em Portugal me fiz, tal qual Poeta,
parir podia minha Mãe em Creta
e falar-te-ia em língua mais escura;¹

5 que te pareça pois por desventura
a Musa em português não ser discreta,
pouco vai, porque a musa de um baieta²
teus fileles³ na lima não procura;

10 eu poeta (se sou) como enamoro
a Sílvia mais gentil, em a beleza,
Anjo humanado, em o terreno Coro;

sendo Sílvia tão linda Portuguesa,
fora, Senhora Aminta, desaforo
o fazer-lhe eu os versos à Francesa.

Notas

¹ Antes da invasão dos exércitos micênicos, falava-se em Creta o eteocretense, habitualmente considerado um idioma pré-indo-europeu, sem relação portanto com o grego. Na *Odisseia* (XIX, 175-177) há uma alusão à diversidade de idiomas de Creta.

² baieta – variante de *baeta*, tecido de lã grosseiro e felpudo.

³ filele – tecido leve de lã.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 11.

Testemunho: BGUC 354, f. 38v

A Sílvia triste

Romance

Ambos nos queixamos, Sílvia,
de tristes neste retiro:
eu, em saüdades¹ vossas,
vós, não sei em que motivos.

5 Dizeis que em quatro mil ais
passais as horas, meu brinco,
eu os instantes em penas,
os momentos em suspiros.

10 Porém não sei se ãa causa
causa a ambos tais delírios,
que os vossos males são deveras²
e estes meus são bem de sisos.

15 A mi mil penas me matam
de vos não ver, meu feitiço,
a vós não sei se entristecem
penas de me haver[d]es visto.

20 A mim muitas saüdades¹
me voltam, vida, o juízo,
a vós não sei se dá glória
ter eu o juízo perdido.³

Os sentidos (quando ausente)
à vossa beleza aplico,

e não sei se essas tristezas
são por eu ter tais sentidos.

25 Cuidar eu que isso é amor
fora louquice de riso,
que se sois para adorada,
sou pouco para querido.

Vinde cá, não fora eu louco
30 se vos disser que imagino
vos custam ausências penas,
vos custam ânsias retiros.

Não fora néscio, meu bem,
se cuidara esvanecido⁴
35 os ais tinham de meu peito
ecos em vossos suspiros.

Ora em tal cuidar não quero,
quero a glória de entendido,
que quem ama e não receia,
40 se é amante, não é fino.

Assim que não cuido[,] amores[,]
de amor neste laberinto;
me chorais, quando tão preso,
vos doeis, quando sentido.

45 Cuido enfim que vossas penas
são raivas, porque perdido
por vós ando e em vossas raivas
não faço mil desatinos.

Sim os fizera, meus olhos,

50 mas um amor que é mal visto,
 já que por louco não ganha,
 mereça, sim, por sofrido.

 Quero pois nas esperanças
 ter sequer um certo alívio,
55 entreter nelas meus ais,
 enganar a meus suspiros.

 Se esta causa é tal tristeza,
 crede que n'alma o estimo,
 que em vos dar causa a um afeto,
60 da pena os prémios consigo.

 Mas inda assim não quisera
 que contra peito tão lindo
 foram venenos meus ais,
 minhas penas baseliscos.

65 Quisera sim que puderam
 peito abrandar tão altivo,
 do rigor para as meiguices,
 do fero para os carinhos.

 Essa condição que tendes
70 é vosso maior martírio,
 pois afetando as tristezas,
 fera afugenta os alívios.

 Abrandai e sede meiga,
 deverti-vos pois comigo,
75 já que também com vós ando,
 quando triste, devertido.

Exp'rimentai em ser branda
se vos entretêm⁵ carinhos,
se vos agradam amores
80 e se vos enlevam brincos.⁶

Não vos ponhais pois tão triste
que fazeis que enfurecido
dous mil desatinos diga
e perca em zelos o tino.

Notas

¹ A métrica impõe a leitura de *saudades* com diérese (*sa-u-da-des*).

² Tal como está, o verso tem oito sílabas. Uma emenda possível consistiria em passar o sujeito para o singular: *que o vosso mal é deveras*.

³ O verso apresenta uma sílaba a mais. Uma possível emenda passaria pela supressão do determinante.

⁴ esvanecer – o mesmo que *esvaeecer*, desmorecer, enfraquecer.

⁵ *entretêm* deve ser lido como trissílabo.

⁶ brincos – brincadeiras, jogos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 39-41

A Sílvia em ãa convalescença, mas dando-lhe Lisardo um bordão

Décimas

Já que meu amor com gosto
não pode nesta ocasião¹
servir-vos, meu coração,
de vosso Paje² de encosto;
5 sirva neste pressuposto
esse bordão com destreza,
pois estais em tal fraqueza,
meu bem, e em tal desmaio[,]
das melhoras no ensaio,^a
10 de encosto a vossa beleza.

Alvíssaras³ a meu amor
em vossas melhoras peço,
pois do meu peito confesso
sois feitiço, minha flor;
15 mas não sei se com primor
dais a meus ais atenção,
pois vejo em tal ocasião,¹
minha linda Sílvia, que
ponho a voz em lá, mi, ré,
20 quando vós em fabordão.

Seta de amor grosseria
fora, quando eu dissera
em mão de tal primavera
esse bordão parecia;
25 mas sabeis vós que eu deria,

meu bem, não com disprimor
que dessa mão em a flor
parece, se se repara,
bela ser de condão vara,
30 já que não seta de amor.

Ora inda digo que não
é tal vara, nesta empresa,
que não há de tal beleza
mister vara de condão;
35 é, sim, de um tronco invenção
que vos busca, meus amores,
que pois do tempo os rigores
lhe tira as flores nos fins,
busca em esses dez jasmíns
40 para sua pompa as flores.

Aparato

^a no ensaio] em o ensaio

Justificação de emendas

^a A métrica mostra claramente que a contração é obrigatória.

Notas

¹ Por razões métricas, é obrigatória a sinalefa em *o/ca/siãõ*.

² Paje – forma antiga de *pajem*.

³ A métrica impõe a leitura de *Alvíssaras* com síncope (*alvis'ras*).

⁴ O verbo deveria estar no plural.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 41-42

A Sílvia

Comendo Barro¹

Décimas

Estava para² te dizer
agora, em esta ocasião,³
que acabou meu coração,
Sílvia, de mais te querer;
5 que como a fé me diz ser
eu barro, mui claro está
que pois teu desejo dá
em o comer com desgarmo,⁴
temo que como sou barro,
10 todo a mim me comerá.

Eras tão bela e fermosa
que em nácar e alvura enfim
davas de face⁵ ao jasmim
e fazias rosto⁶ à rosa;
15 porém essa luz pomposa
trocada a vê meu disgosto,
pois vê neste pressuposto,
para que mor pesar passe,
dar-te hoje o jasmim de face
20 e fazer-te a rosa rosto.

Deixa esse vício, menina,
se mui divina ser queres,
pois em barro não comeres

te abalizas de divina;
25 que a perfeição peregrina
dos serafins é enfim
não ser pois de barro, e assim,
quando o comes tão ufana,
declarando ser humana,
30 mostras não ser serafim.

Notas

¹ O hábito – sobretudo feminino – de comer barro foi comum entre os séculos XVI e XVIII, tendo por objetivo manter a tez branca, regular a menstruação ou servir de contraceptivo. Sob forma quase sempre jocosa, o tema surge com alguma frequência nas literaturas ibéricas. Para o caso português, veja-se, por exemplo, a décima *Dizem-me que estais doente*, de Jerónimo Baía, publicada em *A Fenix Renascida* (tomo IV, 1746, p. 55).

² A métrica impõe a leitura de *para* com síncope (*p'ra*).

³ Por razões métricas, é obrigatória a sinalefa em *o/ca/sião*.

⁴ desgarro – variante de *desgarre*, denodo.

⁵ dar de face – o mesmo que *dar de rosto*, evitar, desprezar.

⁶ fazer rosto – entenda-se *fazer mau rosto*, não sorrir, não favorecer.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 42v-43

A Sílvia

Não respondendo a cartas de Lisardo

Soneto

Se por néscio me tens, Sílvia inconstante,
mui pouca rezão mostras nessa empresa,
que quem chega a adorar tua beleza
discreto deve ser, nunca ignorante;

5 se me estimas por loco e não amante,
mostra menor rezão tua destreza,
que quem ama essa tua gentileza
deve juízo ter mui relevante;

10 porém se néscio e loco sem ventura
em ser amante teus enfados toco,
pelo que deves a essa¹ fermosura

devias responder sequer em poco
a meu amor, que tanto te procura,
ou como a néscio pois ou como a loco.

Notas

¹ A métrica impõe a sinalefa em **a e/ssa**.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Domina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 10 e 14.

Testemunho: BGUC 354, f. 43v

A Sílvia

Atirando a Lisardo com ãa Rosa

Airoso o tiro foi, mas desairoso
a meu peito amoroso;
foi como cuid¹ enfiro,
cruel Sílvia, esse tiro,
5 pois quando desdenhosa
atiraste a meu peito co'essa Rosa,
esquecida querias dos carinhos
ao peito setas fossem seus espinhos;
porém de meu querer em os ardores
10 estimo esses espinhos por favores,
 pois se ver-me ferido
 desejas e sentido,
 em mim que maior glória
que nesse tiro teres a vitória?

Notas

¹ cuid^o – cuidado, preocupação.

Arte poética

O madrigal combina decassílabos com o seu quebrado (vv. 2-5 e 11-13), sendo a rima emparelhada. Todos os decassílabos são heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 44

Sentimentos de Lisardo em os ciúmes mal fundados de Sílvia

Romance

Penas minhas, mais despacio,¹
meus ais, menos sentimentos,
porque um triste pouco sente
ũa pena mais ou menos.

5 Não corrais pois tão depressa,
penas minhas, porque temo
cuidar Sílvia busco a morte
só por fugir a seus zelos.

10 Não vades, não, de corrida
nos suspiros porque peno,
saiba que morro inocente,
veja que leal feneço.

15 Deixai-me pois que confesse
de meu amor os excessos,
que estes são os crimes que
contra seu amor cometo.

20 Deixai-me que em desafogos
publique penas primeiro,
nos protestos destas ânsias,
de meu amor os protestos.

A Sílvia nunca ofendi,
bem o sabeis vós, tromentos,

nas ânsias das saüdades,²
dos suspiros nos extremos.

25 Bem sabeis como meus olhos
deste amor em os degredos,
cegos de chorar ausências,
mil vezes se viram cegos.

30 Que como buscavam Sílvia
e a não viam, desfeitos
em lágrimas eram rios,
se mares no sentimento.

35 Choravam porque era força
lançar lágrimas um peito
que nos desteros de Sílvia
tinha da vida os desteros.

40 Duas mil vezes chamava
por Sílvia, mas sem remédio,
porque só às vozes penhas
me respondiam nos ecos.

Bem sabeis que à sua vista
de mi mesmo me não lembro,
porque em louquices de Amor,
à sua vista enlouqueço.

45 Bem sabeis que em mil carícias
a Sílvia tanto venero,
que tudo o que não é Sílvia
para mim é tudo vento.

Se enfim, penas, nisto minto,

50 morra por fados adversos,
ou aos rigores de um golpe,
ou a poder de um veneno.

Agora que confessei
do meu amor os excessos,
55 vinde, penas, acabai-me,
matai-me já, sentimentos.

Notas

¹ despacio – (espanholismo) devagar.

² A métrica impõe a leitura de *saudades* com diérese (*sa-u-da-des*).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 44v-45v

Cornucópia

*que em o congresso Poético
dos famosos Académicos noturnos
celebrenmente se teceu em os celebrados cornos
que pôs a ferosa Sílvia a seu amante, Lisardo*

*Oferece-a e dedica-a o Desengano
a todos os Amantes, mentecaptos, Basbaques,
ansiosos Tântalos e aéreos cameliões
em os enganosos amores de Freiras*

*Imprime-os a Disquirição
à custa dos mesmos Néscios*

A Trajano Bocalino,¹ como a Censor do Parnaso, manda Apolo
rever estas Poesias

Soneto

Apolo Rei do Pindo;³ a vós, Trajano,
como a censor que sois deste Parnaso,
Machavello⁴ famoso em todo o caso,
como bom genovês, em todo o engano;

5 a vós, que para o mal, em todo o humano
não faltou que dizer em cada passo,⁵
sem que vos escapasse o mesmo Tasso,⁶
sendo que sois como ele Italiano;

10 estas obras vos manda, antes que à imprensa⁷
se mande de Lisardo a cornadura,
pois que de vós se fez a mesma Amenta;

e cuida que fareis boa censura,
pois o que o mesmo mal em si exp'rimenta
sabe se ao mal se faz a boa cura.

Notas

¹ Trajano Bocalino – Traiano Boccalini (*1556 †1613), político e literato italiano, autor de *Ragguagli di Parnaso*, obra em que, dando conta das discussões ocorridas no Parnaso, satiriza a vida política e literária de Roma.

³ Pindo – monte da Tessália consagrado a Apolo e às Musas.

⁴ Machavello – Nicolau Maquiavel (ou Niccolò di Bernardo dei Machiavelli, *1469 †1527), historiador, poeta diplomata e músico florentino, imortalizado por *Il Principe* (escrito em 1513-14, mas publicado em 1532).

⁵ Note-se a oscilação de sonoridade na consoante de rima *-aso / -asso*.

⁶ Tasso – Torquato Tasso (*1544 †1595), importante poeta italiano, conhecido sobretudo como autor de *La Gerusalemme Liberata*.

⁷ A rima parece mostrar que há erro no final do v. 9 e que a forma correta será provavelmente *imprenta*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é usado o pentâmetro iâmbico no v. 1.

Testemunho: BGUC 354, f. 47

Censura

que por mandado de Apolo fez destas Obras Trajano Bocalino

Soneto

Por decreto de Vossa Majestade,
Apolíneo Senhor, vi estas obras,
que em que lagartos digam e mil cobras,
me parece que são de piedade;

5 pois não se diz, Senhor, nunca a metade
do que merece um corno de tais dobras;
porém sempre aos Poetas ficam sobras,
porque sabem obrar de caridade;

parece-me ao que julgo salva pace¹
10 que é este livro muito necessário
para andar neste mundo muito em classe;

e assim com as² Licenças do Ordinário,³
pode, Senhor Apolo, dar-lhe o passe,
se não há outras ordens em contrário.

Notas

¹ salva pace – (expressão latina) conservada a paz, sem quebrar a paz.

² A métrica impõe a leitura com ectilipse: *co'as*.

³ Ordinário – uma das entidades que, até meados do século XVIII, emitia licença para a impressão de um livro.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas os vv. 11 e 13 também podem ser lidos como sáficos.

Testemunho: BGUC 354, f. 47v

40.

Licença

que dá El-Rei Apolo para se poder imprimir a Cornucópia

Soneto

Vista esta informação de Bocalino,
pois de sátiras é tal alquimista
que para ser de todo um Ateísta
somente lhe faltou ser granadino;

5 visto pois o dizer do Sol ao Pindo
da Cornucópia bem em a revista,
em Bocalino cousa nunca vista,
pois sempre em dizer mal foi peregrino;¹

10 mando logo se imprima e que assim feito
possa impressa correr, de Seca a Meca,
visto ser para muitos de proveito;

e dou poder de a ter em Biblioteca,
sem ter de privilégio outro respeito,
o que a Freiras amou como Babeca.²

Notas

¹ Note-se a rima incompleta *Pindo* / *Peregrino*.

² Babeca – néscio, basbaque.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas o v. 7 também pode ser lido como sáfico.

Testemunho: BGUC 354, f. 48

41.

Taxa

que a Mesa do Paço de El-Rei Apolo pôs a este Livro

Soneto

Nós que de Apolo Rei no Parlamento
temos de senadores a granacha,¹
a quem, por não poderem fazer caixa,²
ficam todos os mais de sotavento;³

5 vendo que fora um grande atrevimento
o correr este livro sem a Taxa,
lha decretamos pôr, e essa bem baixa,
para⁴ que o possa comprar todo o jumento;

10 um corno se dará por cada Tomo
em o papel impresso; e incadernado
dous cornos, porque vai de Tomo e lomo;⁵

o preço não se põe demasiado
aos basbaques em freiras, porque como
mil cornos tem, lhe fica bem Taxado.

Notas

¹ granacha – variante de *garnacha*, veste talar usada por magistrados.

² fazer caixa – provavelmente no sentido de fazer dinheiro.

³ ficar de sotavento – ficar do lado oposto àquele de onde sopra o vento; ficar em desvantagem.

⁴ A métrica impõe a leitura com síncope (*p⁴ra*).

⁵ de tomo e lomo – muito grande, importante.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Todos os versos são decassílabos heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 48v

Dedicatória

Aos Senhores Amantes Freiráticos

Soneto

A vós, Senhores meus, que em grande inópia
de juízo buscais com mil canseiras,
em delírios de amor, amor em freiras,
servindo-as como negros de Etiópia;

5 a vós se oferece esta Cornucópia,¹
meus Senhores, em regras verdadeiras,
e são verdades estas as primeiras
de que me resolvi fazer-vos cópia;

10 a vós pois se dedicam sem subornos
para que repareis quais são os saques
que essas freirinhas dão em os retornos;

destas quedas fugi² os altos baques,
vede que as quedas todas são em cornos
e {ao}^a depois não choreis como basbaques.

Justificação de emenda

^a Admitindo como pouco natural a leitura de *e ao* numa única sílaba, a supressão é justificada pela métrica.

Notas

¹ Qualquer que seja a forma como o leiamos, o verso está errado, tendo uma sílaba a mais ou uma distribuição irregular dos acentos. A emenda mais natural consistiria na substituição de *esta* por *a*.

² Note-se a construção transitiva direta de *fugir*.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 1.

Testemunho: BGUC 354, f. 49

43.

Aos Senhores Académicos

Noturnos manda Marcial¹ do Inferno este

Soneto

Eu, que no tempo antigo, dentro em Roma,
fui de cornos censor tão celebrado
que cornudo não hove que afamado
não andasse em meus versos na maroma;²

5 estava neste Inferno feito um broma³
em ver que em caso tal, tão nomeado,
não hovesse no mundo algum barbado
que escrevesse co'a pena de Mafoma;⁴

10 descansado já agora mais me vejo,
pois o grão Rei Apolo ordena e manda
que a Lisardo salteis em o pelejo;⁵

e a não estar eu cá por esta banda,
lhe fizera bailar, como desejo,
com Epigramas mil a sarabanda.⁶

Notas

¹ Marcial – (*c. 40 †c. 104) poeta latino, conhecido sobretudo pelos seus epigramas satíricos.

² maroma – corda bamba.

³ broma – ignorante, boçal, grosseiro.

⁴ Mafoma – Maomé.

⁵ pelejo – pele.

⁶ sarabanda – tipo de dança; em sentido figurado, advertência severa, censura.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Todos os versos são decassílabos heroicos, embora o 1.º e o 10.º também possam ser lidos como sáficos.

Testemunho: BGUC 354, f. 49v

A Marcial

Respondendo a Academia dos Noturnos pelos mesmos consoantes

Soneto

Meu Senhor Marcial, você que em Roma¹
por grão Poeta foi tão celebrado
e hoje nesses Infernos afamado
por destro Bolatim² em a maroma;

5 não tem rezão, Senhor, para estar broma,
porque neste sucesso nomeado
não hove de Poeta algum barbado
que pior não falasse que Mafoma;

10 não diga você lá vejo, não vejo,
em estes tais recados que nos manda
e aquiete a sua alma e o seu pelejo;

porque não falta cá por esta banda
quem a Lisardo tanja com desejo
e o faça bailar bem a sarabanda.

Notas

¹ O poema usa as mesmas palavras de rima do soneto anterior.

² bolatim – variante de *volatim*, volteador em maroma, funâmbulo, equilibrista.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Todos os versos são decassílabos heroicos.

Testemunho: BGUC 354, f. 50

45.

Ao pio

e devoto Leitor

Soneto

Muito pio Leitor, de ti confio
e da tua gentil benevolência
leias com toda a pura consciência
este treslado, pois és Leitor Pio;

5 sendo que eu para mim não desconfio
que lhe não tenhas toda a reverência,
pois amor se não dá com tal decência
que de cornos não ande ao bedopio;¹

10 põe os olhos em ti, que é caridade,
porque se em ti puseres bem os olhos,
este livro lerás com piedade;

pois se bem reparares, sem refolhos²
de tais cornos em tanta quantidade,
verás talvez em ti alguns abrolhos.

Notas

¹ bedopio – embora não tenha encontrado a palavra dicionarizada, é possível que se trate de variante de *redopio* ou *rodopio*.

² refolho – fingimento, dissimulação.

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é usado o pentâmetro iâmbico no v. 14.

Testemunho: BGUC 354, f. 50v

Cornucópia

A Lisardo escreve seu amigo Fileno esta

Silva

Lisardo em esta carta
minha Musa de versos se discarta
e em desordens confusa
nas pedras do Parnaso quebra a infusa,¹
5 todo o monte atrudindo,
 gritando a vozes e alterando o Pindo;
 jurando e consagrando por Apolo
 que não fosse tão tolo
 que em termos tão preversos
10 de cornos a invocasse para versos;
 que era mulher mui casta e peregrina
 e nunca fora Musa adúlterina;
 que atendesse que as nove Musas belas
 não eram² moças da rua nem michelas;³
15 mas Senhoras do Paço
 metidas na clausura do Parnaso;⁴
 e eu que sei que em clausuras
 também sucede haver suas misturas,
 pois mo disseram moças de um Convento
20 (e destas mais de um cento),
 que as mais bem estreadas
 também faziam suas misturadas;
 lhe respondi de estalo:
 “Também entre vocês Apolo é galo,
25 e são, Senhoras minhas,

não deste galo só, vocês galinhas,
mas de dous mil poetas
(tristíssimos baetas),⁵
e cada um delampeiro⁶
30 sei que mui bem lhe canta de poleiro;
e não se faça grave,
porque você mui bem de cornos sabe,⁷
e a mim me influa, com gentil adorno
uns versos que pareçam ser de corno.”

35 Em esta ira da Musa, em este enfado,
assunto descobri a meu enfado,
ao vosso alívio, pois sem garatusa⁸
a moça foge de vós, de mim a Musa;⁹
e é por mais que se coça
40 por não dizer a Musa mal da moça,
que na selva de Vénus, onde roba,
nunca loba cervaz¹⁰ mata outra loba.¹¹

Mas ao caso passemos, que é o caso
deste vosso fracasso
45 para os poetas todos
o celebrarem por diversos modos;
que correm na luquice e nos disvelos
amantes e Poetas paralelos,
porque um Poeta, se a matéria toco,
50 é tão amante como o amante é loco.

Enfim cá me disseram que essa rosa,
que tanto por fermosa
com tanta idolatria
rosa era para vós de Alexandria,¹²
55 pois em travada guerra
não parecia ser rosa da terra,

mas em prendas divinas
rosa nas prefeições mui peregrinas,
vos pusera mil cornos de maneira
60 que era já para vós rosa albardeira;¹³
e com rezão, se esta rezão se guarda,
pois fica ela na sela e vós na albarda;
com que, amigo, ficais em triste estrela,
vós nas cilhas¹⁴ de burro, ela na cela.

65 Quem afirmara tal, quem tal cuidara
que esta rosa tão rara,
sem refolhos¹⁵ singela,
bela na graça e no donaire bela,
se havia mostrar sem mais escolhos,
70 rosa singela, não, mas de cem folhos,
que assaz folha mostrou a rapariga
nesta vossa fadiga,
pois que bem ostentou, com mil abrolhos,
na volta de ãa folha, mil refolhos?

75 Esta nova senti porque brioso
sois e muito extremoso
e pode furibundo
Boi chamar-vos brioso todo o mundo,
bem que em semblante e rosto tão sereno
80 demonstrando estais ser um Boi moreno;
sendo que pera mim intrepetrado
não Boi moreno sois, mas Boi malhado,
pois Sílvia malha em vós e pela sorna
o malho vem a ser, vós a bigorna,
85 com que o malhado sois sem mais batalhas,
pois sois tão conhecido pelas malhas;
porém não sintais, não, esta desgraça,
que não é a fortuna tão escassa

que um Boi não transforme, sábia e grave,
90 em qualquer animal ou em ã¹⁶ ave;
 que a ação de Sílvia foi
transformar-vos em cuco, não em Boi,
sendo que lá nas partes de Maluco¹⁷
tanto um Boi vale como vale um cuco,
95 e cuco quis que fôsse[i]s a menina
 que em parte peregrina
 andou em ação tanta,
porque o Boi muge quando o cuco canta,
e não quis a senhora, não, mui tola,
100 pássaro que não fosse de gaiola.

Enfadado estareis de ter gastado
 tanto tempo baldado
 em versos e quartetos,
em Décimas, Romances e Sonetos,
105 gabando desta rosa a galhardia
por afronta do sol, mate do dia;
 jurando e trejurando
 que à sua vista, quando
saía a Aurora e o mesmo sol saía,
110 de fermosura tal a fidalguia,
 sem nenhũa demora,
era Mochila¹⁸ o sol, criada a Aurora;
mas não tendes rezão porque os amores
que lhe disseste{i}s vos pagou em flores,
115 e assim airosa e bela
de flores vos teceu ã capela,
sendo que diz quem fala sem subornos
que de flores não foi, mas foi de cornos;
porém tudo é capela e em nada topa
120 ser a que Sílvia pôs ou pôs Europa,¹⁹
 porque as Damas mais finas,

quando capelas tecem de boninas,
ou em cornos as tecem, ou pela conta
lhe põem em cada flor ãa grã ponta,
125 e assim vinde a entender que em seus favores
as flores cornos são e os cornos flores.

Também o mundo diz a troxo-moxo²⁰
que são os vossos de carneiro²¹ mocho;²²
mas que importa dizê-lo o mundo inteiro
130 quando sempre ficais sendo carneiro,
que tudo se diz corno, sem blasfêmia,²³
pois como diz Galeno,²⁴ grã Letrado,
em os seus aforismos²⁵ celebrado,
é tanto pois o corno masculino
135 como, amigo Lisardo, o feminino?

Pois concordam é raso
em género, Senhor, e igual caso,
tende pois paciência
porque a senhora Sílvia, em consciência,
140 vendo vosso feitio esfarrapado
e por diversos casos maltratado,
quis como tão discreta
dar-vos bastantes bens para baeta,
e bens não móveis, mas bens de raiz,²⁶
145 que como o mundo diz
e qualquer o protesta
firmes bens de raiz tendes na testa,
e sendo rico de bens, bem se devisa²⁷
não trazeis na baeta pouca frisa.²⁸

150 Assim pois neste caso tão sabido
não ficareis despido,
porque com gentil treta,
se vos faltar, Lisardo, essa baeta,

155 qual sagaz caracol, é muito certo
estareis em as conchas encoberto
lançando com alinhos
do sol aos claros raios os corninhos,
sendo que há quem diga,
neste vosso desar,²⁹ com grã fadiga,
160 e o jura de papel, em ãa resma,
{que}^a não são de caracol, porém de lesma;
mas eu agora digo
que diga o que disser, Lisardo amigo,
sejam elas quais sejam,
165 que se cornos pelejam,
sejam em os retornos³⁰
de lesma ou caracol, eles são cornos.

Mais vos dissera, amigo, mas Talia,³¹
que é toda a galhardia
170 dos primores das Musas
recoletas³² intrusas
no alcorão do Parnaso,
ouvindo o que vos digo perde o passo,³³
pois como mostra que é, não quer em contas
175 se ponham cornos as que chamam pontas;
que semelhantes tretas
sempre usaram Damas recoletas,
pois põem³⁴ cornos dous mil e sobretudoo
dizem que o Amante não fica cornudo,³⁵
180 porque o basta dizer nesta palestra
a que entre todas é abelha mestra.

Já que pois me condena
a senhora Talia, quebro a pena
antes que as castas e senhoras Musas
185 na cabeça me quebrem as infusas,

porque se elas puderam sem subornos,
em ela me poriam dous mil cornos;
mas como o meu juízo não tropeça,
bem guardo de tais cornos a cabeça,
190 e porque cornos não tenho, é bem liso
que em estes vossos falo com juízo;
agora em pena tanta
dixeis que mui bem canta
com suave melodia
195 quem de uns cornos não sente a tirania,
mas não tendes rezão, pois todo o alento
deste vosso tromento
tendes em o retorno
de aleviar o mal ao som de um corno,
200 porque males também, se a voz se afina,
o desafoço tem numa buzina.

Bem qual aquele amante desgraçado
assaz bem nomeado
e tanto por extremo
205 que é por antonomásia Polifemo,³⁶
que vendo ir pelos campos de Amalteia
a sua tão querida Galateia
atrás de Átis³⁷ Pastor, moço impotente,
pois se diz comumente
210 (sendo que é raro o caso)
que o amara Galateia por ser raso;
que era Átis um Pastor quitapelhos,³⁸
mui pouco varonil para ter filhos;
e Polifemo em tudo
215 um gigante galhardo e mui membrudo;
vendo este, como conto,
fugir-lhe Galateia, neste ponto
que ao mais valente abala,

com bizarro donaire e gentil gala
220 aleviando seu mal, tirou de um corno
que por airoso adorno
já consigo trazia,
porque discreto via
já de outros com ensino
225 que a parar vem num corno o amor mais fino,
e tangendo com ele aleviava
o mal que o atromentava,
queixando-se ora às flores, ora às fontes,
falando aos campos e /*atroindo/ os montes;
230 com que assim satisfeito
tinha alvívios ao mal, alento ao peito.

Assim, Lisardo, pois, se Sílvia ingrata
desta sorte vos trata,
agora a vós vos toca
235 por[d]es em tanto mal um corno à boca,
tangendo tanto, em penas tão amargas,
até que rebenteis pelas ilhargas;
e enfim em tal tromento
só num corno achareis o vosso alento.

Fileno

Justificação de emenda

^a Sem esta emenda, o verso fica com uma sílaba a mais.

Notas

¹ infusa – vasilha semelhante a uma bilha.

² A métrica impõe a leitura **não** e/ram/ mo/ças/ da/ ru/a/ nem/ mi/che/las.

³ michela – meretriz.

⁴ Note-se a rima *Paço / Parnaso* (cf. vv. 43-4, *caso / fracasso* e vv. 177-8, *Parnaso / passo*).

⁵ baeta – tecido de lã grosseiro, aqui com valor metonímico.

⁶ delampeiro – de acordo com Morais, o mesmo que *lampeiro*, lesto, atrevido.

⁷ Note-se a rima *grave / sabe*.

⁸ garatusa – manobra relativa a um jogo de cartas, o chilindrão; em sentido figurado, logro, fraude, engano.

⁹ Tal como está, o v. apresenta uma sílaba a mais.

¹⁰ loba cervaz – não encontrei a expressão dicionarizada, mas é possível que se trate da variante feminina de *lobo-cerval*, lince.

¹¹ Cf. o provérbio “Lobo não mata lobo”.

¹² rosa de Alexandria – rosa mítica que terá desaparecido, na Antiguidade, numa erupção do Vesúvio, e que apresentava a particularidade de ser branca durante o dia e vermelha à noite.

¹³ rosa albardeira (ou rosa-albardeira) – rosa bravia, que nasce nos matos.

¹⁴ cilha – faixa de tecido ou correia larga que passa por baixo da barriga das cavalgaduras para segurar a cela ou a carga.

¹⁵ refolho – rebuço, fingimento.

¹⁶ A métrica parece mostrar que a forma correta seria ...*nũa ave*.

¹⁷ Maluco (ou Malucos) – as ilhas Malucas ou Molucas, arquipéago da Insulíndia que faz parte da Indonésia.

¹⁸ Mochila – servo, lacaio.

¹⁹ Alusão ao episódio mitológico em que Júpiter se transforma num touro branco cujos cornos tinham a forma de um crescente lunar, para seduzir Europa, filha de Agenor, rei de Tiro.

²⁰ a troxo-moxo – variante, com efeito humorístico, de *a trouxe-mouxe*.

²¹ carneiro – tal como *cuco*, usado noutros momentos do poema, *carneiro* também pode designar o homem atraído pela mulher.

²² mocho – desprovido de chifres ou com os chifres aparados.

²³ Como o sugere o esquema rimático, parece estar em falta um verso.

²⁴ Galeno – (*129 †199), um dos maiores médicos da Antiguidade.

²⁵ Os *Aforismos* são de outro grande médico da Antiguidade, Hipócrates (séc. V a.C.).

²⁶ bens de raiz – os que não podem ser arredados do solo (prédios urbanos e rústicos, etc.).

²⁷ Tal como está, o verso é hipermétrico. Uma emenda possível consistiria na substituição da preposição: *rico em bens*.

²⁸ frisa – segundo Bluteau, pano de lã, a modo de baeta, mas mais corpulento.

²⁹ desar – desaire, revés, desgosto.

³⁰ retorno – no sentido, averbado por Morais, de “golpe que se dá a quem nos feriu”.

³¹ Talia – era uma das nove Musas, presidindo à comédia.

³² recoleta – em sentido próprio, freira pertencente a uma comunidade religiosa reformada da ordem de S.^{to} Agostinho ou de S. Francisco.

³³ perder o passo – de acordo com Morais, perder “a paciência, a prudência, e bom governo das suas ações, o bom andamento do proceder”.

³⁴ Apesar da grafia – que é a do manuscrito –, a métrica obriga a que *põem* seja lido como monossílabo.

³⁵ O verso é irregular. Mesmo que admitamos a leitura *di/zem/ que o A/man/te...*, a acentuação fica no modelo 4-7-10.

³⁶ Polifemo – um dos Ciclopes, gigantes com um só olho na testa, que se apaixona pela ninfa Galateia. Numa das versões, a ninfa ama Ácis, um belo jovem, que Polifemo, movido pelo ciúme, esmaga debaixo de uma pedra.

³⁷ Átis – não se trata de Ácis, do mito de Polifemo, mas de uma outra personagem que, no relato de Ovídio, era um adolescente muito belo que habitava nos bosques da Frígia e inspirou a Cíbele uma paixão casta. A deusa decidiu unir-se-lhe para sempre e fazê-lo guardião do seu templo, mas com a condição de ele conservar a sua virgindade. Contudo, Átis não resistiu à paixão que lhe despertou a ninfa Ságaris, e Cíbele, furiosa, provocou a morte da ninfa, o que fez enlouquecer Átis. Este, no decurso de uma crise violenta, castrou-se, vindo depois a acolher-se de novo ao serviço da deusa.

³⁸ quitapelinhos – espanholismo; adulator.

A silva é composta por versos decassílabos, que alternam de forma irregular com o seu quebrado. Os decassílabos são maioritariamente heroicos, mas são sáficos os vv. 6, 32, 33, 46, 49, 50, 61, 65, 68, 94, 98, 112, 114, 126, 128, 175, 184, 190, 229, 232 e 235, ao passo que nos vv. 109 e 236 é usado o pentâmetro iâmbico. A estrofação é irregular e a rima é emparelhada, havendo contudo alguns versos soltos.

Testemunho: BGUC 354, ff. 51-57

A Lisardo, sentido em os cornos que lhe pôs Sílvia, escreve seu amigo Antíon¹ este

Romance

Minha Musa, vá de versos
e não sejam dos mimosos,
porque versos de melindre
servem pouco para cornos.

5 Sejam de uns tesos e crespos,
daqueles a quem o povo
chama trovas de pancada,
louva versos de miolo.

10 Em o verde louro agora
suspenda a Teorba² Apolo,
que de Apolo os doces cantos
não são para Capicórnio.³

15 Para ter mão no tinteiro
de São Marcos saia o Touro,⁴
um corno sirva de pena,
de papel outro em retorno.

20 Cornos sejam os conceitos
e cornos os versos todos,
corno seja cada plica,⁵
outro corno cada ponto.

Porque o mesmo é dizer

este caso tão famoso
do que ver-me em laberintos
de quatro mil cornos posto.

25 Convosco falo, Lisardo,
 porque falando convosco
 cornos tudo são que vejo
 e cornos tudo o que topo.

 Cornos fêmeas, cornos machos,
30 cornos grandes, cornos mochos,⁶
 cornos largos e piquenos,
 cornos delgados e grossos.

 Cornos com nós de Boi velho,
 cornos de veado e cornos
35 de carneiro e de cabrão,
 cornos que não tem já conto.

 E são tantos que podeis
 ter os timbres bem famosos
 dos Duques de Cornualha
40 e mais dos Cornélios todos.

 Que de Corno não há casta
 nem modo ou feição de corno
 que Sílvia vos não pusesse
 por flor, bem à flor do rosto.

45 Que no jogo de amor Sílvia
 foi freira de tomo e lomo,⁷
 jogou por fora e por dentro,
 por nunca perder o jogo.

Mui taful⁸ fostes com ela
50 ou fostes, amigo, um tonto,
pois se topáveis⁹ ganháveis
só cornos dous mil em troco.

Direis que foram pecados
sentir[d]es tanto disgosto;
55 eles pecados seriam,
mas não vejo mais que cornos.

Pelo que venho a entender
em este disgosto vosso
que em lugar de figas, Sílvia
60 vos meteu cornos nos olhos.

Um Job bem representado
com sua mulher vos noto,¹⁰
pois num monturo esta o deixa
quando a vós Sílvia de lodo.

65 Rosa sempre a veneraste,
mas ela sem circunlóquios
se fez rosa das partilhas,
fazendo-vos Boi fermoso.

Não há que fiar em freiras,
70 direis agora mui tolo,
como quem cevada lança
ao asno depois de morto.

Que estou zombando direis
mui agastado em tal ponto;
75 eu zombarei, porém freiras
nunca me encontram mazombo.¹¹

De Sílvia e de seus amores
que esperáveis mais que cornos?
Que esperáveis mais que embustes
80 que são das freiras os logros?

Com freirinhas manda El-Rei
ninguém fale ou ponha os olhos,
e eu digo que melhor fora
mandar que falassem todos.

85 Pois bem lançadas as contas,
que pior cadeia ou tronco
pode haver do que sofrer
por fim de contas mil cornos?

90 Vós o sabereis, pois tendes
em caso tão lastimoso
em essa cabeça vossa
delas um cento de contos.

Sendo que com cornos tantos
mostrais ser ao mundo todo
95 mui de préstimo, pois sois
homem de tantos negócios.

E tantos que essa cabeça,
meu Lisardo, não sei como
para¹² estes negócios tais
100 pode ter tanto miolo.

Enfim, ficai-vos embora,
pois à Musa manda Apolo

que por agora vos deixe
andar sem sortes¹³ no corro.¹⁴

Antoion

Notas

¹ Esta forma resulta de uma emenda no original. A versão anterior era *Antoion*, como volta a aparecer no final do poema.

² Teorba – instrumento musical da família dos alaúdes.

³ *Sic.*

⁴ Alusão à festa do Touro de S. Marcos, tradicionalmente celebrada a 25 de abril (dia em que o evangelista foi supliciado, no Egito, no ano de 67). Sobrevivência dos cultos dionisíacos greco-romanos, parece ser a adaptação cristã da *rubigalia*, apresentando um caráter agro-pastoril. Veja-se a síntese apresentada por Bluteau no seu *Vocabulario*: “Em algumas partes, vespera do Euangelista S. Marcos, costumão tomar hum Touro muito bravo, & emborrachallo, não lhe dando a comer, nem beber outra cousa, que vinho muyto poderoso, & com este licor o reduzem a tão grande mansidão, & brãdura, que no dia seguinte os rapazes, & as raparigas o levão com cordoens, & fitas até a Igreja, aonde o ebrio animal, em quanto se dizem os Offícios, está cabeceãdo, & caindo de sono, tão esquecido de sua natural braveza, q se deixa pôr nos cornos mil candeinhas; mas em se acabando de cozer o vinho, se levanta o Touro tão feroz, que ninguem lhe pãra diante; & o povo simplesmente attribue esta subita mudança a milagre.”

⁵ plica – provavelmente no sentido de acento circunflexo.

⁶ mocho – desprovido de chifres ou com os chifres aparados.

⁷ de tomo e lomo – muito grande, importante.

⁸ taful – jogador por ofício ou hábito.

⁹ topar – aceitar parada, aposta.

¹⁰ Quando Job é atingido por uma lepra maligna, a sua mulher instiga-o a amaldiçoar Deus e diz-lhe que morra de vez (Jb 2:9).

¹¹ mazombo – provavelmente no sentido, averbado por Houaiss, de sorumbático, taciturno.

¹² A métrica impõe a leitura da preposição com síncope (*p’ra*).

¹³ sorte – manobra executada pelo toureiro para enganar ou farpear o touro.

¹⁴ corro – arena, curro.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 57-59v

A Lisardo

Escrevem certas Damas em conclave estas

Décimas

Meu Senhor, já Senhora,¹
de tal caso nos extremos,
chamar-vos hoje podemos
co'a devida cortesia;
5 pois vendo nós neste dia
ser de cabrão vossa estrela,
é certo que vos faz ela,
em caso assim tão fatal,
por cabrão em Portugal,
10 Conde de Cabra em Castela.

Tendes mais em consciência
(se apertarmos) lá na Gália,
por Duque de Cornuália,²
ũa fermosa Excelência;³
15 e assim com toda a decência,
quando convosco se truque,⁴
ou aqui ou em Balduque,⁵
vos chamarão com rezão,
por um fermoso cabrão,
20 meu Senhor, o Conde-Duque.

Assim sem nenhum engano,
com título tão luzido,
bufando de presumido,
podeis andar muito ufano;

25 pois com todo o desengano,
sem mostras de carrancudo,
podeis dizer sobretudo
que tendes sem mais profias,
se de cabrão Senhorias,
30 Excelências de Cornudo.

Pelo que, Senhor, por onde
andar[d]es com cortesias,
tereis sempre Senhorias
e assento também de Conde;
35 pois ao mundo não se esconde
(de Corno no pressuposto)
que de Sílvia foi seu gosto
fazer-vos, como o protesta,
um Conde de Corno em testa,
40 pois há um de punho em rosto.⁶

Éreis Mercê⁷ até agora
com a devida mercê,
porém a vossa mercê
se vos não dará de agora;
45 que estranha cousa fora
ir-se-vos Mercê supondo
quando de corno em estrondo
sois (o que a ninguém se esconde),
Senhor, um redondo Conde,
50 sem ser Conde do Redondo.⁸

Por mais títulos podeis
ter Senhoria a rachar,⁹
pois que de cornos sem par
tão boa feira fazeis;
55 e assim por todas as leis

se vos deve sem canseira,
Senhor, de toda a maneira,
dar-se-vos a Senhoria,
pois se deve em cortesia
60 a todo o Conde da Feira.¹⁰

Pelos cornos, meu Senhor,
pois que são os cornos flores,
bem podeis ser com primores
um Conde de Vila Flor;¹¹
65 se bem vos está melhor,
como bom aventureiro,
ter[d]es o nome primeiro
do mesmo Condado da Ilha,
pois vos fez sem maravilha
70 Sílvia ser Conde Carneiro.

Sempre Vossa Senhoria
envejou ter tais venturas,
pois de outros nas cornaduras
sempre em sátiras mordia;
75 agora que em tal profia
o vemos com tais retornos,
aplaudimos sem subornos,
fora de todas as guerras,
não o ser senhor de terras,
80 mas o ser senhor de cornos.

Anarda. Amatilde. Fílis. Fisberta. Rosaura. Roselina. Clavelinda.

Notas

¹ Senhoria – forma de tratamento tradicionalmente usada com os condes.

² Duque de Cornuália (ou Cornualha) – título criado em 1337 e atribuído ao príncipe herdeiro da Coroa inglesa, o qual desde então passou a ser designado como príncipe de Gales e duque da Cornualha. No poema, o título é usado pela proximidade fonética com *cornio*.

³ Excelência – forma de tratamento para titulares e personalidades de condição superior, cujo uso foi variando ao longo do tempo.

⁴ trucar – no jogo do truque (ou truco) – um jogo de cartas –, é desafiar o adversário.

⁵ Balduque – nome espanhol (e português), derivado da designação francesa *Bois-le-duc*, da cidade holandesa de Hertogenbosch.

⁶ Alusão burlesca ao Condado de Puño en Rostro (ou Puñonrosto), um título nobiliárquico espanhol concedido por Juana I de Castela, em 1523, a Juan Arias Dávila, IV Senhor de Puñonrosto, localidade a sul de Madrid.

⁷ Mercê – forma de tratamento mais comum, usada com pessoas que não eram titulares.

⁸ Conde de Redondo – título criado em 1500 por D. Manuel, que o atribuiu a D. Vasco Coutinho, antigo Conde de Borba.

⁹ a rachar – embora não tenha encontrado a expressão dicionarizada, suponho que significa *em grande quantidade*.

¹⁰ Conde da Feira – título instituído em 1481 por D. Afonso VI, a favor de Rui Vaz Pereira.

¹¹ Conde de Vila Flor – título criado por D. Afonso VI em 1661 e atribuído a D. Sancho Manuel de Vilhena.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 60-62

A Lisardo escreve Flora em particular (a quem tinha muito desdenhado) estas

Endechas

Meu Senhor Lisardo,
vós que nesta aldeia
dáveis por discreto
os dias das festas;¹

5 vós que, amando a Sílvia,
afirmáveis que era
ũa Estrela-da-Alva²
por muito alva e bela;

10 vós que em seus cabelos,
com afeição cega,
como em grilhões de ouro,
tínheis a alma presa;

vós que lhe dezíeis:
“Fez-te a natureza,
15 a pedir de boca,³
a boca pequena;

“para que se visse
com mais contingências
que o que em ti é menos
20 é a mor beleza”;

vós que copiáveis,
com pena mui destra,

por suas mãos alvas,
as flores mais belas;

25 dizendo não tinham
para competência
nem o jasmim mimo,
nem glória a Açucena;

30 vós que quando andáveis
por estas florestas,
como nós Pastoras,
guardando as ovelhas;

35 diz[í]eis que as flores
mais alvas e belas,
para tal alvura,
eram suas negras;

40 pois por lhe beijarem
os seus pés discretas
se postravam todas
as flores por terra;

vós que se a véis
nos bailes da aldeia
a fazer mudanças
quando usar de tretas;

45 diz[í]eis que em Sílvia
toda a mudança era
um donaire tudo,
tudo gentileza;

vós enfim que louco

50 as demais belezas,
por gentis que fossem,
publicáveis feias;

pois que à sua vista
dizíeis com veras⁴
55 nuvem era o sol,
sombra toda a estrela;

hoje de queixoso
não há quem vos veja;
tudo são retiros,
60 tudo são ausências.

Pois me dizem que
Sílvia vos pusera
não na testa o dedo,
mas cornos na testa.

65 E que andais, Lisardo,
lá por essas serras
como cabrão feito,
um salta-que-trepa.⁵

Isto me contaram
70 um dia de sesta
Lises com mil risos,
com mil graças Menga.

Ri muito em tais chanças⁶
que para Novelas⁷
75 é Menga mui sábia,
Lises mui discreta.

Mil sabões vos deram⁸

80 como lavadeiras,
que para um cornudo
são as saboletas.⁹

Nisto chegou Gila,
aquela donzela,
no alento Palas,¹⁰
no sábio Minerva.¹¹

85 E vendo as zagalas
fazer-vos tais chanças,
disse: “Merecíeis
mil sabões de pedra.”¹²

90 E com mil donaires,
dizendo belezas,
nesta festa vossa
vos leu a calenda.¹³

95 Quando logo assoma
lá pela portela
cantando Amariles
vossas desavenças.

100 E para folgar
recolhe com pressa
no curral as cabras,
no Prisco¹⁴ as ovelhas.

E contando o caso
tange as castanhetas,¹⁵
dizendo que Sílvia
assim vos tangerá.

105 É moça Amariles
 linda e mais singela,
 pois desejou dar-vos
 duas sapatetas.¹⁶

110 Disse ricas cousas
 com gentil cadência
 da presunção vossa,
 da vossa soberba.

115 Ajudou-a Anarda,
 Pastora de prendas
 que em vossos cornos
 muito bem salmeia.¹⁷

120 Disse mui chistosa
 que só por fineza
 nos cornos da lua
 Sílvia vos pusera.

 Chegou também Fílis,
 cuja gentileza
 para fazer basta
 corte toda aldeia;

125 a quem vós dizíeis
 só Sílvia nascera
 em lindezas rara,
 única em firmezas.

130 E ouvindo das outras
 as vossas tragédias,
 na testa as mãos punha,
 rindo às mãos cheias.

Neste ponto estava
quando Sílvia chega;
135 pergunta se vimos
sair da cancela

ũa ovelha mansa,
mais branda que cera,
que por dar bom leite
140 era a sua ovelha.

Respondeu-lhe Clóri
(Pastora travessa
que entendida dá
mil mates às néscias):

145 “Sílvia, nós não vimos
em toda esta sesta
nem cabras berrar,
nem balar ovelhas.

150 “Vi, sim, um cabrão,
que me dizem que era
pelos sinais vosso
lá andar pela serra.”

A chança entendeu
e voltou depressa,
155 dizendo que estava
boa a chançoneta.¹⁸

Riram-se as zagalas
e cada qual delas
buscou sua vida

160 e acabou-se a festa.

Vede, meu Lisardo,
como tereis nestas,
para vossos males,
boas merceeiras.¹⁹

165 Eu, sim, a São Marcos²⁰
poria candeias
quando vós tivésse[i]s
nos cornos as velas.

170 Porque de outra sorte
não há quem não tema
ser[d]es vós qual outro
Toiro Caravela.²¹

Ficai-vos embora,
perdoai a trela,
175 pois bem a merece
quem foi tão babeca.²²

Flora

Notas

¹ dar os dias das festas (e/ou os dias santos) – mandar com autoridade.

² Estrela-da-alva – o planeta Vénus.

³ a pedir de boca – espanholismo; incomparável, melhor é impossível.

⁴ com veras – de verdade, a sério.

⁵ salta-que-trepa – embora não tenha encontrado a expressão dicionarizada, creio que o sentido é claro: designa um indivíduo que salta como um bode.

⁶ chança – dito zombeteiro ou mordaz.

⁷ novela – na definição de Bluteau, “Conto fabuloso. Patranha inventada para entreter ociosos.”

⁸ dar um sabão a alguém – repreender.

⁹ saboleta – diminutivo de *cebola*; de acordo com Bluteau, repreensão ou vaia.

¹⁰ Palas – epíteto da deusa grega Atenas, divindade da guerra (e também da sabedoria).

¹¹ Minerva – divindade itálica que presidia às artes manuais e à sabedoria (e também à guerra), profundamente identificada com a Atena grega.

¹² sabão de pedra – é o que contém uma base mineral e que é duro e consistente. Neste contexto, *sabão* significa *repreensão* (mais dura, dado que o sabão é de pedra).

¹³ De acordo com Morais, a calenda era um livro ou canhenho de breves apontamentos sobre o calendário litúrgico que antigamente faziam os eclesiásticos pelos dias contados à latina. Assim *ler a calenda* deve significar ler a informação condensada sobre certa festividade, neste caso a de Lisardo.

¹⁴ Prisco – variante aferética de *aprisco*.

¹⁵ castanhetas – o mesmo que *castanholas*.

¹⁶ sapatetas – sapatadas, chineladas.

¹⁷ salmear – segundo Morais, levantar ou cantar a celeuma (a vozeria que fazem os homens do mar, para se estimularem reciprocamente durante o trabalho).

¹⁸ chançoneta – o mesmo que *chança*, dito zombeteiro ou mordaz.

¹⁹ merceeiro – o indivíduo que, em troca de pensão ou moradia, se encarregava de determinadas obrigações espirituais, como as de rezar pela saúde de alguém, encomendar defuntos, etc.

²⁰ Alusão à festa do Touro de S. Mateus. Cf. nota ao v. 14 do texto n.º 47.

²¹ Touro Caravela – designação jocosa, que aproveita a imagem dos mastros e das velas triangulares que caracterizam a caravela.

²² babeca – provavelmente do espanhol *babieca*, pessoa simples ou tola.

Arte poética

O poema é formado por endechas, isto é, por quadras que, neste caso, são constituídas por hexassílabos e apresentam rima toante nos versos pares, mantendo-se o tema vocálico constante.

Testemunho: BGUC 354, ff. 62-66v

À Senhora Caterina do Sacramento

Dedica, oferece e consagra

Lisardo

os Triunfos de sua Beleza

Os Triunfos, Senhora Caterina, em que a vossa beleza se diviniza, a vós mesma o meu amor os consagra, que nem vossa beleza pode ter melhor proteção nem a minha Musa maior glória, pois se vê em vós tal Majestade na discrição e tal discrição na Majestade que a mesma enveja vos tem respeitos e a mesma emulação vos mostra decoros. E assim nunca poderá a censura nem arguir a minha Musa nem ofender a vossa beleza, pois os vossos respeitos são para a vossa beleza patrocínios e para a minha Musa defensas.

São as dedicatórias, ou asilos que se buscam para a fama, ou abonos que se granjeiam para o crédito. E aonde podia nem a vossa beleza ir buscar para o seu crédito lustres nem a minha Musa para a sua fama estimações senão em a vossa mesma beleza? A Vénus se dedica as fermosuras e a nenhã se dedica Vénus; ao sol se consagram as flores e a nenhã se dedica o sol; pois tem o sol em si nas Luzes superioridade para a sua proteção e Vénus nas prendas muitas luzes para o seu respeito.

O que per si se dá a venerar não é necessário que a outrem se dedique para luzir. As Estrelas são informes Luzes; e como informes na beleza, não é muito busquem em os Deuses tutelas na proteção. A de ãas tem Júpiter, a de outras Vénus, a de algũas Mercúrio, a de muitas Saturno e o sol mesmo de todas. E assim nenhum luzimento tiveram a lhes não darem o sol os resplendores, Saturno a fecundidade, Mercúrio a ligeireza, Vénus a fermosura e Júpiter o poder. Reina por si o sol, que o sol nem necessita

de proteções para o seu luzimento nem de defensas para a sua galhardia; é Astro prefeito, dá e não recolhe luzes, mostra como Rei dos Planetas liberalidades no absoluto e nunca mendiga como sujeito pobres no feudatário.

É sujeitar-se o oferecer-se: consagraram-se ao favor de Vénus os Cisnes, à proteção de Juno os Pavões, ao domínio de Júpiter as Águias, ao poder de Minerva as Corujas, à soberania de Tétis o Alcíon e à majestade do sol a Fénix. Mas o mesmo foi buscarem estas aves proteções que verem cativos, pois em a Fénix triunfa o sol, em o Alcíon Tétis, em as Corujas Minerva, em as Águias Júpiter, em os Pavões Juno, em os Cisnes Vénus.

Em si tem a sua mesma proteção o que os olhos veneram Deidade. É o Louro Árvore de Apolo, não porque a Apolo se consagre senão porque Apolo no Louro se edentifica; e assim per si mesmo o Louro se respeita. Chegam às mais árvores os raios e por isso se dedica o Louro às forças de um Hércules, a Hera ao favor de um Baco, a Murta à defesa de ãa Vénus, o azinheiro ao respeito de um Júpiter, a oliveira à sabedoria de ãa Minerva, o Pinheiro à purdência de ãa Cebila¹ e o Cipreste ao venerando de um Plutão. Não chegam os raios ao louro, porque como é inanimada Deidade dos Bosques tem o seu respeito em ser Deidade; e assim nem se dedica nem se oferece, porque então fora conhecer sujeições e não blasonar de Impérios.

Todos os que podem ter ãa Deidade, tendes, belíssima Caterina, pois tendes os do nascimento para as venerações, os do Juízo para os cultos e os da fermosura para os respeitos; respeita a vossa fermosura a mesma inveja, venera a vossa discrição a mesma eloquência e admira o vosso entendimento a mesma sabedoria, e do vosso nascimento se engrandece a mesma nobreza, excelências que em vós como Deidade tanto resplandecem que sois única em nobreza, entendimento, discrição e fermosura.

Não duvido que há muitas fermosuras; porém são estrelas, em quem se se venera a beleza, a nobreza não se admira nem o juízo se vê; só em o sol se dá esta perfeição e em vós esta excelência: pois só em vós se dá como no sol: fermosura sem defeitos, Juízo sem censuras e nobreza sem eclipses; sois, sim, Estrela, porém luzis como sol, em quem só se unem

fermosura, Juízo e nobreza; e se o sol não conhece superioridades, por supremo, menos necessita vossa beleza de patrocínios por soberana.

Em Amalteia² busquem amparo as flores, pois tem defeitos que se lhes notem, em que brilhantes fermosuras sejam; tem a rosa espinhos, tem o cravo soberbas, tem a Mosqueta desdéns; e assim é bem que para não terem censuras, tenham em ãa Deusa amparos; e não vós, a quem se a mesma Amalteia vira, se vos dedicara.

Fora em minha Musa needade quando comendo de vós, a vós mesma se não dedicara a minha Musa. Pintava o famoso Apeles³ as fermosuras de Grécia; porém como discreto, a Helena⁴ oferecia todas as fermosuras. São as pinturas, se traços do engenho, fermosuras do juízo. E a quem senão a vós se havia a vossa mesma fermosura oferecer e a minha Musa dedicar que se não notasse a minha Musa de néscia e sem que se não sentisse a vossa fermosura de ofendida?

Ofendem as Deidades as alturas que não consentem que as assombrem; as Deidades superiores triunfam e nunca inferiores se confessam; e por isso tem Júpiter sempre na mão raios, Apolo as setas, Marte a espada, Neptuno o Tridente, Hércules a clava. É para ãa deidade qualquer sombra ãa ofensa; e como é ter sombras buscar proteções, dissera o Mundo, quando a vós mesma vos não dedicara, que não éreis Deidade, pois tínheis sombras.

Presunções pois pode ter a minha Musa esvanecidas, pois escrevendo de vós, a vós mesma se consagra e assi se dedica, que como vai nos seguros da proteção, não teme os golpes da censura; a que pode haver é o dizer tão pouco, quando de inumeráveis prefeições há em vós muito; porém julgá-lo-á assim a curiosidade no zelo, mas não o juízo no discurso, pois por um só dedo que pintou Apeles se viu a grandeza de Alexandre. Como o sol é, ninguém retrata o sol. Fermosuras que se compreendem em ãa pena, não tem nada de grandes. É a sua excelência falar delas, o respeito nos pasmos e a admiração nos silêncios.

Pode também a censura culpar a minha Musa de muito humilde no conceito, para assunto tão soberano na grandeza; mas como a vós se dedica, terá de grande o que se lhe notar de humilde. As nuvens em que o sol reverbera parecem globos de ouro. Muito avulta na mão de um pode-

roso o que val pouco; na sua mão parece diamante o que é vidro. O relâmpago é um vapor da terra, mas chegado à região do fogo, brilha como luz; não importa ser na Musa o conceito humilde quando o assunto é grande, pois esta mesma grandeza faz aquele conceito muito levantado.

Em estas poesias lereis, Senhora, algũas que não pertencem à vossa beleza nem a ação vossa, e poderá a censura notar erro o que foi indústria, pois em que em algũa o vosso nome se não veja, nessa a vossa fama se decifra. Querer a curiosidade penetrar mistérios é ou por se mostrar sábia ou por se jactar aguda; faz despropósitos o que são acertos. Vós, minha Senhora, bem me entendeis; e assim se a censura me arguir, tenho a vossa proteção para me defender. Deus vos guarde muitos Anos, como a Deidade sua.

Vosso criado muito

Amante

Lisardo

Notas

¹ Cebila – Cibele, filha do Céu e da Terra, tida como a mãe dos deuses.

² Amalteia – o ser lendário, ninfa ou cabra, que amamentou Zeus no monte Ida, subtraindo-o aos olhares de Crono.

³ Apeles – pintor natural de Colophon, na Lídia, que viveu na segunda metade do século IV a.C. Embora as suas obras sejam apenas conhecidas através de referências e de descrições, é tido como o maior pintor da Antiguidade.

⁴ Helena – filha de Leda e de Zeus, era considerada a mulher mais bela do mundo. O seu rapto por Páris, príncipe troiano, deu origem à guerra de Troia.

Testemunho: BGUC 354, ff. 67r-71vv

51.

Advertência Apologética

Rezão satisfatória

Discurso demonstrativo deste empenho

Às Senhoras

que curiosamente lerem

estes Troféus de amor, em os Triunfos da maior Beleza

Por voto e por amor, minhas Senhoras, apresento ao mundo os triunfos de ãa beleza rara em prefeições, milagrosa em prendas; por amor, quando os consagro, no rendimento do meu peito, às soberanias de ãa fermosura; e por voto, quando em satisfações de ãa culpa, os dedico às Majestades de um sacramento.

Nunca ninguém a fez que a não pagasse sempre; ou mais tarde ou mais cedo, tem a culpa o seu castigo; a culpa mais particularizada em silêncios, fizeram ãas Aves pública em vozes;¹ a mais oculta se faz mais manifesta; cuidou Caim que ninguém vira que matara a Abel, mas clamou o sangue e teve o seu castigo Caim.² A púrpura da Rosa é na Rosa castigo e não gala, pois é o sangue de Vénus;³ em o castigo mais manifesto, não tarda a hora da culpa mais silenciosa.

Vai parecendo este discurso Ignima, pois parece que há neste amor em agravos ofensas, quando publico em satisfações um voto. Não, minhas Senhoras, não são do meu voto as satisfações deste amor agravos; são deste amor sacrifícios e de ãa culpa desempenhos.

Inda pouco me explico; mas querem Vossas Mercês entender o que tão depressa não posso explicar; hão de ter paciência em me ouvir e cuida

que a terão Vossas Mercês, porque ainda que os ouvidos se não pintem na fermosura, toda a fermosura deseja ter muitos ouvidos; e assim a melhor pintura se lhe nega quando se lhe nada apropriada; isto não é murmuração, é pedir a Vossas Mercês atenções para o caso deste voto e desejar que Vossas Mercês tenham mil ouvidos para a narração deste caso, que foi tal qual a Vossas Mercês aqui o descrevo.

Amava eu (em algum tempo), e posto que eu agora comece a descrever este amor por *In illo tempore*⁴ (não o tenham Vossas Mercês por amor de Evangelho), amava com o nome de Artimodoro a Sílvia (nomes que tomámos na Crisma e não no Batismo). Amava enfim e me parecia que era Sílvia ãa Tisbe⁵ nos extremos, ãa Hero⁶ nas finezas e ãa Pórcia⁷ nas lealdades; servia-a eu como Jacob a Raquel,⁸ pondo os ombros a mil impossíveis nos excessos, e como Sansão⁹ a Dalida,¹⁰ não havendo extremo de gosto que tivesse que por lhe fazer o gosto a todo extremo me não arrojasse. Porém se fui Sansão nos extremos, não fui Jacob nas venturas, pois não tive o prémio nas lealdades, sim a recompensa nos enganos.

Dos que comigo usava Sílvia murmurava o mundo e suspeitava o meu amor, que as suspeitas do amor são vistas de lince. Oh, como se enganam Vossas Mercês em cuidarem que o amor é cego! Não, minhas Senhoras; isso é pintura e não realidade. Vénus criou o Amor com mui bons olhos, pois tem mui bons olhos o Amor; e assim tirar-lhe as vistas é fazer ao amor néscio e não entendido, pois é pô-lo em letargos de tonto e não em acordos de ajuizado. Dem Vossas Mercês o seu a seu dono e creiam que o amor tem mais de bem visto do que de bem cego.

Vi, desenganei-me e calei, que o publicar ofensas não são desagrvos; é mais de um juízo dislustre do que de ãa Dama desabono. Fere de ãa rosa um espinho; e loucura é, por ferir um espinho, querer maltratar toda ãa rosa. As belezas até nos agravos se respeitam. Ofende o sol com os seus raios e ninguém em as ofensas põe os olhos em o sol; é mais sagrada a beleza, pois nem se lhe pede rezão de agravo nem se lhe dá rezão de queixa.

Calei a minha, mas não calou o mundo a sua, que como é um corpo de muitos tem as línguas de todos. Não dissimula o mundo faltas: as do sol em seus eclipses publica; as da lua em seus minguentes manifesta; as das

Estrelas em seus defeitos descobre. Todos enfim se uniram a satirizarem a ação de Sílvia e a celebrarem de Artemidoro os cornos; e assim juntamente todos (que para o mal todos se unem) se uniram em ãa Academia sem ser de festa o dia, nos fizeram em ãa Cornucópia a festa. Senti, porém dissimulei, esta desalmada conjuração de Poetas; dissimulei pois mereci a pena, e senti pois tanto se Sílvi[i]a era a causa; que o Amor inda que ofendido sempre conserva os respeitos, em tantos agravos quantos da fementida Dalida expr'rimtentou aquele discreto quanto valeroso Nazareno Sansão: se se lê sentido, nunca se ouve contra os respeitos de Dalida Sansão queixoso. Não são despiques nos agravos os desabonos nas chanças,¹¹ que o que é inclinação da vontade como amor não se há de ter por lei de obrigação.

Passaram dias, quando em ãa noute, mais por divertir os sentidos nas tristezas do que por buscar agrados nas vinganças, quis ver a celebrada Cornucópia, a qual lendo, como era da minha desagravo, não deixei de ter em mim alguma complecência, que o juízo, se disfarça as penas, não desnaturaliza os afetos; li pouco, porque ouvir dizer mal, o menos é melhor, e vejam Vossas Mercês como ainda neste menos me sucedeu mal.

Enfadado pois e sentido, larguei o livro, dei dous passeios e busquei a cama. Despiu-me um criado (que é o mesmo se dissera um ladrão me despiu, pois é sinónimo de um ladrão um criado) e deitando-me, como trago o sono nos olhos, peguei logo no sono. Assim pois, presos os sentidos, sem terem atividade para o discurso nem liberdade para a discrição (pois já Vossas Mercês sabem que é o letargo do sono efígie da morte, aonde a liberdade fenece e os sentidos acabam), soltas as rédeas, começaram a formar em o Fantasma laberintos, que quando a rezão se encarcera, logo a confusão assiste. Em esta me parecia que estava tal qual a Vossas Mercês agora me quero decifrar.

Parecia-me (digo) que composto, como Vossas Mercês aqui me vêm, se é que não estou mais simples do que composto. Sentado em ãa cadeira, encostado a um bofete, aos desmaios dos reflexos de ãa quasi paracismante¹² luz, porque não há luz que não tenha seus paracismos¹³ nem beleza que não tenha seus desmaios. Parecia-me (repito) que estava lendo com algũas anotações do gosto as famosas subtilezas da Cornucópia;

louvava o agudo engenho de Trisso, aplaudia a discreta agudeza de File-no, envejava a picante discrição de Anfriso, celebrava a entendida chança de Mertilo e não me desagradava nem ver perdido o respeito à fermosura nem o segredo à Traição, que como não tinha testemunhas no gosto, podia ter lisonjas e juízo na vingança e assim o que o primor tanto no público estranhava, a lisonja no particular o juízo aplaudia.

Estava eu elevado neste devertimento quando acaso voltando os olhos vi diante de mim Celestina, moça de têmpera velha, porque sempre foi mui fixa, e assim vinha vestida ao seráfico, por ser boa Treceira;¹⁴ e pondo os olhos em mim com o rosto algum tanto crítico (que é um ponto mais que carrancudo), inclinando a cabeça, que é mesura relegiosa, e Celestina por criada em convento costuma a fazer esta mesura; vi-a pois, e como lhe devia muitas obrigações, lhe quis mostrar todos os aplausos; porém recebendo-os como injúrias, me falou colérica com estas resoluções:

“– Não, Senhor Artimodoro, nem quero ouvir de vós lisonjas nem aceitar cortesias, porque *con quien vengo, vengo*.¹⁵ Eu sirvo à senhora Sílvia e quem a ela agrava a mim me ofende, pois ou eu sou ou não sou.”

Fiquei, minhas Senhoras, admirado de a ouvir, porque me falava mais como ama que como criada. E a este tom me foi dizendo algúas cousas de vergonha, que ãa criada favorecida de ãa ama é ama que manda e não criada que obedece.

Ora tenham Vossas Mercês paciência e ouçam ãa dotrina. Dar a ãa criada a mínima confiança é perder ãa Dama seu próprio respeito. Junto do globo da lua não aparece Estrela; a mesma lua respeita muito ao longe ao sol; favorece-a assim o sol, muito ao longe; e se acaso lhe dá confianças o sol, de se chegar a lua ao perto, reparem Vossas Mercês o como logo o sol padece com eclipses defeitos e no mundo assombros. A criada de Pilatos, se não tivera mais domínio na casa do que a ama, não se atrevera a fazer vacilar a fé de um Pedro.¹⁶ A muitas Amas fazem as criadas vacilar as honras, pois lhe não sabem dar os lugares de criadas as amas. Perdoem Vossas Mercês se este documento aqui vai de mais, porque foi tal o sabão que me deu esta criada que com toda a limpeza posso dar a Vossas Mercês este documento.

Com esta resolução pois, tirou Celestina do seio ãa carta (que as que entrega todas são do seu seio) e me deu com ela pelos narizes, que parece quis que eu primeiro lhe tomasse o cheiro do que o gosto; e logo me cheirou mui mal, pois lendo o sobreescrito, rompendo a nema,¹⁷ vendo a firma e decifrando as letras, continha o que Vossas Mercês ouvirão, se é que querem Vossas Mercês saber o que continha.

“Senhor Artimidoros (dizia a carta), nem de Vossa Mercê as cortesani-
as nos obrigam nem os seus disfarces nos enganam, pois é Vossa Mercê
como o Estalião¹⁸ que veste Estrelas e anima venenos; o que se viu, pois
sabemos que, se Vossa Mercê naquela infame e vil Cornucópia não pôs a
pena e não concorreu com a Musa, pôs o gosto e cooperou com o aplauso
e o fez de que não somente a Senhora Sílvia se visse em sátiras ultrajada,
mas em indecorosos romances e mal soantes obras a majestade das Da-
mas ofendida, fazendo que de ãa o agravo fosse queixa de todas. Assim
pois, para que atrevimentos se castiguem e inocências triunfem, no tribu-
nal de Apolo aparecerá Vossa Mercê com Tirso, Fileno, Anfriso e Mertilo,
seus amantíssimos sequazes, para estarem connosco em Juízo. Fora
este aviso supérfluo, a não ser a advertência necessária de que se haja
Vossa Mercê mui cortês nas defesas com esses seus Poetas, Ateístas, sem
alma, pois poetizam sem pejo; quando não queira que multipliquemos as
nossas iras em as vinganças &c.^a

Amariles // Anarda // Clori // e Lises //”

Li a carta que Vossas Mercês ouviram com gosto quanto eu a li com
susto e me benzi, que como via tantos raios me presinei¹⁹ todo em cruces;
que, posto que considerasse sempre que as fermosuras eram muito mimos-
sas para o sentimento, nunca cuidei que eram tão tencioneiras²⁰ para a
vingança; inda assim descursei que assim como eram prontas para o ódio,
eram no mesmo tempo não deficultosas para a brandura, pois não há be-
leza que ou a rogos se não abrande ou a cortejos se não renda. A rosa
fecha-se toda em desdêns nas primeiras assistências do sol, mas abre-se
toda em pompas na continuação das assistências. Quis pois pegar na pena

para a resposta e, não vendo ali nada de escrever nem a dita Celestina²¹ para o levar, me alevantei assustado e passeando comecei a descursar.

É possível (dezia eu) que com os Impérios do respeito queira a fermosura violentar os ditames do Juízo? Dita o Juízo que são os espinhos defeitos da rosa; e é possível que o seu respeito queira que sejam galas quando são defeitos? É possível que, sendo informes luzes, as Estrelas queiram que as tenha o juízo por perfeitas luzes? É possível que, sendo as flores nascidas das ervas, queiram essas flores que as avalie o entendimento por originárias dos Astros? E que nesta soberba a fermosura queira que sejam os seus crimes virtudes, as suas ofensas agrados e as suas deslealdades obrigações? Oh, fermosuras, que divinas fôreis se, assim como sois atrativas, não fôsseis tão soberbas! Em vós as ofensas quereis que sejam galas que um amante vista e as de um amante quereis que sejam lutos que ãa Dama traje.

Assim descursava, dando um passeio, quando voltando para o outro, me achei (oh, como eu o ignoro!) em um deleitoso prado em que parece que para a variedade das flores mostrou Amalteia²² todo o seu empenho ou Flora²³ seu império todo, cuja vistosa planta sustentava a soberba de um monte, não admirável em penhascos que grosseiros ameaçam precepícios, mas em louros que vitoriosos aclamam felecidades; para o qual vendo eu concorrer muita gente, e não muito luzida no trato, pois toda caminhava a pé, me cheguei a um destes, que me pareceu mais assentado,²⁴ pois não caminhava muito, e com toda a cortesia lhe perguntei que gente e que Monte era aquele. Ora ouçam Vossas Mercês, minhas Senhoras, a sua resposta, porque dela começa toda a minha tragédia.

“— Sem dúvida que deveis de ser algum ignorante (me respondeu ele), que a ser[d]es entendido, soubéreis bem que era este o Monte Pindo,²⁵ corte de Apolo, onde não entram néscios, porém só sábios. Toda esta gente que vedes tem os foros de fidalgos em a casa real, que depois que os Reis de Espanha deram aos Biscainhos estes foros,²⁶ os deu Apolo a todos os Poetas em a sua casa, pois o mesmo é ser Poeta hoje que ser Biscainho; pobre porém, mas fidalgo. Vão chamados a cortes; e posto que os vejais ir com poucas cadeias de ouro, forçoso ornato para cortesões de

ũa Monarquia, contudo levam minas de versos, que são Potosis²⁷ de riqueza.”

Admirei-me de ver a sesudeza com que este senhor Poeta me falava, pois me falava com todo o seu siso; e querendo-lhe eu perguntar que assento tinham na casa real aqueles fidalgos, que moradias e que títulos, me não pude ter que me não risse; ao que colérico me respondeu: “– Sem dúvida que deveis ser muito mecânico,²⁸ que a ter[d]es pensamentos altivos, víre[i]s que a maior fidalguia é a da ciência, e pois sois do terceiro estado da república,²⁹ infiro que deveis ser algum Pedinte dos que vêm a estas cortes do Parnaso,³⁰ que a ser[d]es dos do primeiro estado da fidalguia, nem vos ríreis nem tanto preguntáreis.” E despedindo-se de mim, me deu com esta redondilha nas queixadas ou tope redondo que me levou à ré da admiração, pois sem dizer “cabe [,]³¹ peço” me deu este tope:³²

Pois que, Senhor, sois tão tolo,
deixai-me ir em meus sentidos,
que tolos com entendidos
à corte não vão de Apolo.

Disse e desapareceu, e fiquei, minhas Senhoras, tão aturdido que não tornara a mim tão cedo a não serem uns alaridos tão desconcertados nas vozes que pareciam ao Mundo ã Babilónia nas confusões; e voltando os olhos vi que estavam uns, ao meu parecer galegos,³³ cabos de esquadra da Justiça, maniatando a uns homens sem misericórdia; e vendo junto a mim outro com um feito³⁴ na mão voltando e revoltando³⁵ folhas, lhe perguntei de tanta confusão a causa. O qual, como era homem já de idade, tirando com muita pausa uns desencadernados óculos, de um desalmado nariz assoando-se na mão, alimpando-se com a capa e pedindo-me tabaco, me tabaqueou,³⁶ respondendo-me desta sorte:

“– Aqueles homens (disse ele) são homens presos que vão para a cadeia da corte a requerimento das Senhoras Lises, Clóri, Anarda e Amaríles, pois é fama pública e por estes atos³⁷ se prova que estes foram os que compuseram contra Sílvia a infame Cornucópia em que de Sílvia se vê o respeito ofendido e destas Damas o decoro agravado, em contemplação

de um Artimodoro que também por horas aqui se espera, porque a um mau nunca lhe falta a sua hora.”

Disse e apressando o passo, de mim se despediu, desculpando-se de me não fazer mais larga a narração de tal caso, com esta redondilha:

Como Escrivão sou, não tomo
mais tempo em mais vos contar,
porque em atos não parar
mas voar, é do que como.

Vejam Vossas Mercês, minhas Senhoras, que novas estas para quem não esperava tais novas! Fiquei assombrado e muito mais de ver [que] aquele homem, com tanta ligeireza, em um instante me remontou da vista! Mas que muito se era Escrivão, que corre mais com a pena do que um Milhano com suas dilatadas asas; e na verdade que mais temi na minha culpa deste os voos do que do Juízo os castigos, pois o Juiz não come do que sentenciar e aquele come do que escrever; e para não comer pouco há de escrever muito! Oh, pobre de mim, dizia eu, e em que mãos estou metido! Mãos em que cifra val dez e em que valem cento dez cifras!

A mais ia passando a minha exclamação na pena quando me divertiu o descurso de ãa lastimosa voz, a que aplicando o sentido, vi que era de meu amigo Tirso, que preso entre ãa quadilha de Beleguins[,] cães rafeiros da respública, se queixava de o levarem com tão mau termo, sem cortesia e com tanta descomposição, sem respeito, a empuxões³⁸ pelos ares. Juro a Vossas Mercês que me não atrevi a chegar, mas alcançando-me ele de vista, me chegou com esta redondilha, que foi o mesmo que para o meu peito ãa bala:

Estes boléus³⁹ sem subornos
levo, quando os escusara,
pois tais boléus não levava
se não foram vossos cornos.

Sentido quanto penalizado me deixou Tirso, pois sendo todo um Narciso no mimo, o levavam ali como um malmequeres no desprezo, mas como vilões ruins não estimam flores, tanto é para eles o Malmequeres como o Narciso; a todas tratam como a flor do orégão, pisada entre as mãos, pois para eles só a de orégão é a sua flor. Oh, Deus nos livre de cair nas mãos destes!

Assim sentia eu os maus tratos de Tirso quando, voltando os olhos, dei com eles em meu grande amigo Fileno, que preso pelo cós dos calções, como a Poeta mecânico, o levava um Esbirro mui mal encarado, porém mais cortesão que um vilão ruim, se deu em ter brios, faz extremos, pois não eram poucos os que fazia este no respeito a Fileno; e assim afastando ãa turbamulta de rapazes e canalha popular, premetiu que Fileno me dissesse esta redondilha tão despropositada:

Pois que assim com tal erronia⁴⁰
me levam, Senhor Juiz,
apelo de *quis vel quis*⁴¹
para *ante vos, ante omnia*.⁴²

A pressa era muita e não pôde dizer mais e melhor fora que dissera menos. Partiu e fiquei; e afirmo, minhas Senhoras, a Vossas Mercês, que sendo o caso para chorar, me deu vontade de rir, em ouvir e ver tal /*desbarato/⁴³ de um homem tão entendido como é Fileno, que sendo Letrado, levava uma causa meramente secular sem perpósito ao eclesiástico. Porém quando não foram os erros dos entendidos extremos? Queria-lhe eu responder que visse Sua Mercê que, suposto levasse muitos cardeais⁴⁴ no corpo, não era aquela causa do Papa; porém nem ele me pôde ouvir nem eu responder.

Compadeci-me, minhas Senhoras, muito de Fileno e compadeçam-se Vossas Mercês, porque as penas fazem voltar os juízos; e como Vossas Mercês são Águias, têm muito arriscados os juízos, pois têm penas; são as penas golpes que tiranizam, tromentos que desesperam e dores que enlouquecem. Acco,⁴⁵ Matrona de Grécia, vivendo nas presunções de moça, vendo-se a um Espelho, e vendo em si mais outonos no desengano

da vida do que Primaveras na flor da idade, tanto se assombrou na pena que delirou no juízo. As filhas de Preto,⁴⁶ rei dos Argivos, vendo que suas fermosuras cediam de Juno à rara beleza, perdendo o juízo se perderam; e assim devem Vossas Mercês compadecer-se de Fileno muito, em tantas penas.

Apenas nestas estava eu considerando, quando acordei quasi de um letargo, às vozes de um clamoroso estrondo, para onde voltando a vista, vi que era Anfriso que, por querido de professas, vinha lançando mil barbataas;⁴⁷ porém como até beleguins não as sofrem, o traziam com menos decoro do que a sua pessoa merecia, e passando por mim me disse, por ter a voz cansada, quasi com voz de defunto, esta redondilha:

Pois de Apolo o gosto é lei
que estes me tratem assim,
compadecei-vos de mim,
saltem vós, *Amici mei*.⁴⁸

Juro a Vossas Mercês que me cortaram tanto o coração as lamentações de Anfriso que gastara toda a minha fazenda em micas⁴⁹ só por lhe tirar a alma daquele purgatório; porém, como nos, da Justiça deste mundo, não valham sufrágios, fiquei com a pena de o ouvir e ele com a pensão de padecer, se bem tudo pudera escusar, se vendo-se preso, cedera à prisão, porque vilões ruins com o poder de El-Rei, da mínima ação se ofendem para perderem o respeito e de toda a palavra se agravam para mostrarem o poder.

Passou, porém não me passou a mágoa; e apenas nesta tomava algum alento quando vi que vinha em prisões maniatado o famoso Martilo, o qual, pondo em mim os olhos, me falou desta sorte:

Vou entre estes que idiotas
me fazem de besta a festa,
e por isso como besta
me prendem com maniotas.⁵⁰

Sempre, minhas Senhoras, venerei a Martilo, por mui discreto; mas nesta ocasião o respeitei por mui sentencioso, pois todo o empenho dos néscios é atarem as mãos aos entendidos, que como pelas mãos se entendem as obras, não querem ver obras dos entendidos os Néscios. Matou-se Ájax⁵¹ por não poder atar as mãos a Aquiles, Zoilo⁵² porque não pôde escurecer a fama de Homero, Dídimo⁵³ porque não pôde deslustrar o nome de Marco Túlio.⁵⁴ Intolerável é para a ignorância a sabedoria; e assim ou a infama com vilanias, ou a prende com deslustres, ou se mata quando nem a prende nem a infama.

Vendo pois desta sorte ir a estes amigos, não sabia nem que resolução tomasse nem que caminho seguisse, quando preplexo nestas dúvidas me achei, quando menos o imaginava, em a corte de Apolo; e vendo-me nos laberintos de tão grande corte, quis tomar língua e querendo que fosse a de ãa prosonagem que junto a mim vi, foi a minha tão bárbara para ele como para mim foi bárbara a sua, pois era Moscovita; encontrei outro e respondendo-me em Polaco, busquei alguns e ou me respondiam em Inglês, ou em Saboiardo,⁵⁵ ou em Dinamarquês, ou em Turco, ou em Persiano, que era o mesmo que me não responderem. Creiam Vossas Mercês, sim, minhas Senhoras, que me vi loco, pois entendi que era a nação Portuguesa a que menos avultava nesta corte, podendo ser a que mais podia luzir, pois nenhũa outra em divinos engenhos a chega [a] aventejar.

Nesta pena assim flutuava o meu ânimo, quando vi diante de mim um mancebo, não mal vestido, porém à primeira⁵⁶ nas cores; e disse entre mim: “– Que me matem se este não é Português!”, pois nenhũa nação veste com tal variedade nem traja com tanta extravagância; assim foi, pois chegando-me a ele e ouvindo-me muito alegre, me abraçou, sendo que como era do Minho, nas palavras fazia do *V. B.*; porém como eu lhe sabia já a ortografia, belamente me entendi com ele e vendo-me sentido de entrar naquela corte com tanta multidão de gente sem que me entendesse nem a entendesse, riu-se Polidoro (que assim me disse se chamava) e me respondeu desta sorte:

“– Esta Corte em que estais, sendo Pátria comũa de todo o Universo, é dos Portugueses a mais desconhecida Pátria; nesta vereis de todas as nações varões esclarecidos em fama e nem a Média,⁵⁷ por bárbara, lhe deixa

de oferecer famosos sujeitos nem a Cítia,⁵⁸ por inculta, lhe nega insignes Heróis. Vereis da Espanha milhares de engenhos ilustres, de Itália exércitos formados de escritores subtilíssimos, de França e de todo o Império maravilhosas penas que à fama dão asas para os voos dos seus aplausos; mas que digo eu? Da Europa, de todas as partes do mundo vereis daqui as Nações, em varões singularíssimos, da Ásia, da África e da América; porém não vereis Portugueses senão algum ou que o obrigue o interesse ou o necessite a pobreza, pois têm entre si que a ciência não é fidalguia, que a Poesia é loucura, que a história é ociosidade e que é esta corte mais corte de uns mendicantes que necessitam alimentos do que de Fidalgos que disbaratam riquezas, sem verem que as da fama são eternas e as que possuem caducas, que estas acabam com a vida e aquelas se prepetuam depois da morte.”

Tendo Polidoro satisfeito à minha admiração, lhe ia perguntando as mais novidades da corte, que nas cortes tudo são novidades, quando chegando-se a mim um Aguazil, me perguntou o nome; e respondendo-lhe que Artemidoro, me disse com todo o respeito (que Ministros honrados nunca o perdem) que me entregasse à prisão; vejam Vossas Mercês, minhas Senhoras, o como eu ficaria em Pátria alheia, sem ter nem parente que por mim acudisse nem amigo que me patrocinasse! Mas antes Polidoro, que cuidei que ali me valesse, voltando desdenhoso as costas, me deu com esta redondilha na cara:

*Quien tal hizo que tal pague,*⁵⁹
pois, amigo Artimidoro,
quem perde à Dama o decoro,
bem é que mil penas traga.

O certo é, Senhoras minhas, que não há felicidade que não seja ãa lisonja nem amizade que tudo não seja aparência: é respeitado o sol no oriente e ultrajado no ocaso; aquele respeito que se lhe dava nas luzes, se lhe perde todo nas sombras; não faltavam amigos ao discreto Job⁶⁰ nas ditas, porém nenhum achou nas desgraças; a rosa nas suas pompas não há mãos que a não desejem para a estimação, porém nos seus desmaios, não

há pés que a não pisem para o desprezo. Enquanto vos vir[d]es venturosos (dizia Ovídio),⁶¹ tereis luzes que vos sigam; porém se vos achar[d]es desgraçado[s], só sombras achareis que vos mortefiquem; as amizades duram enquanto permanecem as ditas, que esvanecidas⁶² as ditas são mortificações o que eram amizades.

Acabava eu de fazer este discurso quasi em êxasi, na minha desgraça, quando me vi dentro na cadeia da corte e acordando como de um sonho, achei junto a mim a Tirso, Fileno, Anfriso e Mertilo; e como seja consolação de um triste outro triste, eles a tiveram comigo e eu com eles.

Estava nesta cadeia muita gente, em diversos ranchos, na comunicação das suas penas, tão vários nos idiomas como nos crimes; e perguntando a um, que era o intrépetre das línguas daquela Babilónia, pelos crimes de todos; porque como com eles havia de viver, queria saber quem cada um era, política muito usada nas prisões, das suas liberdades, pois não só sabem o que cada um é mas o que foi e o que há de vir a ser; pois se prezam Vossas Mercês de saber (não somente o pertérito e o presente, mas ainda o futuro); me respondeu o bom Português, bem que na afeição me pareceu grego:

“– Não vos admireis, disse ele, de ver[d]es em ranchos devidos tantos sujeitos, pois como cada qual ama ao seu semelhante, muito se unem os que muito se assemelham. Não vereis nunca os Leões fazerem companhia aos Tigres, os Falcões às Águias, as Raposas aos Lobos, as Harpias aos Cocodrilos; unem-se todos os animais cada qual em sua espécie;⁶³ e estes ranchos assim se unem como que se não foram do género dos homens, mais de espécie de animais; e se lhe quereis saber as culpas, aplicai as atenções.

“São (continuou dizendo) aqueles que vedes naquele rancho, por cerceadores⁶⁴ da moeda, pois sem conhecerem às ciências nem cunhos nem cruces,⁶⁵ tudo é cortarem pela ciência e, suposto que esta não fique de menos preço, fazem com que no mundo tenha muita baixa. Estes que em tão avultado rancho vedes são ladrões, uns de carapuço de rebuço, outros de estrada e outros fromigueiros,⁶⁶ vil sevandija de República que o Monarca Apolo quer extraminar do mundo, pois nenhum Poeta vassalo seu tem segura a sua casa com tais ladrões. Os fromigueiros são os que des-

trocando um romance furtam ãa copla, porém daqui não passam; os de estrada são os que com cara descoberta, furtando obras alheias, as publicam como façanhas suas; os de carapuça de rebuço são os que acelerando⁶⁷ engenhos para as Poesias, compram os aplausos para os créditos.

“Se reparais naquelotro rancho, sabeis que é de aleivosos, pois sendo as Musas sagradas, as quiseram fazer profanas, pondo-as nos seus versos expostas a toda a lascívia, crime tão abominável que lhe dá a lei cárcere perpétuo a pão de angústia. Estoutros que ali neste outro rancho vedes tão macilentos são os satíricos que, ou com ódio, ou com enveja, ou com zelos, não reparam em saterizar ou a fama dos beneméritos ou o crédito das Damas; e nesse rancho entrais vós, pois me dizem que vós e vossos companheiros incorrestes nesse crime”, o que ouvindo, pedi-lhe que me livrasse, e nesta redondilha me respondeu:

Pois que sois dos desta classe,
valias não peçais, não;
pedi, sim, nesta prisão
um *requiescat in pace*.

Disse e desapareceu. Considerem Vossas Mercês, belíssimas Senhoras, o como os cinco ficaríamos sem que déssemos na paciência mil cinco;⁶⁸ aqui me veio à memória o que Fernão Mendes Pinto conta do seu naufrágio com seus companheiros, na Ilha dos Ladrões;⁶⁹ aqui me lembrou José, o filho de Jacob, metido em ãa cisterna;⁷⁰ aqui me não esqueceu Sansão nas cadeias da Palestina escarnecido dos Filisteus; aqui finalmente me ocorreram as injúrias que de sua mulher Xantipes⁷¹ padeceu o discritíssimo Sócrates e as que sofreu de um insolente néscio o famoso legislador Licurgo;⁷² tudo me lembrava de pena e nada me assestia de gosto; e assim vendo que aflegia a meus companheiros, lhe pedi a minorassem com estes exemplos, que enfim os exemplos nas infelicidades são alvíos para não serem insofríveis as desgraças.

Em estas penas passámos a noite nesta cadeia, quando amanhecendo nos entimou um Escrivão um Decreto real em que nos mandava o monarca Apolo ir à sua presença, em a Relação da sua Justiça, e mal ouvimos o

decreto quando já connosco estava ãa turbamulta de Esbirros; e assim sem mais perguntas nem respostas nos levaram; e como isto nos parecia sonho, sem sabermos por onde acordámos, sem sermos Desembragadores, em Relação, que há Ministros que atordoam tanto aos réus que os matam antes que os sentenciem e os tratam de sorte que os matam; e parecem mais as prisões aparelhos para força do que para cadeia.

Achámo-nos enfim (como a Vossas Mercês vou contando) em o supremo Parlamento de Apolo, o qual assestido dos seus conselheiros e de muitos grandes de sua corte, representava ãa soberana Majestade, pois sentado em um Trono de ouro, de cujo metal o dossel reverberava em finíssimos Diamantes, tanto assombrava com os raios como com os respeitos; faziam a este Trono os lados as nove Irmãs filhas de Júpiter e de Mnemósine:^a Calíope⁷³ em suaves vozes nos cantos; Clio em célebres lisonjas nos versos; Érato em carinhosos afetos nos amores; Talia em menos modestos conceitos nas composições; Melpómene em graves pensamentos nas harmonias; Terpsícore^b em alegres festejos nas sentinelas; Eutrephe em agradáveis cantos na suavidade; Polímnia em sonoros métodos nos Hinos; e finalmente Urânia, em jocosas chanças nas discrições.

A estas acompanhavam suas meias-Irmãs, filhas de Júpiter e de Eurínome, as três Graças:⁷⁴ Engenho, Eufrosina e Pasíteia. Seguiam-se pelos lados das paredes todos os titulares a quem este Monarca fez grandes em a fama, eternos em o nome. Era a sala toda um Céu, não tanto pelo ouro e pedras preciosas de que era fabricada, quanto pelas Estrelas (que são os sábios) em que se via resplandecente. Vejam Vossas Mercês, minhas Senhoras, se seria para ver um Monarca todo sol, os vassallos todos Estrelas e o Palácio todo ouro e ãa composição de pedras preciosas tudo.

Estava eu notando com toda a minha pena tudo o que naquela suprema sala via, só para a Vossas Mercês contar, porque sei que Vossas Mercês folgam muito de saber, quando dando-se um recado a Apolo, e dada a resposta, se correu ãa porteira; e voltando os olhos vi entrar a bizarra Amaríles e gentil Anarda, a fermosa Clóri, a bela Líses, todas em estado de veúvas, com capelos de toucas de La Reina, fazendo-se por vengativas mais mártires do que virgens, se bem (como Vossas Mercês ouviram) se fizeram ali Virgens Mártires.

Entraram e todos lhe fizeram muita cortesia e o mesmo Apolo lhe não mostrou menos agrado, que pôs, minhas Senhoras, em Vossas Mercês a natureza tais privilégios que à sua vista abatem os mesmos Monarcas suas Majestades; não digo isto por culpar a disposição da natureza, mas porque para o meu negócio me enfadou ali muito tal disposição, que aonde as belezas oram, são mui perigosas as causas. Em o Senado de Atenas, nenhũa mulher entrava, nem para se defender, nem para acusar. A mesma lei se guardava no de Roma e inviolavelmente se observava em o de Cartago. Justo decreto! São Vossas Mercês tão atrativas que vistas, no justo e injusto, sempre ficam vitoriosas.

Entraram (como digo) estas Senhoras todas caudatas, que como não têm Provincial que as reforme com patentes,⁷⁵ não tem hoje nas caudas nenhũa veúva reforma; e lançando-se aos pés de Apolo, mais com lágrimas que com vozes (porque Vossas Mercês, para fazerem a sua boa, mais do que falam choram), lhe pediam justiça contra nós, dizendo que lhe devíamos suas honras, pois em satíricos versos lhe escurecêramos suas famas, que não estava de nós segura a mais recatada modéstia nem a mais retirada beleza e que, para prova das suas queixas, ofereciam para se acostar aos Autos aquela infame Cornucópia, em que não só se saterizava da beleza de Sílvia os procedimentos como de todas elas as fermosuras; e dizendo isto se deixaram cair em desmaios e não sei eu se de brabas,⁷⁶ se de mimosas, porque em Vossas Mercês dilíquios e lágrimas ou é mimo ou é braveza.

Acudiram logo as nove Irmãs a aquelas quatro lastimadas flores, que com a água da fonte de Aganipe⁷⁷ as rociaram; a cujos borrifos desperitando, as que pareciam açucenas desmaiadas ficaram purpúreas rosas. Por certo, minhas Senhoras, que haviam Vossas Mercês fazer /*muito/ por terem desta Água, pois faz belos rostos e cuido que estas Senhoras pelos terem melhores fingiram tais dilíquios e caíram em tais desmaios; mas seja o que for, sei que ficaram mui belas e que o mesmo Apolo, ou compassivo ou justo, alterada a Majestade, turbado o semblante, trémula a voz, se levantou dizendo:

“– É possível que tais arrojos se cometam em um Império de Apolo? Que se me perca à minha Majestade o respeito, sendo Monarca e sendo

Senhor do Pindo? Como se eu inda fora guarda-porcós de El-Rei Admeto!⁷⁸ Não se sabe que sou filho de Júpiter e que quando me faltarão as setas para matar me dará meu Pai os raios para consumir? Há de se dizer que, reinando eu, hão de por vassalós meus serem as belezas maltratadas?” E olhando para nós colérico, crítico e zimbórico,⁷⁹ nos disse: “– Ea, ou casar ou morrer!” A esta resolução, ficaram as ditas senhoras mui alegres, cuidando que já tinham maridos; e nós bem mofinos em o senhor Apolo nos querer dar tais mulheres, pois juro a Vossas Mercês que mal as conhecíamos de vista. Turbaram-se tanto meus companheiros que quasi estiveram para alegar em sua defesa que eram impotentes e que mal podiam dever a aquelas senhoras as suas honras; e eu, posto que mostrasse mais ânimo, milagrosamente não disse que era capado, porque poderia Apolo desconfiar, que depois que Dionísio Tirano lhe arrancou as barbas,⁸⁰ nunca mais capado se lhe pôs à mesa.

Vejam Vossas Mercês a que riscos nos puseram estas senhoras com os embelecós⁸¹ das suas lamentações! Não mais nem menos que a pagar cada qual de nós as favas que o Asno comeu⁸² ou a incapacitarmo-nos de homens. E que risos dariam neste caso as Musas! E que chanças fariam de nós as Graças! Que um homem sem préstimo é das Damas um ludíbrío; mas quis Deus devertir-nos este pensamento para a nossa defesa e dar-nos outra para a contrariedade; e pedindo a vénia para dizer, se me deu para assim orar em este

Romance

Senhor a quem toda a fama
aclama em sonoros cantos,
se principal dos Planetas,
Monarca ilustre dos Astros;

5 vós, que c’os Ciclopes⁸³ feros
em guerras armas jogando,
puseste[s] por terra a todos,
jogando de mano a mano;

vós, que do mal e do bem
10 sabeis, pois não há mil anos
que vos viste[s] de Adameto
os gados pastoreando;

vós, que mais do que o grão-Turco
sois, Senhor, modesto e cauto,
15 pois ele tem mil mulheres,
vós só doze⁸⁴ no serralho;

vós, que sabeis o que são
as tentações do Diabo,
pois que mais de quatro vezes
20 sei que vos viste[s] tentado;

vós, que inda que grão Monarca
sois em vossos belos raios,
mais do que capa de pobres,
uma capa de velhacos;

25 vós, enfim, que já tivestes
com Damas vossos fracassos
e nos seus bairros já fostes
valentão do Bairro Alto;

ouvi-me, Senhor, ouvi-me,
30 que não é bem que em tal caso,
tendo de sábio as orelhas,
mostreis ter orelhas de asno.

Deixai essas para Midas,⁸⁵
que enfim, Senhor soberano,
35 não tendes nada de burro,

ele muito de cavalo.

Dessa sentença que destes,
com todo o devido acato,
de vós para vós apelo,⁸⁶
40 para vós de vós agravo.⁸⁷

Porque {se}^c sois justo haveis de
fazer de vós dous pedaços,
um que ouça a parte queixosa,
quando outro o réu condenado.

45 Não há de olhar um Juiz
para a beleza que em prantos
ou faz suplicar nos rogos,
ou Petições nos agravos;

pois são as lágrimas todas
50 de ãa beleza em desmaios
de ãa treição pataratas,⁸⁸
retóricas de um engano.

Vede as que Vénus⁸⁹ chorou
em tal caso, Senhor, quando
55 a acolheu pondo-lhe os cornos
seu bom marido Vulcano.

Pois fingindo mil dilíquios,
o pôs tão corrente e manso
que ficou como um cordeiro,
60 sendo como um touro brabo.

Vede as que chorou Semeles,⁹⁰
a Mãe do famoso Baco,

quando entre lusco-fusco
fez a Jove tais malfários!⁹¹

65 Vede o como ficou Jove^d
tão satisfeito e tão pago
que não creu que era cornudo,
chorando Semeles tanto.

Vede o como Galateia,⁹²
70 das lágrimas no encanto,
trazia a Átis seu amante
todo nela embasbacado;

quando o mundo murmurava
e Átis {o}^e sabia claro
75 que com Polifemo tinha
Galateia seus desmanchos.

Não vos engane, Senhor,
lágrimas que protestando
um coração verdadeiro
80 nascem de um coração falso.

As honras que a nós nos pedem
essas senhoras chorando
são feitiças⁹³ em as vozes,
são postiças em os prantos;

85 pois por vós mesmos vos juro,
pois vos juro pelos astros,
que em que albardámos a muitos
tais burras não albardámos.

E se não, digam que escritos

90 lhes fizéssemos ou quando
lhes piscássemos um olho
para o matrimónio santo.

Digam as tais se meteram,
para fazer bom tal caso,
95 na caixa connosco a mão
ou connosco pé em barco.⁹⁴

Digam quando as conhecemos,
se bem não é caso raro
que as conhecêssemos, pois
100 são conhecidas de tantos.

Assim pois, Monarca ilustre,
matrimónio nem zombando
supra, meu senhor Apolo,
arre lá para tal chasco.⁹⁵

Ia eu com os meus embargos por diante, com toda a modéstia que pude (sendo que confesso não era muita, mas como a defesa é natural e o caso era de matrimónio que para cada qual de nós era o mesmo que de morte) assim foi necessário quando (Deus nos livre) saltaram em nós as quatro ditas senhoras, representando os quatro elementos: Amaríles o ar em soberbas; Líses a Água em os precepícios; Clóri a Terra em as grossarias; e Anarda o fogo em as injúrias; pois encorporando em si cada qual ãa Alecto, ãa Tesífon ou ãa Míngera, fúrias infernais, parecia cada qual ãa fúria. Saltaram comigo Anarda em Tirso; Clóri em Fileno; Amaríles em Anfriso; e Líses em Mertilo; e todas em mim, com tais palavras e com tais afrontas e repelões que a não ser Apolo que com seu respeito e as Musas que com a sua modéstia atalharam o negócio, era certo que cada qual de nós se podia amortilhar em lençóis de vinho, porque Vossas Mercês, minhas Senhoras, não zombam quando dão.

Antepôs (como digo) Apolo a sua autoridade, e aquietando as Musas as senhoras, no que não fizeram pouco, pois para ãa mulher se aquietar na paixão há de se mister um grande Juízo na purdência; porém aquietando-se, porque as Musas lhe certeficaram que nos havia Apolo espremer o agrão⁹⁶ no olho e que connosco haviam de matrimoniar ou havíamos de gemer; e a não ser este lenetivo creiam Vossas Mercês que peor fora o caso e maior o sucesso; assim pois quieta a bulha, elas arcando de bravas e nós de moídos, fez Apolo sinal para o silêncio e rompeu dizendo irado quanto majestoso:

“– Ou os desagravos se intentam pela justiça ou se procuram pela vingança; se pela vingança, é desaforo fazer do meu tribunal campo para desafios; se pela Justiça, é pouco respeito, Senhoras, que me tendes, pois não cuidais que a farei eu para os desagravos. Cuidais acaso que o tribunal de Apolo é o Duán do grão-Turco⁹⁷ aonde a Justiça se averigua às punhadas e a sentença se ventila aos murros? Para o castigo que mereceis, respeito a vossa fraqueza e o vosso motivo; pois ãa mulher, por consumir matrimónio, consumirá o mundo; que nem todas são como Dafne⁹⁸ que convertida em louro, abominou comigo o Tálamo; nem como Penélope,⁹⁹ a filha de Ícaro, que antes quis a morte sem esses brincos do que a vida nessas galhofas.

“Já sei (continuou dizendo) que é a vossa causa muito para se ponderar porque é causa de consciência; porém vós não sois as que haveis de resolver; pelos atos é que se há de decedir e eu com os meus Juízes sentenciar; e se tendes suspeições a alguns, o podeis dizer.”

Acudiu como um raio Anarda; e disse que dava em tal caso por suspeito aos Poetas Marcial, Juvenal, Pérsio e Owen¹⁰⁰ e outros cujas blasfêmias penas parece se não apararam mais que contra os respeitos das fermosuras; e já provava serem seus Juízes Píndaro, Virgílio e Ouvídio,¹⁰¹ pois souberam sempre venerar os decoros das belezas; disse; e admitindo-lhe Apolo estas suspeições, lhe respondeu que faria justiça; e retirando-se com os Juízes para o seu gabinete, ficaram as senhoras muito alegres e nós bem malencónicos, pois víamos ao tombo de um dado o nosso bem ou o nosso mal.

Levava eu isto com mais ânimo, que como não estava ali Sílvia que requeresse, sempre a sentença contra mim seria mais favorável; porém, minhas Senhoras, não encareço a Vossas Mercês as lamentações de meus companheiros, porque eram tantas nas lástimas que são impossíveis nas narrações. “Eu (dezia Tirso) casado com Anarda!»; “Eu (dezia Fileno) embarcado com Clóri!”; “Eu (dezia Mertilo) esposado com Lises!”; “Eu (dezia Anfriso) entre os lençóis com Amariles!”; “Nós (diziam todos) das portas adentro com tais tarascas!¹⁰² Que honras lhe devemos? Quando ainda não éramos nascidos e elas eram já casadoras; não, amigos, antes morrer do que casar!”

Iam levantando as vozes, mas pedi-lhes que as repremissem, porque se aquelas senhoras os ouvissem chamar-lhe velhas, veria aquele Palácio abaixo e haveriam outras quinhentas demandas; porque isto de chamar velha a ãa Dama é caso de lesa-majestade; e assim que se calassem, se não queriam outra pisa¹⁰³ de pancadas; porque eu não queria outra de beliscões; obedeceram, ficando cada qual tão mofino como eu suspenso.

Haviam Vossas Mercês, minhas Senhoras, ver o como estavam as senhoras suplicantes alegres! As Musas lhe davam mil parabéns; as Graças lhes pronosticavam mil ditas, as moças gabando-lhes os Maridos de gentis-homens, as velhas ensinando-lhes já mil posturas para os rostos e dizendo-lhes que lhes dariam águas para as branduras e muitas branduras para as mãos. Com o que estavam as senhoras tão contentes e tão ufanas que já se prometiam ter filhos de bênção, persuadindo-se que estavam ainda em idades para muitos filhos, e assim já convidavam as Musas para Comadres; que há mulheres que em se lhes falando em casar, até a vela benta aparelham para as dores de parir. Estas são as contas que estavam estas senhoras lançando aos seus gostos, quando precedendo a Aurora sumilher da cortina de Apolo e correndo ãa Porteira, saiu este grande Monarca assestido de todos os grandes e Ministros de sua Corte, e subindo ao seu trono, postos todos em os seus lugares, olhando para nós e para as ditas senhoras, nos disse que ouvíssemos a sentença que sua Justiça dera; e que sem apelação nem agravo, estivéssemos pela sentença, com pena de morte. Calámos humildes, quando levantando-se o secretário de

Estado, Ganimedes,¹⁰⁴ feita a cortesia ou vénia, e pedindo silêncio, publicou assim nesta causa o despacho:

“– Vistos estes Autos, Petição de força das Autoras, contrariade dos Réus, mostra-se que sendo as autoras mulheres honestas e recolhidas, eles Réus lhes macularam suas honras, dizendo mal delas em versos. Mostra-se mais que porque ãa chamada Sílvia pôs os cornos ao Réu Artimodoro, não devia ele nem seus companheiros infamar as ditas Autoras em Poesias. Alega-se mais que não são eles mais honrados do que elas. Prova-se por parte dos Réus que eles não conhecem as tais senhoras senão pelos nomes. Prova-se mais que nunca com elas tiveram dares nem tomares.¹⁰⁵ O que tudo visto e o que mais dos Autos consta, os absolvemos do matrimónio, pois o dito conhecimento não foi carnal. Porém aos quatro, Anfriso, Mertilo, Tirso e Fileno, os suspendemos das ordens de Poetas, mandando as Musas os não socorram com nenhuns consoantes, sob graves e terríveis penas, por tempo de dous Anos. E outrossi sejam degradados pelo mesmo tempo, por maldizentes, para a nova conquista do Monomotapa¹⁰⁶ e vivam entre gente que não entendam nem os entendam, que é o maior castigo (um furo menos que o de casar) que damos aos Poetas satíricos; outrossi mandamos mais que as ditas Autoras se recolham à sua custa logo em um Convento e façam vida relegiosa, já que a não podem fazer Matrimonial; e olhando para mim, disse:

“E a vós, Artimodoro, pois nos consta ser[d]es o menos culpado, mas por não delatar[d]es logo a este Tribunal a dita Cornucópia, mandamos que a esta reduzais em cinzas no fogo; e que para recuperar[d]es vossa fama e setisfazer[d]es a este Tribunal e àquelas Damas, eternizeis com decorosos e honoríficos métodos da Poesia de ãa Dama a fermosura, servindo-a e amando-a de sorte que nos chegue à notícia que a sabeis amar com excessos e servir com aplausos, deixando de Artemodoro o nome e tomando o de Lisardo; e paguem os quatro Réus as custas dos Autos.”

Fiquei, minhas Senhoras, tão contente de me ver livre deste embaraço, pois temia que por erro me não encampasse Apolo algũa daquelas Damas para o tálamo, que não somente me obriguei à sentença como a um voto, fazendo-o nas suas mãos de obedecer àquela sentença. E como os gostos,

assim como os pesares, sejam os portadores do sono, acordei daquele letargo e posto que me visse na minha liberdade, tratei logo de fazer a minha promessa no voto. E como a Senhora Caterina é o mimo de todas as prendas, o asseio de todas as perfeições e o melindre de todas as galhardias, quis que neste voto fosse o desvelo de todos os meus cuidados e a satisfação das minhas promessas.

Tenho, Senhoras, dito a Vossas Mercês as circunstâncias deste amor e deste voto; e se me preguntam o que foi feito de meus companheiros e das senhoras Damas, saibam Vossas Mercês que elas estão Religiosas de muito exemplo e eles homens de muita autoridade. E isto baste, recomendando-me sempre, na graça de Vossas Mercês, a cujas belezas eternize o Céu sempre primaveras no florido e nunca outonos no caduco.

Aparato

^a Mnemósine] /*Meromosices/

^b Terpsícore] Tersícore

^d Jove] Jovem

Justificação de emendas

^a Parece tratar-se de erro do original.

^b Tratar-se-á também de galha do manuscrito.

^c A conjunção não é necessária e torna o verso hipermétrico.

^d Trata-se claramente de uma galha do manuscrito.

^e Sem esta emenda, o verso teria uma sílaba a mais.

Notas

¹ Tanto na mitologia clássica como no conto popular há diversos episódios da chamada natureza denunciante, alguns deles envolvendo pássaros. Apesar disso, não é claro a qual deles se refere esta passagem. Uma das hipóteses é a história de Filomela, ainda que a revelação do culpado se verifique numa fase em que a protagonista ainda não assumira a forma de pássaro. Na versão mais comum, Filomela era filha de Pandión, rei de Atenas, vindo a ser violada pelo seu cunhado, Tereu, rei da Trácia, que lhe corta a língua para evitar que ela o denuncie. Mas Filomela avisa a sua irmã, Procne, através de uma tela bordada. Para escaparem à vingança de Tereu, as duas irmãs seriam depois transformadas em pássaros: Filomela em rouxinol e Procne em andorinha (outras versões indicam o contrário).

² Filho de Adão e Eva, Caim era agricultor e ofereceu a Deus produtos da terra, mas Javé só aceitou o sacrifício do irmão dele, Abel, que era pastor. Por inveja, Caim comete fratricídio, sendo amaldiçoado por Deus e condenado a uma vida de errância. A sua história é narrada em Gn 4, em cujo versículo 10 se lê: “O Senhor replicou: «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim.»”

³ Afrodite (ou Vénus, na versão latina), deusa do amor, ao ouvir de Ares que Adónis tinha sido morto por um javali enviado pelo deus da guerra, correu ao encontro do amado, que jazia, mortalmente ferido, sobre um roseiral branco atingido pelo seu sangue. Com as lágrimas de Afrodite, o sangue espalhou-se pelas flores, pelo que a partir daí a rosa vermelha se tornou um símbolo da deusa.

⁴ *In illo tempore* – expressão latina; naquele tempo, fórmula que aparece com frequência na versão da Vulgata dos Evangelhos.

⁵ De acordo com Ovídio, Píramo e Tisbe eram dois jovens apaixonados cuja união era proibida pelos pais. Numa noite em que tinham combinado encontro, Píramo descobre o véu da amada rasgado e ensanguentado e, supondo que ela havia morrido, suicida-se. Tisbe, por seu turno, encontrando o amante morto, decide também pôr termo à vida.

⁶ Hero – sacerdotisa de Afrodite amada por Leandro, que todas as noites atravessava o Helesponto a nado para a ver, guiando-se por uma tocha que Hero mantinha acesa no alto da torre de sua casa. Uma noite, a tempestade apagou a tocha e Leandro morreu afogado. Ao sabê-lo, Hero suicidou-se.

⁷ Pórcia – esposa de Bruto, assassino de César. Adivinhando a secreta conspiração do marido contra o imperador, tentou suicidar-se, para avaliar da sua coragem perante a morte, no caso de o plano fracassar. Depois da derrota e suicídio de Bruto, em Filipos, Pórcia suicidou-se também.

⁸ Jacob e Raquel – cf. nota à peça n.º 23.

⁹ Sansão e Dalila – A história é contada em Jz 13-16. Sansão era um danita celebrizado pela sua força que se tinha distinguido nas guerras contra os filisteus. A pedido destes, Dalila – amada de Sansão – trai o marido, revelando o segredo da sua força, que residia nos cabelos. Capturado e metido na prisão, Sansão é depois exposto a humilhação pública, obtendo porém uma última vitória: provoca o desmoronamento do templo a que tinha sido acorrentado, causando um grande número de mortos.

¹⁰ Dalida – o mesmo que Dalila.

¹¹ chança – dito zombeteiro ou mordaz.

¹² paracismante – o mesmo que *paroxismante*, que causa paroxismo.

¹³ paracismo – o mesmo que *paroxismo*.

¹⁴ Treceira – o mesmo que *terceira*, membro de Ordem Terceira, em que entram pessoas leigas. Bluteau indica também o significado de medianeira e alcoviteira. O texto joga com este duplo sentido.

¹⁵ Título de uma comédia de Pedro Calderón de la Barca, datada provavelmente de 1635.

¹⁶ Esta passagem parece aludir à primeira das três negações de Pedro. Ocorrida depois da prisão de Jesus, é assim narrada em Lc 22:56: “Ora, uma criada, ao vê-lo sentado ao lume, fitando-o, disse: «Este também estava com ele.» Mas Pedro negou-o, dizendo: «Não o conheço, mulher.»” Contudo, ao contrário do que diz o texto, esta criada não trabalharia para Pilatos, mas antes para o sumo-sacerdote (provavelmente Caifás).

¹⁷ nema – espanholismo; fecho ou selo de uma carta.

¹⁸ Estalião – o mesmo que *estelião*, tipo de lagarto que apresenta nas costas manchas parecidas com estrelas.

¹⁹ presinar-se – o mesmo que *persignar-se*, benzer-se.

²⁰ tencioneiro – de acordo com Moraes, o mesmo que *tençoeiro*, que traz má vontade antiga contra alguém.

²¹ Celestina – alcoviteira, mulher de maus costumes.

²² Amalteia – nome da ama que alimentou Zeus em criança, a quem o deus ofereceu depois o que ficaria conhecido como o Corno de Amalteia ou da Abundância, dizendo-lhe que ele se encheria milagrosamente de todos os frutos que ela desejasse.

²³ Flora – divindade latina que representava o renascer da vegetação na primavera, presidindo à floração de todas as plantas.

²⁴ assentado – discreto, que tem madureza, propósito, assento.

²⁵ Pindo – monte da Tessália consagrado a Apolo e às Musas.

²⁶ Alusão ao Fuero Nuevo de Viscaya, através do qual Filipe II reconheceu, em 1526, a fidalguia a todos os biscaínhos.

²⁷ Potosí – cidade boliviana que, no século XVII, era a maior produtora de prata, convertendo-se assim em símbolo de riqueza.

²⁸ mecânico – não nobre.

²⁹ terceiro estado – o povo.

³⁰ Parnaso – monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas.

³¹ cabe – termo do jogo do aro; segundo Morais, *dar cabe* significa fazer com que a bola do adversário passe da raia do jogo; a bola deve passar a ré do *cabe* (a raia) para ganhar.

³² tope – choque entre duas bolas, aqui em sentido figurado.

³³ galegos – possivelmente no sentido de indivíduos rudes, grosseiros.

³⁴ feito – o processo judicial ou o conjunto dos autos de demanda.

³⁵ revoltar – no sentido de voltar do outro lado, revirar.

³⁶ tabaquear – no sentido de lograr.

³⁷ atos – o mesmo que *autos*.

³⁸ empuxão – empurrão.

³⁹ boléu – termo do jogo da pela; pancada que se dá à pela, com a mão ou com a raquete, quando ela vem pelo ar.

⁴⁰ erronia – erro, desacerto.

⁴¹ *quis vel quis* – expressão latina; quem ou quem.

⁴² *ante vos, ante omnia* – expressão latina; perante vós, perante todos.

⁴³ desbarato – o mesmo que *desbarate* ou *disparate*.

⁴⁴ cardeais – por metonímia, as marcas das pancadas recebidas.

⁴⁵ Acco – personagem da peça homónima de Amphis, poeta cómico ateniense do século IV a.C. Tratava-se de uma mulher velha, convencida do seu suposto charme. Um dia foi vista andando para trás e para a frente diante do espelho, conversando com a sua imagem como se se tratasse de outra pessoa.

⁴⁶ Alusão às Prétidas, as três filhas do rei Preto, da Argólida, que se consideravam mais belas que Juno e se recusavam a adorar Baco. Enlouquecidas por ele, achavam ser vacas e erravam pelos bosques.

⁴⁷ barbata – variante de *bravata*, fanfarronada.

⁴⁸ *Amici mei* – expressão latina; meus amigos.

⁴⁹ mica – segundo Morais, variante de *micha*, pão para pobres ou para esmolos.

⁵⁰ maniota – peia com que se prendem as mãos de animais, especialmente de cavalgadas, para que não corram.

⁵¹ Rei de Salamina, Ájax é apresentado na *Iliada* como o melhor guerreiro aqueu depois de Ulisses. Na *Odisseia*, alude-se ao seu ressentimento para com Ulisses, por ter sido conferida a este a herança das armas de Aquiles. O tema foi tratado por Sófocles na tragédia *Ájax*, em que o guerreiro, depois de tomar consciência da sua loucura, se suicida.

⁵² Zoilo – filósofo cínico do século IV a.C., tornado célebre pelo seu ataque aos Poemas Homéricos. O seu nome acabaria por se tornar sinónimo de incompetência crítica.

⁵³ Dídimo Calcenteros ou de Alexandria (*c. 80 †10 a.C.), destacado gramático da escola de Aristarco de Samotrácia e comentador de numerosos autores gregos, entre os quais Homero. Dele se diz que escreveu mais de 3500 livros.

⁵⁴ Marco Túlio Cícero (*106 †43 a.C.), um dos mais famosos oradores, escritores e políticos romanos.

⁵⁵ saboiardo – provavelmente do italiano *savoiaro*, saboiano, relativo a Saboia, região do sudeste de França. A língua em causa deverá ser o occitano ou o franco-provençal (também conhecido como *patois*).

⁵⁶ aprimeira – variante de *primeira*. Segundo Bluteau, diz-se de quatro cartas de naipes diferentes. No contexto, indica a desarmonia das cores do vestuário de Polidoro.

⁵⁷ Média – a terra dos Medos, a noroeste da antiga Pérsia.

⁵⁸ Cítia – região da Eurásia habitada na antiguidade pelos Citas.

⁵⁹ Variante do refrão espanhol *Quien tal hace, que tal pague*, usado com frequência em obras do *siglo de oro*.

⁶⁰ Job (ou *Jo*) – protagonista do livro do Antigo Testamento com o mesmo título, era um homem rico e muito piedoso que Deus usa para mostrar a Satanás a constância dos seus fiéis: Javé permite que o Diabo lance sobre Job todo o tipo de males, o que fará também com que os seus amigos o abandonem.

⁶¹ Alusão a uma passagem de *Tristia* (9, 5-6): “donec eris sospes, multos numerabis amicos:/ tempora si fuerint nubila, solus eris”. (Tradução: “Enquanto te vires favorecido pela fortuna, contarás com numerosos amigos; mas se os tempos se tornarem sombrios, ficarás sozinho”).

⁶² esvanecer – o mesmo que *esvaecer*, desmorecer, enfraquecer.

⁶³ espécie – variante arcaica de *espécie*.

⁶⁴ cerceador – o que faz cerceio (corte ou limadura dos bordos das moedas, para diminuir-lhes o peso legal).

⁶⁵ cunhos e cruces – as duas faces da moeda. No contexto, sem nada saberem.

⁶⁶ fromigueiro (formigueiro) – ladrão de coisas pequenas.

⁶⁷ acelerar – embora não tenha encontrado registo da palavra, suponho que derive do latim *scelerare*, manchar com um crime, profanar.

⁶⁸ dar cinco – de acordo com Morais, o mesmo que *dar cincoas*, expressão do jogo da bola que significa perder cinco pontos pelo facto de o esférico não passar além de certo limite; em sentido figurado, errar, dizer desacertos.

⁶⁹ Alusão ao capítulo LIII (“Como nos perdemos na ilha dos ladrões”) da *Peregrinação*.

⁷⁰ Habitualmente referido como José do Egito, era filho de Jacob e de Raquel. O favoritismo do pai valeu-lhe a inimizade dos irmãos, que o atiraram para uma cisterna sem água, vendendo-o depois como escravo a mercadores ismaelitas, que o levaram para o Egito.

⁷¹ Xantipe foi a primeira mulher de Sócrates, tendo ficado conhecida pelo seu mau feitio.

⁷² Licurgo foi um famoso legislador de Esparta que terá vivido no século VIII a.C. É possível que o autor se refira ao seguinte episódio, narrado por Plutarco no tomo I de *Vidas Paralelas*: num tumulto contra ele, um jovem chamado Alcandro investiu contra Licurgo e arrancou-lhe um olho. Em lugar de fazer castigar o agressor, o legislador levou-o para sua casa, transformando o jovem num cidadão digno.

⁷³ Apesar das divergências entre os autores, as atribuições das nove musas são geralmente as seguintes: Calíope – poesia épica; Clío – história; Érato – poesia lírica (sobretudo a amorosa); Talia – comédia; Melpómene – tragédia; Terpsícore – dança; Euterpe – flauta; Polímnia – inspiradora dos hinos e musa da mímica; Urânia – astronomia.

⁷⁴ Apresentadas como filhas de Zeus e Eurínome, as Graças ou Cártes eram habitualmente consideradas como três: Aglaia ou Pasíteia, Eufrosina e Talia. De início deusas da vegetação, passaram a estar associadas à beleza, à arte e às atividades do espírito em geral.

⁷⁵ patente – de acordo com Bluteau, o papel em que o Superior declara que dá licença ao seu súbdito para passar de uma casa ou Convento a outro, ou para exercitar algum ofício.

⁷⁶ braba – variante de *brava*, de gênio exaltado.

⁷⁷ fonte de Aganipe – situada no monte Hélicon, na Beócia, era consagrada às Musas. A sua água despertava a inspiração poética.

⁷⁸ Alusão ao castigo a que Apolo foi condenado. Furioso com Zeus, que fulminara o seu filho Asclépio por estar ressuscitar os mortos, Apolo matou os Ciclopes, que fabricavam os raios de Zeus. Este condenou-o a trabalhar durante um ano para Admeto, rei de Feras, na Tessália. Nesse período, Apolo desempenhou as funções de pastor.

⁷⁹ zimbórico – embora não tenha encontrado registo da forma, é de supor que signifique “como zimbório”, entendido *zimbório* em sentido figurado, como “céu, cúpula”.

⁸⁰ Referência a Dionísio I de Siracusa (*c. 430 †367 a.C.), que arrancou as barbas de ouro de uma estátua de Asclépio, dizendo que um pai imberbe como Apolo não podia ter um filho barbudo.

⁸¹ embeleco – ardil, burla, engano.

⁸² pagar as favas (que o asno comeu) – assumir as consequências de um ato que não se praticou (aqui, como na origem, com um sentido sexual).

⁸³ Ciclopes – na mitologia grega, eram gigantes imortais, com um olho no meio da testa, cabendo-lhes forjar os raios usados por Zeus. Apolo tentou aniquilá-los para se vingar da morte do seu filho, Asclépio.

⁸⁴ O número resulta provavelmente da soma das nove Musas com as três Graças.

⁸⁵ Midas, rei da Frígia, foi chamado a avaliar o duelo musical entre Pã e Apolo, decidindo a favor do primeiro. Apolo vingou-se, fazendo com que crescessem a Midas orelhas de burro.

⁸⁶ apelar – segundo Bluteau, recorrer de uma sentença para juiz superior.

⁸⁷ agravar – de acordo com Bluteau, interpor recurso para juiz do mesmo nível.

⁸⁸ patarata – mentira com bazófia.

⁸⁹ Apesar de casada com Vulcano, Vénus foi amante de Marte. Tomando conhecimento do caso, Vulcano simulou uma viagem e armou no seu leito uma rede de ouro invisível que aprisionou os dois amantes.

⁹⁰ Semeles – Semele, filha do rei tebano Cadmno e de Harmonia, que foi seduzida por Zeus (ou Júpiter), concebendo Dioniso (ou Baco). Segundo algumas versões, Semele foi pretendida pelo seu sobrinho Actéon.

⁹¹ malfário – adultério.

⁹² A ninfa Galateia, por quem se apaixona Polifemo, um dos Ciclopes, amava um belo jovem chamado Ácis (e não Átis).

⁹³ feitiça – artificial, não natural.

⁹⁴ Esta expressão e a do verso anterior parecem ser fraseologias populares, embora só tenha encontrado registo da segunda, em Bluteau (*Não meterei com ele pé em barca*). Quanto ao sentido, o contexto sugere que remetem as duas para o estabelecimento de um compromisso, passando eventualmente pela consumação de uma relação amorosa.

⁹⁵ chasco – dito de zombaria ou troça.

⁹⁶ agraço – uva não madura, ácida.

⁹⁷ Duán – era, no Império Turco, o conselho ou tribunal supremo.

⁹⁸ Dafne – ninfa por quem se apaixona Apolo, que é não é correspondido. Pedindo ajuda ao pai para escapar à perseguição, Dafne é transformada num loureiro, que passa a ser a planta preferida do deus.

⁹⁹ Penélope – mulher de Ulisses, esperou o regresso do marido da Guerra de Troia, recusando arditosamente todos os pretendentes à sua mão.

¹⁰⁰ Marcial, Juvenal, Pérsio e Owen – os três primeiros são importantes poetas latinos que se destacaram pelas suas sátiras. Quanto ao último, deve tratar-se do escocês John Owen (*c. 1564 †1622), conhecido sobretudo pelos seus epigramas latinos, coligidos na obra *Epigrammata*, publicada entre 1606 e 1613.

¹⁰¹ Píndaro, Virgílio e Ovídio – outros três grandes poetas clássicos, o primeiro grego e os restantes latinos.

¹⁰² tarasca – mulher feia e de mau génio.

¹⁰³ pisa – sova.

¹⁰⁴ Ganimedes – era o mais belo dos mortais e foi raptado por Zeus, que dele se enamorou, tornando-o copeiro do Olimpo.

¹⁰⁵ dares e tomares – desavença, rixa.

¹⁰⁸⁶ Monomotapa – designação genérica de potentados africanos de territórios que hoje pertencem a países como Moçambique e Zimbabué.

À Senhora Caterina do Sacramento, chamando ao Autor Atrevido

Romance

Ora vinde cá, meus olhos,
meus amores, conversemos,
sentai-vos nestes meus braços,
metei-vos neste meu peito.

5 Não me fujais, porque cuido
que é vosso aborrecimento
para o sábio, pois vos amo,
para o asco, pois vos quero.

10 Sentai-vos como amiguinha,
pois muito brandinho intento,
metendo-vos toda n'alma,
dizer-vos todo o meu seio.

15 O rosto não me volteis,
que quando o voltais entendo
que tendo-o vós tão fermoso
o quereis para mim feio.

20 Enfim já sentada estais,
graças a Deus, pois que vejo
que tereis comigo veras¹
pois mostrais algum assento.

Conversemos pois ambinhos,
já que sós nos deixa o tempo,

a mim para os desdêns vossos,
a vós para os meus requebros.

25 Vinde cá[;] que razão tendes
para ter[d]es por desprezo
um amor em confianças,
ũa amizade em excessos[?]

30 Não vedes, prenda desta Alma,
que um amor, se é verdadeiro,
é todo um brinco, em louquices,
é todo um momo, em extremos?

Sem confianças amor,
amor o não considero,
35 sim cortejo, com decoros,
zombaria com respeitos.

As travessuras de brinco,
as queixazinhas de uns zelos,
de quasi nada uns arrufos,
40 um dizer quero e não quero.

Um vem cá tu, minha vida,
dá-me dessa boca um bejo,
ora sim, que me regalam
beijos de cravo tão belo.

45 Uns ais em as despedidas,
uns suspiros nos degredos,
em o desdém uns afagos,
no favor uns rendimentos.

Isto é amor e o demais

50 é, Caterina, um cortejo,
folha que a qualquer ar muda,
flor que murcha a qualquer vento.

Pois se é isto amor, meu bem,
para que nesse despego²
55 dizeis que são meus amores,
por brandos, atrevimentos?

Se o ser atrevido é ser
mui brandinho e muito meigo,
ser confiado publico,
60 ser atrevido confesso.

E pois ãa³ cera de brando
é meu amor em extremo,
e por cera aos vossos olhos
se desfaz todo em incêndios;

65 tenho disto mas não sei,
amor meu, meu doce emprego,
se amante assim vos agravo,
se brando assim vos ofendo.

Pois não sei que carranquinha
70 me mostrais, que muito temo
que mais do que digo amores
vos meto raivas no corpo.

Assim que se raivas tendes,
aqui estou, que {eu} não me ausento
75 de sofrer por vós mil penas,
de ter por vós mil tromentos.

Não vos fujo, dai-me boas,
que enfim, enquanto vos vejo,
sempre hei de ter confianças,
80 sempre estes atrevimentos.

Não quereis e já vos ides;
dai-me, pois fico morrendo,
já que não boas por pena,
qualquer resposta por prémio.

85 Respondei-me ãa palavra,
não me deixeis com desvelos,
pois não levo o verbo ao cabo,⁴
na boca agora, c'o verbo.

Respondei-me algũa cousa
90 em que cuide este meu peito
que é brinquinho o vosso arrufo,
que é graça o vosso desprezo.

Isso não; me respondeis
que é tal o vosso tédio
95 que pelo inferno mudar
negar-me há de o sacramento.

Ide-vos enfim e eu fico
da ausência neste degredo,
em prantos d'alma chorando,
100 em ais do peito gemendo.

Justificação de emendas

^a Para além de não ser necessário, o pronome torna o verso hipermétrico.

Notas

¹ veras – coisas verdadeiras, mostras de verdade, de sinceridade.

² despego – o mesmo que *desapego*, desafeição.

³ Por razões métricas, *ũa* deve ser lido como monossílabo.

⁴ levar o verbo ao cabo – provavelmente no mesmo sentido da expressão *falar com o verbo no cabo*, registada por Moraes com o sentido de falar afetado em que se imita o modelo latino de colocar o verbo no final das frases e períodos.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 102r-104v

À mesma Senhora, oferecendo-lhe o Autor as Décimas que a estas se seguem

Décimas

Nesta ausência em que padeço,
nesta pena em que importuna
de vós ausente a fortuna
me tem com cruel excesso;
5 a vós, Caterina, peço
que com discurso cabal
vejais na ausência fatal
a que a sorte me condena
nessa planta, a minha pena,
10 nessas flores, o meu mal.

Brilhantes em resplandores
em que o sol sempre as aclama,
as vejo aqui desta cama,
de manhã, com mil verdores;
15 porém quando em seus ardores
da ausência do sol aos raios,
todas em tristes ensaios
sombras somente as contemplo,
dando-lhes de mim o exemplo
20 alivio seus desmaios.

Não como em manhã florida
dessa planta escrevo o alarde,
mas como sombra da tarde
a descrevo tão sentida;

25 que como tão parecida
 a contemple a minhas dores,
 nesse tempo, em mil primores,
 é bem que em minha ânsia tanta
30 meus ais veja nessa Planta,
 minhas penas nessas flores.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 104v-105r

Vendo o Autor, da cama em que estava doente, ãa roseira

Décimas

Gentil Planta, que em verdores
te vês de luzes pomposas,
pois são luzes quantas rosas
em ti se respeitam flores;
5 oh, vê que esses resplendores
são sombras da sorte fera,
pois se bem se considera
desta com fatal enojo
serás do outono despojo,
10 se és gala da Primavera.

Esses fermosos alinhos
em que te vês tão fragante
lá pelo tempo adiante
só virão a ser espinhos;
15 não te fies dos carinhos
nesses que logras favores,
pois se são de um sol amores,
vê que no seu arrebol
amores que diz um sol
20 dos espinhos tem ardores.

Esse mesmo sol que ufano
a namorar-te se arroja,
esse mesmo te despoja
do teu luzir soberano;
25 pois se ao nascer mais que humano
se mostra com galhardia,

houve sua tirania,
pois sem nenhũa demora,
no dia em que te enamora,
30 te despoja nesse dia.

Não cuides, não, que essas rosas
em que brilhas tão ufana
te hão de fazer soberana
na duração de pomposas;
35 pois se agora tão fermosas
as vês, assim dessa sorte
lá virá um cruel corte
que as abata, pois se agora
mostram ser berços da Aurora,
40 vê-las-ás ninhos da morte.

Abate essa louçania
com que nessas rosas tantas
ser senhora das mais plantas
cuidas sem outra profia;
45 abate, que a fidalguia
que essa tua glória encerra
toda ãa sombra desterra,
pois a um¹ soplo² que se abala,
a luz que é da manhã gala
50 de tarde é sombra da terra.

Em mim toma o documento
para veres tua sorte,
nesta que padeço morte,
neste que sinto tromento;
55 planta altiva posta ao vento
fui, pois quando presumia
lograr com toda a alegria

de Caterina os favores,
no dia em que vi as flores
60 se acabaram nesse dia.

Do tempo a serenidade
lograva eu por excelência,
quando ao vento de ãa ausência
chegou logo a tempestade;
65 toda aquela Majestade
se arruinou³ de pensamentos
e fiquei sem mais alentos
nos que aspirava favores
despessuído das flores,
70 tronco inútil posto aos ventos.

Não somente a sorte as Flores
comete em seu rigor bronco,
mas ainda⁴ ao inútil tronco
maltrata com mil rigores;
75 ainda⁴ tu, nos resplendores
vives da tua ufanía,
mas, Planta, lá virá dia
em que perdido o decoro
chores assim como eu choro
80 dessa sorte a tirania.

Ainda⁴ agora mui flamante
e mui galharda inda agora
te vês nos risos da Aurora
em pompas toda brilhante;
85 mas lá virá teu instante,
posto que o não vejas logo,
em que sem ter desafogo
deixada ufanía tanta

serás, se és tão gentil planta,
90 tosco tronco para o fogo.

Esse tão florido peso
em que a soberba te abala,
quando presumes que é gala,
há de ser teu menosprezo;
95 pois em contínuo desprezo
quando em favores subido
o fado vês, atrevido
te desfaz a cada instante
em cinzas todo o flamante,
100 em sombras todo o florido.

Enfim vejo tua sorte,
tu em mim esta fortuna,
esta em desdêns importuna,
aquela em rigores forte;
105 e pois que com igual morte
ambos choramos um fim,
tu, Planta, nesse jardim
em que mortal te contemplo,
já que de ti tomo exemplo,
110 toma o exemplo de mim.

Notas

¹ Por razões métricas, *a um* deve ser lido numa só sílaba.

² soplo – variante de *sopro*.

³ A métrica obriga à leitura de *arruinou* com sinérese (*a-rrui-nou*).

⁴ Por motivos métricos, *ainda* deve ser lido com aférese (*inda*).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 105v-108r

À mesma Senhora, vendo-a o Autor branda em os seus rogos

Soneto

Sempre gentil e sempre mui airosa
me pareces, meu bem, minha lindeza,
pois me parece que és da natureza
maravilha nas prendas milagrosa.

5 Mas confesso que nunca tão fermosa
luz em admirações tua beleza
senão quando me paga com destreza
meus carinhos, mui branda e amorosa.

10 Dá-te amor outra graça peregrina,
a meiguice te dá outra luz pura
com que Devina ficas, Caterina.

Oh, não queiras perder tanta brandura,
pois perderás o seres mui Divina
e terás mais que humana a fermosura!

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Os versos são decassílabos heroicos, mas o 1.º e o 13.º também podem ser lidos como sáficos.

Testemunho: BGUC 354, f. 108v

56.

À mesma Senhora, reparando não lhe escrever o Autor quando a pertendia

Romance

Cobarde amor, bela prenda,
sofrer calando queria
ardores d'alma em silêncios,
ais do peito em cobardias.

5 Quería morrer calando,
 pois inda agora duvido,
 se como eu sou todo vosso,
 quereis vós ser toda minha.

 Calava porque os desprezos
10 dessa beleza temia,
 que quem quer servir a alturas
 sempre receia as caídas.

 Não foi do Juízo, não,
 este temor grosseria,
15 foi discrição, que é acerto
 ver o juízo que aspira.

 E como via, meus olhos,
 em vós prendas tão altivas,
 meu amor sabendo amar-vos,
20 escrever-vos não sabia.

Sim que via a diferença

que de mim para vós ia,
de mim que sou todo humano,
para vós toda Divina.

25 Demais que é discreto amor
que em silêncios sacrifica
nos afetos toda ãa alma,
no querer toda ãa vida.

30 Mas já não posso calar
sem que com toda a ousadia
em ais rompa nestas letras,
em suspiros nestas cifras.

35 Pois entendo que sereis
como discreta entendida,
se por Caterina bela,
por Sacramento benigna.

40 No que fiado já cuido
terei em esta ânsia minha
piedades na beleza,
no sacramento valias.

Já pois a escrever me atrevo,
já meu amor vos decifra
os silêncios, em mil rogos,
os pasmos em mil carícias.

45 Já, sim, que me dais licença
que o meu coração vos diga,
dizendo-vos meus excessos,
abomino as cobardias.

50 Porém haveis de me ouvir
sem respeitos, mui meiguinha,
porque diz mui mal, minha alma,
amor com soberanias.

Assim que me atrevo já
a dizer-vos sem mentira
55 que em vós estão minhas glórias,
que em vós se vem minhas ditas.

Pois sem vós vejo que morro,
pois que sem vós mil desditas
choro em disvelos nas noutes,
60 lamento em penas nos dias.

Até agora padeci
calando estas penas minhas,
que se podia sofrê-las,
escrevê-las não podia.

65 Se é amor, vós o julgai,
que eu só digo o como fica
por vos querer o meu peito,
por vos amar esta vida.

Se vos achar rigorosa,
70 vede lá que é heresia
achar[d]es que um sacramento
em vez de ameigar, castiga.

Pois do sacramento é o timbre
de um amor a fidalguia,
75 brando todo nos agrados,
meigo todo nas carícias.

Vede lá o que fazeis,
não abjure eu fé tão fina
dizendo que há sacramento
80 que mata e não vivifica.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema. Note-se, contudo, a particularidade da terminação do v. 6.

Testemunho: BGUC 354, ff. 109r-111r

À mesma Senhora, cosendo em ãa almofada

Romance

Alvíssaras, que ontem vi
Caterina, aquela moça
por quem feneço há mil dias,
por quem morro a toda a hora.

5 Aquela que nos desdéns
me anda fazendo mil foscas,¹
ũa vez carrancuda,
arisca mil vezes outras.

10 Aquela que no seu garbo,
em que menos bela fora,
pique² sempre fora airoso,
se mate³ das mais fermosas.

15 Aquela que no miminho
e na beleza se mostra
ser dos jasmims o melindre,
a filagrana das rosas.

20 Aquela, enfim, que em belezas
faz mais de quatro envejosas,
pois que em belezas conhecem
que é das mais a valentona.

Sentada estava no estrado
ou na estrada, porque airosa

se das vidas é co[r]sária,
dos corações é ladrona.

25 Cosendo em ãa almofada,
pontos dando tão senhora
que a quem lhe dar via os pontos,
um ponto dava na boca;⁴

30 pois tão bela e tão sesuda
estava que de fermosa
era o pasmo dos sentidos,
era dos peitos a glória.

Tanto a ponto os pontos dava,
tão gentil e desdenhosa,
35 que por mais que esta alma clama,
não perde ponto a cachopa.

Clama minha alma e lhe diz
(devertida vendo-a toda):
“Não é costura o que fazes,
40 contra mim é, sim, tramoia.

“Pois que buscando eu teus olhos,
os pões na costura que obras,
que por os olhos te pôr,
me queres os olhos fora.

45 “A agulha que tens na mão
quisera fosse sem nota
mais espada do que agulha,
para que a tuas mãos morra.

“Pois que vês que no seu fundo

50 toda a minha alma se engolfa,
 mas porque ao fundo me vou,
 não queres que veja boia.

 “Esse didal te quebrara
 para que ferida toda
55 choraras sangue em os dedos
 como sangue esta alma chora.

 “Essas linhas com que coses
 tão atentas são agora,
 se a minha vida baraços,
60 para o meu coração cordas.

 “Pois se quebraram; puseras
 em mim os teus olhos, moça,
 ou na pena de sentida,
 ou no enfado de raivosa.

65 “Porém, fazes, sim, travessa,
 que nessa costura airosa
 se te não quebrem as linhas,
 mas que eu essas linhas troça.

70 “Eu o fiz tendo mil raivas
 vendo-te tão majestosa
 que nem meu amor te abala,
 nem minha pena te dobra.

 “Oh, deixa essa obra e repara
 da minha fineza na obra,
75 porque à vista destes pontos
 são teus pontos obra grossa.

“Sim, porque os pontos que dás
são mui vulgares em todas
e mui singulares só
80 são os pontos que amor mostra.

“Volta os olhos da costura,
põe-nos num peito que chora
em ti, pontos de cruel,
tramoias de rigorosa.

85 “Os olhos volta e verás
neste peito que te adora
pontos reais de finezas,
de treições sem as tramoias.

90 “Volta para mim teus olhos,
pois teu peito não ignora
que só por tais olhos ver
ando aqui dando mil voltas.

95 “Deixa a Agulha, que essa agulha
me pica de sorte agora
que à força de estar picado
ta quebrara a toda a força.”

Isto lhe disse, porém
não levanta a mão da obra,
eu chorando rendimentos,
100 ela aclamando vitórias.

Notas

¹ fosca – o mesmo que *fosquinha*, negaça, fingimento.

² pique – espécie de lança, mas também termo de rendeira: segundo Bluteau, pique de rendeira é “O papel com buraquinhos, feytos com ponta de alfinete, ou agulha, para debuxo da rede, & flores, de que fe compoem a renda”.

³ mate – no xadrez, movimento de vitória; é também termo da costura, significando, de acordo com Morais, “ponto apertado que se dá nas meias quando se fazem, para as tornar mais estreitas”.

⁴ dar um ponto na boca – calar, aceção registada por Morais.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantêm constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 111r-113v

À mesma Senhora, vendo-a o autor triste

Romance

Ontem vos vi, meus amores,
tão tristinha que imagino
ou que estáveis mal convosco,
ou não muito bem comigo.

5 De qualquer sorte que fosse,
minha prenda, vos afirmo
que os meus olhos vendo os vossos
choraram aos olhos vistos.

10 Que estar[d]es triste em mim era
morte que estava sentindo,
pois tendo vós tais tristezas,
havia eu ter mil dilírios.

15 Nos sentidos da vossa ânsia
voltas me dava o júízo,
porque quando tendes penas,
vida, não tenho eu sentidos.

20 Bem o sabeis vós, porque
quando dais algum gemido,
se assusta a minha alma em ais,
meu coração em suspiros.

Quando vos vi recostada
sobre os cinco Jasmins lindos

que a palma da mão sustenta
por serem das flores brincos;

25 disse entre mim: “Que terá
desta alma aquele feitiço?
Desta vida aquele agrado?
Deste peito aquele mimo?

30 “A dilícia dos meus olhos,
do meu amor o carinho,
o meu tudo? Que em dizer
Caterina tudo digo.

35 “Valha-me Deus que me mata
tal tristeza! Quando é visto
que se triste a vejo, morro,
se contente e alegre, vivo.

40 “Que terá o bem desta alma?
Qual será tanto motivo
para que deixando o alegre
se entregue toda ao sentido?

“Saüdades¹ ser não podem,
que em sujeito tão devino,
sendo as altivezas prendas,
são saüdades¹ delitos.

45 “Pois divindades não tem,
minha alma, em seu ser altivos
nem afetos para penas,
nem causas para martírios.

“Mas talvez que saüdades¹

50 façam a meus amorinhos
em que divina no belo,
humana no compassivo.”

Assim descursava, quando
vi que o vosso peito aflito,
55 se dessimulava as ânsias,
não disfarçava os suspiros.

Ora dissei-me: O que tínheis?
Que como vosso amiguinho,
quando sentíeis tais penas,
60 morria eu de sentido.

Não vivais triste, minha alma,
deverti-vos, sim, comigo,
já que convosco assim ando
quando triste, divertido.

65 Vede que vossas tristezas,
se suas causa duvido,
em desatinos de louco
me fazem perder o tino.

Se isso são pois saüdades,¹
70 vinde a meus braços, meu brinco,
que em afaços de meu peito
tereí desta alma os alívios.

Que são para as saüdades¹
alentos da alma os carinhos,
75 miminhos de amor remédios,
do peito abraços, feitiços.

Bem sabeis que vos adoro
e que em dous mil sacrifícios
hei de para o vosso agrado
80 todo fazer-me um mominho.

Sim, fazer ao vosso gosto,
pois ardente amante o sigo,
minha alma, em mil invenções,
meu peito em mil guisadinhos.

85 Não vos ponhais nunca triste,
porque como vos estimo,
vendo-vos triste deveras,
me matais muito de siso.

90 Crede que enlouqueço quando
assim vos vejo, pois sinto
que às vossas tristezas morro,
que a tais cuidados não vivo.

95 Sim, porque logo em mim cuido
que a fortuna ou fado esquivo,
por bem quisto estar convosco,
me tem convosco malquisto.

Assim pois todo assustado
neste meu peito examino
se vos terei agravado
100 ou por desdita ofendido.

E não descobrindo agravos
nem menos de amor delitos,
vendo-vos perdido o gosto,
perco, Senhora, o Juízo.

105 Dizei-me enfim como estais,
se mais alegre, pois fico
em tão triste vos ver ontem
mais morto, meu bem, que vivo.

110 Dizei-me o como esta noite
passaste, meu doce mimo,
que eu mais a passei convosco
do que a passasse comigo.

115 Ora enfim eu vos vou ver,
queira Deus, meu bem querido,
vos veja Jasmim no alegre,
não no penoso um martírio.

¹ saüidades – como o mostra a métrica, a palavra deve ser lida com diérese (*sa-u-da-des*).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 113v-116v

À mesma Senhora, tendo na toalha ãas Flores secas

Décimas

Se ao sol de vossa beleza
essas flores não murcharam,
com menoscabos ficaram
dessa sua gentileza;
5 pois murchando com destreza
de tal beleza ao farol,
mostraram que no arrebol[,]
de tal sol nos resplendores
eram, Caterina, flores
10 e vós um luzido sol.

Enquanto em sombras é flor
lustra toda esvanecida,
pois somente a flor tem vida
do sol eclipsado o ardor;
15 vendo pois o resplendor
de tanto sol em os raios,
com lastimosos ensaios
desse tal sol em o fogo,
havam, meu bem, ter logo
20 essas flores mil desmaios.

Quando as vi nessa toalha
logo entendi com temores
que essa toalha a tais flores
havia de ser mortalha;

25 pois sem dar razão que valha
 quiseram de toda a sorte
 (dando à vida um fatal corte)
 nas luzes, como indiscretas,
 quais floridas borboletas,
30 buscar sua mesma morte.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 116v-117v

À mesma Senhora, estando o Autor curando-se de ãa queixa, em
ũa quinta

Romance

Já sei, amores desta alma,
que quereis de mim saber
notícias de como passo,
novas de como estarei.

5 Em esta quinta aqui estou
bem saüdosos¹ pois que
não estou na minha quinta
quando vos não posso ver.

10 Na minha quinta estivera,
minha Caterina, se
nos braços ter-vos pudesse,
vos pudesse aos olhos ver.

15 Aqui estou exposto a curas
e não querem, vida, crer
que é meu mal de saüdades²
e da saúde não é.

20 Tudo aqui me causa enfado,
que ausente de vós não sei
nem sentir o mal por mal,
nem amar o bem por bem.

Aquele alinho da rosa

que em flamante rosicler
de ãa aurora em competências
Dama do Sol dizem que é;

25 crede que a mim me parece
tosco traje de burel,
que aonde está o vosso alinho
alinho a rosa não tem.

Aquela graça do cravo
30 também chego a aborrecer,
pois só dos cravos a graça
em vossa boca se vê.

Dos Jasmins a branca neve
negra sombra avulta, que
35 quem vê os da vossa testa
nada nestes tem de ver.

Só as mosquetas me agradam
na singeleza que tem,
porque amor que é verdadeiro
40 não há de dobrado ser.

As Açucenas soberbas
não vejo nenhũa vez
que lhes não diga: “Açucenas,
altivezas para quê?

45 “Para que tão presumidas
vos mostrais quando sabeis
que das mãos de Caterina
essa jactância vos vem?”

Vendo as árvores em flores
50 belos ramilhetes que
do sol só para os cortejos
essa Primavera fez;

digo a vozes: “Primavera,
volta os cortejos a quem
55 a tais flores deu os alentos
os desmaios nunca dê.

A Caterina os dedica
que a seus olhos é que tem
luz o sol para brilhar,
60 vida a flor para viver.”

Assim passo em saudades
nestes retiros, meu bem,
sentindo a matar ausências,
saüdades² a morrer.

65 O que ãa saudade seja
eu não sei se sabereis,
pois só as sente quem ama,
só as chora quem bem quer.

Mas se o que é não ignorais,
70 em meu peito entenderéis
que não há para dar morte
como a saudade cruel.

Esta aqui nestes retiros
me mata tão fera que
75 primeiro exp’rimento a pena
do que a pena chegue a ter.

Pois quando ãa pena sinto,
atrás desta três mil vem,
sem saber a que lamento,
80 a que sinto sem saber.

Estas são as novas minhas
que saber apeteceis,
de ãa alma feita a chorar,
se de um peito a padecer.

85 Curam-me, mas em tromentos
penas padeço porque
só curas tem saüdades²
nas vistas de quem se quer.

Aos vossos olhos a sorte
90 me leve, que então terei
remédios para o meu mal,
pois que sois todo o meu bem.

¹ saudoso – por razões métricas, a palavra deve ser lida com diérese (*sa-u-do-so*).

² saudades – pela mesma razão, a diérese é obrigatória (*sa-u-da-des*).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 117v-120r

61.

À mesma Senhora, mandando-lhe o Autor ãas flores entre as
quais ia ãa figa¹

Décima

Essas flores que ãa figa
levam consigo, meu bem,
grande mistério em si tem
contra a fortuna inimiga;
5 pois deste amor na fadiga
indo as flores sem abrolhos,
com tal figa nos refolhos,
bem se vê que em mil amores
para vós vos mando as flores,
10 a figa para os maus olhos.

Notas

¹ Sobre a figa, incluindo a sua presença na literatura culta e popular, cf. José Leite de Vasconcelos (1925).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, f. 120r

À mesma Senhora, mandando-lhe o Autor perguntar o como estava

Décima

Como estais, bela Senhora?
Como vos vai, me dizei,
que eu de mim apenas sei
para dizer mais agora;
5 e pois minha alma em vós mora,
só vós, meu belo jasmim,
me podeis dizer enfim,
sequer em três regras só,
como estais, minha alma, vós,
10 só para eu saber de mim.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

Testemunho: BGUC 354, f. 120v

A um retrato que à Senhora Caterina do Sacramento dedicou o afeto do maior Amor

Décimas

Retrato, vai a teu bem,
pois de amor na doce calma,
te dará seu bem toda a alma,
porque a tua alma em si tem;
5 vai porque assim te convém,
pois com prodígio fatal,
dando-lhe a alma liberal
de seus carinhos no trato,
deixando de ser retrato,
10 ficarás original.

Quando pois vás a buscar
deste meu querer no empenho
a alma que em mim não tenho,
a vida que eu cheguei a dar;¹
15 chegar-se-á a reparar
em o que fico mau trato,
que em este amor tão grato,
toda a razão excedendo,
o original ficas sendo
20 e somente eu o retrato.

Vás com glória esvanecida
de ter vida nesta empresa,
pois te dará tal beleza
em seus alentos a vida;
25 mas retrato, quem duvida,

se do amor sabe o motivo,
que neste modo excessivo
tendo um todo o conforto,
eu sou o que fico morto,
30 tu somente o que vás vivo.

Se natural por ventura
te disserem não estás,
dize que o natural vás
buscar em tal fermosura;
35 pois é certo, se se apura,
vendo a cópia e original,
que inda sem alma cabal
vás do amor nesta conquista,
pois só estando à sua vista,
40 estarás ao natural.

Vai, porque se algum desar²
em tí formou a pintura,
tão singular fermosura
sempre te há de desculpar.
45 Porque quem chegou a amar
não ignora nem se esquece
(em que o mesmo querer cesse)
que o fogo do amor no enleio,
posto que seja mui feio,
50 mais fermoso lhe parece.

Nunca feio às mãos irás
de beleza tão divina,
que nas mãos de Caterina
mui formoso ficarás;
55 mas antes quando assim vás,
ficarás belo portento,

que como em seu luzimento
lustra sacramento airoso,
fica sempre mui fermoso
60 quem se chega ao sacramento.

Eu fico, pois quer a sorte,
em ação tão desabrida,
que vás, retrato, ter vida
e que eu próprio tenha a morte;
65 pois nesse lance tão forte,
em tantas penalidades,
indo a tantas majestades,
tu da sorte, sem soçobros,
vejo que vás ter mil logros,
70 eu somente saüdades.³

Ora vai à sua mão
e dize-lhe em mil carinhos
se do teu peito amorinhos,
segredos do coração;
75 dize-lhe sem invenção
todo o teu bem e o teu mal,
pois que no trato real
do amor, com singelo trato,
fala tão bem um retrato
80 como fala o original.

Notas

¹ O verso é hipermétrico. Uma emenda possível consistiria na supressão do determinante.

² desar – defeito, nódoa, falta.

³ Por razões métricas, a palavra deve ser lida com diérese (*sa-u-da-de*).

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados em décimas espinelas, que recorrem ao esquema ABBAACDDC.

Testemunho: BGUC 354, ff. 121r-123r

À mesma Senhora, dando da sua mesma mão à do Autor uns
Jasmins

Décima

Quando me destes a mão
e tais jasmins juntamente,
ficou em caso eminente
preplexo meu coração;
5 porque não sabia, não,
de tal favor em os fins
(pois da fama nos clarins
Jasmins vossos dedos são)
se era o favor nesta ação
10 dos dedos ou dos Jasmins.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

Testemunho: BGUC 354, f. 123r

65.

À mesma Senhora, estando mal com o Autor

Romance

Caterina dos meus olhos,
para que são desavenças,
para os ódios neste amor,
neste querer para as queixas?

5 Façamos pazes, minha alma,
pois como tanto vos queira,
não posso ter paz comigo,
se tenho convosco guerra.

10 Não pelejemos, não, mais,
porque tenho por certeza
que eu sempre hei de ficar mal,
vós sempre bem da peleja.

15 Deixemos rezões de arrufos
porque são somente queixas
que um brando riso cura
ou que um favor remedeia.

20 Não levantemos as vozes
porque o mundo não entenda
que as que são queixas de amor
são de algum agravo quebras.

Dai-me cá os vossos braços,
não queirais que em mil ideias
mal convosco estando morra,
comigo não bem pereça.

25 Questões de amor não nos lembrem
que em amor as subtilezas,
se lustram para os discursos,
arguem para as ofensas.

Cego o amor sempre se pinta
30 e com razão, sem falência,
pois toda a razão do amor
consiste em sua cegueira.

Querer descursar porque amo
é mais do que um brio, teima;
35 não é extremo, é agravo,
é crime, não é firmeza.

Amor é inclinação
e como inclinação deixa
argumentos da vontade
40 se do juízo diferenças.¹

Mais dissera, mas deixemos
estas rezões, minha prenda,
que dizer rezões de arrufos
é mostrar que as há de queixas.

45 Eu nenhũas de vós tenho
e inda, meu bem, que as tivera,
calara em mil sofrimentos,
sofrera em duas mil penas.

Deixemos isto e metei-vos
50 nesta alma que vos deseja
toda amante a seus afagos,
a seus rogos toda meiga.

Ora sim, Luz dos meus olhos,
vinde a meu peito, que anela,
55 estremando-se em louquices,
convosco estar bem deveras.

A paz de vós é que quero
e que fora tão singela
que parecera na graça
60 ãa paz toda à Francesa.²

Esta quero e esta busco,
porém sois vós tão travessa
que por não dar[d]es tal paz,
ficareis comigo em guerra.

65 Porém, ai! Não queirais tal,
que em que favor grande seja,
porque se não perca ãa alma,
fazei que um favor se perca.

Enfim sejamos amigos,
70 porque assaz a amor sobeja
nos retiros tanta mágoa,
nas ausências tanta pena.

Notas

¹ Por razões métricas, *diferenças* deve ser lido com síncope (*di-fren-ças*).

² Paz à Francesa – não é claro o sentido da expressão, que não encontrei dicionarizada. Talvez seja de admitir o significado de paz requintada.

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 123v-125r

À mesma Senhora, sentindo-se de ter uns flautos¹

Décima

Para não ter por Divina
o Mundo em tanta luz pura
tão perfeita fermosura,
beleza tão peregrina;
5 era força, Caterina,
voz desse a sorte tirana
achaque em que soberana
não fosses, pois que em certeza
não há divina beleza
10 sem os achaques de humana.

Nota

¹ flauto – variante de *flato*.

Arte poética

O poema é constituído por versos de redondilha maior agrupados numa décima espinela, que recorre ao esquema ABBAACCDDC.

Testemunho: BGUC 354, f. 125v

67.

À mesma Senhora, oferecendo-lhe o Autor o Romance que se segue a este

Soneto

A ti desta alma, ó belo sacramento,
dedica a Musa minha nesse canto,
se nas ausências tristes todo um pranto,
nas saüdades¹ todo um sentimento;

5 aos teus olhos o mando, porque intento
que repares do amor no seu encanto,
que não tem bem que dure, pois enquanto
nos oferece um bem, urde um tromento;

este sinto por ti no laberinto
10 em que a pena me tem, em os retiros
que te retrato aqui, que aqui te pinto;

oh vê, na dor cruel, nos fortes tiros
quais as saudades são que por ti sinto,
quais as ausências são, quais os suspiros.

Notas

¹ saudades – a métrica impõe a leitura com diérese (*sa-u-da-des*).

Arte poética

A rima do soneto obedece ao esquema ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 13, podendo ser lidos desse modo também os vv. 3, 11 e 12. O v. 2 é um pentâmetro iâmbico.

Testemunho: BGUC 354, f. 126r

Ausências e saudades de Lisardo

Romance

Minha flor, isto há de ser,
pois que quer o fado iníquo
ter-me em ãa ausência morto,
não aos vossos olhos vivo.

5 Quer que me ausente e que morra,
pois não é termo distinto
ũa morte ou ãa ausência,
um penar ou um retiro.

10 É um retiro ãa morte,
é ãa ausência um martírio,
é sem alento ãa pena,
é ãa dor sem alívio.

15 É ãa dor que atromenta
com golpes tão excessivos
que instando sempre nas penas,
acaba a vida em dilíquios.

20 Porque das mesmas lembranças,
para a dor, o fado esquivo
faz, nos retiros, os golpes,
nas ausências, cruéis tiros.

É ãa pena que em si
tromentos traz infenitos,

pois quando acabar parece,
mostra que está no prencípio.

25 É um martírio que faz
a um coração aflito
alentar para mais ânsias,
viver para mais dilírios.

30 É ãa morte, porque
quem tem amor excessivo
o seu contínuo viver
é um morrer de contínuo.

35 Vinga-se a sorte na ausência
e faz com que aqueles mimos
que foram do amor favores
sejam da pena castigos.

40 Pois nas lembranças, meu bem,
tanto chora enlouquecido
um peito as penas presentes
como os passados carinhos.

Pois essas memórias mesmas
desses favores benignos
são motivos para os ais,
são causa para os suspiros.

45 Quem o duvida, pois são
as que mais chora sentido
um coração em mil penas,
um peito em mil desatinos.

Pois quem ama e viu ausente

50 nos discursos repetidos
tudo que lhe foi de gosto
chora como de martírio.

Que enfim os mesmos favores
em males tão sucessivos,
55 como se fazem lembrados,
matam por não esquecidos.

Pois são tromentos do Inferno
em que um peito, de sentido,
tem o alívio por pena,
60 tem a pena por alívio.

Enlouquecer melhor fora
do que amar nestes retiros,
pois que não é tanto o mal
em quem tem menos juízo.

65 Sente um louco, mas não sente
do mal a causa, e por isso
é o mal em todo o louco
o mal que é menos sentido.

É o mal no loco um sonho
70 em que a Ideia em laberintos
tanto o sensetivo priva
como priva o descursivo.

Porém o mal de uma ausência
é do juízo mais fino,
75 que ausências não sente o néscio,
sente-as o mais entendido.

Ter juízo e estar ausente,
conhecendo o bem perdido,
que mor martírio! Ou que pena
80 que não perder o juízo!

Se se perdera, esqueceram
das lembranças os motivos,
do mimo aqueles agrados,
do amor aqueles feitiços.

85 De um favor aquela graça,
de um amor aqueles risos,
bem que não experimentados,
não se sentem, se perdidos.

90 Não sente a rústica flor
que lhe fuja o sol altivo,
que como seus bens ignora,
nada sente seus retiros.

Sente-os, sim, a flor mimosa,
pois quando o vê fugitivo,
95 nos desmaios das ausências,
acaba em mil paracismos.¹

Assim descurso, minha alma,
porque n'alma assim o sinto,
que a penar parto, pois levo
100 tantas lembranças comigo.

Tudo que vir saüdades²
de um peito, mortais dilíquios
me será, pois sois, Senhora,
o tudo dos meus sentidos.

105 Verei o sol e verei
vosso retrato devino
e chorarão os meus olhos
culpas de vos terem visto.

Pois vendo o sol e não vendo
110 o original peregrino³
da vossa beleza que amo,
das vossas luzes que sigo;

é força meus olhos chorem,
de lágrimas em mil rios,
115 saüdades² como culpas,
lembranças como delitos.

Verei a Rosa e verei
que se florece nos brios,
de bela, pelo encarnado,
120 de airosa, pelo luzido;

é porque de vós tirou
para si, com sutis fios,
os luzimentos no grave,
quando as feições no subido.

125 Vede vós que saüdades,²
crede-me, meus amorinhos,
que pera mim não será
Rosa, mas flor de martúrios.

Verei o lindo Jasmim,
130 da Aurora mimoso brinco,
das flores belo melindre,

do prado gentil feitiço.

E verei que vos furtou
para airoso e para lindo,
135 no feitiço vossa graça,
no melindre vosso mimo.

Suspiros dizem que são
e vendo-os será preciso
que os suspiros de meu peito
140 se unam àqueles suspiros.

Verei o Jacinto triste
e direi eu cá comigo:
“Jacinto, não só tu morres
que eu também morrer já sinto.

145 “Vivas cópias são teus ais
dos deste meu peito aflito,
pois penas de saudável⁴
e eu acabo de sentido.

150 “Toma pois em tuas ânsias
para a tua pena alívios,
porque alentam nos pesares
os maiores, nos motivos.”

Verei o lírio, porém
para que hei de ver, se é liso
155 que em mim os verei porque
em mim vejo mil delírios?

Mas verei, porque verei
ser nas penas esculpido,

160 de um peito em mil ânsias morto,
o lírio retrato vivo.

Verei o Narciso loco,
tão loco que assim rendido,
de si próprio bem aceito,
quer de si só ser bem visto.

165 Mas é porque vos não viu,
pois, minha flor, imagino
que só por vos ver a vós
se não vira a si Narciso.⁵

170 Em vós pusera os seus olhos
e vendo-vos, esquecido
ficara de si, pois sois
da beleza só o prodígio.

Direi, vendo-o em minha mágoa:
“Oh, quem me dera esse alívio,
175 como assim vês a quem amas,
de ver eu a quem suspiro!

“Se as águas todo o teu bem
te dão, a mim mais sentido
as que choro o mal me fazem,
180 pois não vejo o bem que sigo.”

Verei a branca Açucena
que de nua no capricho
faz vício do que é honesto,
faz gala do que é lacivo.

185 Pois sem roupa mais que a branca,

de louca nos desalinhos,
da Aurora acordando aos choros,
assiste do sol aos risos.

190 Verei nela aquela neve
dessa beleza que admiro
sem desar⁶ que afeie o grave,
sem nota que manche o lindo.

195 Porém não vosso retrato
em que dais para os alinhos
às Açucenas exemplo,
às mais boninas ensino.

200 Verei o cravo flamante,
belo Adónis,⁷ assistindo
às flores, pois é das flores
o seu Adónis querido.

Mas verei que pouco dura
este bem ao cravo altivo,
pois sendo da menhã gala,
é da tarde sacrefício.

205 “Oh, gentil flor, lhe direi,
como todo enternecido,
sinto o teu mal, pois também
sinto o que tu estás sentindo!

210 “Eu te envejei tua sorte
em amor tão assestido,
pois só comigo cuidava
que entendia e não contigo.”

O amor perfeito verei,
bem que em meu peito sentido,
215 se se dá amor perfeito,
só pode este amor ser visto.

Verei os belos matizes
com que ao campo sai luzido,
em as prendas todo gala,
220 em as cores todo alinho.

E lhe direi: “Flor galharda,
eu não sei com que destino
amor perfeito te chamam
quando tão vária te admiro.

225 Pois usas dessas mudanças,
de tantas cores vestido,
e amor que é assim tão vário
nunca amor pode ser fino.

Se amor perfeito te dizem,
230 veste, sim, da cor que eu visto,
ou nas vi[s]tas^a de encarnado,
ou de roxo nos retiros.

Mas tomando tantas cores
paradoxo é do Juízo
235 dizer que és amor perfeito,
sim, amor mui fermentido.”

Do Tejo verão meus olhos
o seu curso cristalino
e em meus olhos o Tejo
240 de mil lágrimas dous Nilos.

Dous Nilos com que nas águas
o Tejo ensobrebecido
toma altivezas de mar,
deixa humildades de rio.

245 Assim co'as lágrimas minhas
ver-se-á {todo}^b esvanecido,
que sempre os males do pobre
foram as ditas do rico.

250 Oh!, quantas vezes direi
vendo o seu sobrebo brio
com as águas dos meus olhos:
“Não corras tão presumido.

“Vê que nem sempre soberbo
o fado terás propício,
255 que também em algum tempo
os meus prantos foram rios.

“Como me vejo também
te podes ver, sem pordígio,
hoje se rico de inverno,
260 amanhã pobre de estio.

“Amanhã te podes ver
tal que de ti esquecido
nem que foste mar te lembre,
menos te lembre que és rio.

265 “Pois na pobreza das águas,
lembrando-te os desperdícios

com que hoje corres de ufano
te sumirás de corrido.

270 “Aquelas árvores mesmas
que alimentavas benigno
todo liberal nas graças,
nas dádivas não esquivo;

275 “essas que de humildes troncos
fizeste com que subidos
já troncos se não conheçam
com presunções de obeliscos;

280 “essas mesmas, virá tempo
em que, em verdes desafios,
te dem apupos de pobre
com mil vaias de mesquinho.”

Oh, como são, prenda minha,
certos estes aforismos!
Não saber que cousa é pena
quem só se cria no mimo!

285 Quando no dos vossos braços
me via, me estava rindo
das penas, como de sonhos,
das ânsias, como de brincos.

290 Inda agora aos vossos olhos,
de amores favorecido,
venturas estou logrando,
ditas estou pessuindo.

Inda agora em vosso agrado
vos estou, minha alma, ouvindo
295 discições da fermosura,
gentilezas do juízo.

Inda meu peito presentes
logra para alguns alívios,
favores dos vossos olhos,
300 ditas dos vossos carinhos.

Porém, queridos amores,
já nesta alma estou sentindo
as que hei de chorar desgraças,
os que hei de chorar martírios.

305 Já me enlouquecem ideias,
já me cometem dilírios,
já meu amor se não lembra
que vos tem aqui consigo.

Já cuido que vos esquecem
310 extremos tão excessivos
de tromentos, em mil mares,
de penas, em mil abismos.

Já cuido que vos não lembram
desse vosso peito lindo
315 aos meus ais os favores,⁸
firmezas aos meus suspiros.

Vede pois, luz dos meus olhos,
quanto já nestes delíquios
me apertam males sonhados,

320 o que serão padecidos.

Ai sim, que neste tromento
tal já me vejo que sinto
se devida de mim a alma,
pois que de vós me devida.

325 Já os alentos me faltam
já não sei, vida, o que digo,
pois nas vistas da fortuna
vejo voltado o juízo.

330 E pois que a voz nos desmaios
o que diz são barbarismos,
nos estilos desta dor
já muda essa voz de estilo.

335 Aos olhos remete a pena,
porque enfim como entendidos
sabem-se explicar melhor
e falar sem solegismos.⁹

340 Assim nestes podeis ver
com mais vistoso artefício
d'alma os tromentos impressos,
os ais de meu peito escritos.

Oh! Chorem pois os meus olhos,
cale a voz, que em tal conflito
só sabem falar discretos
olhos que estão tão sentidos.

345 Ou sai a pena nos prantos,
não nas vozes, que é bem visto,

que as vozes são desafogo
e os prantos são martírios.

Fim

Justificação de emendas

^a Creio que se trata de uma gralha do manuscrito.

^b Para além de não ser necessário, o advérbio torna o verso hiper métrico.

Notas

¹ paracismo – o mesmo que *paroxismo*.

² saudades – por razões métricas, a palavra deve ser lido com diérese (*sa-u-da-des*).

³ peregrino – pelo mesmo motivo, a leitura deve ser feita com síncope (*p'regrino*).

⁴ saudosos – por idêntica razão, o termo deve ser lido com diérese (*sa-u-do-sos*).

⁵ Narciso – segundo uma das versões, era um formoso jovem que suscitou muitas paixões, mas não correspondeu a nenhuma, vindo a ser castigado pelos deuses: ao contemplar a sua imagem refletida nas águas, apaixonou-se por si próprio, acabando por se consumir. Seria depois transformado na flor que leva o seu nome.

⁶ desar – defeito, nódoa, falta.

⁷ Adónis – filho do rei da Síria, Tiante, e de Mirra, filha deste, era um jovem de grande beleza, por quem Afrodite e Perséfone se apaixonam, mas que acaba morto por um javali, no decurso de uma caçada.

⁸ Este verso tem uma sílaba a menos.

⁹ solegismos – parece tratar-se de uma variante metatática de *selogismos* (ou *silogismos*).

Arte poética

O romance é formado por quadras heptassilábicas, com rima toante nos versos pares que se mantém constante ao longo do poema.

Testemunho: BGUC 354, ff. 126v-135r

As Sangrias de Sílvia

Esses belos rubis
laços são dessa prata cramesis,
que assim quer amor, quando abrir trata
mil minas de rubis, o ferro em prata;
porém eu inferindo
do que penais e do que estou sentindo,
digo que esses rubis de amor na palma
pedaços, Sílvia minha, são desta alma;
pois se esta alma vos dei, em
doce empresa,
só eu padeço e não vossa beleza;
assim que são, como ao amor convinha,
rubis não, cristais sim, desta alma minha.

Por São Pisco, vida minha,
que és galantinha mulher,
com um senão de teimosa,
de cruel com um porquê.
Se o Céu de açúcar em ponto
a cara linda te fez,
para que és tão bravalhona
que mostras cara de fel?

A Sílvia Comendo Barro

Estava para te dizer
agora, em esta ocasião,
que acabou meu coração,
Sílvia, de mais te querer;
que como a fé me diz ser
eu barro, mui claro está
que pois teu desejo dá
em o comer com desgarrro,
temo que como sou barro,
todo a mim me comerá.

que a ação de Sílvia foi
transformar-vos em cuco, não em Boi,
sendo que lá nas partes de Maluco
tanto um Boi vale como vale um cuco,
e cuco quis que fôsseis a menina

– É possível que tais arrojos se cometam em um Império de Apolo? Que se me perca à minha Majestade o respeito, sendo Monarca e sendo Senhor do Pindo? Como se eu inda fora guarda-porcos de El-Rei Admeto! Não se sabe que sou filho de Júpiter e que quando me faltarem as setas para matar me dará meu Pai os raios para consumir? Há de se dizer que, reinando eu, não de por vassallos meus serem as belezas maltratadas? E olhando para nós colérico, crítico e zimbórico, 79 nos disse: “– Ea, ou casar ou morrer!” A esta resolução, ficaram as ditas senhoras mui alegres, cuidando que já tinham maridos; e nós bem mofinos em o senhor Apolo nos querer dar tais mulheres, pois juro a Vossas Mercês que mal as conhecíamos de vista. Turbaram-se tanto meus companheiros que quasi estiveram para alegar em sua defesa que eram impotentes e que mal podiam dever a aquelas senhoras as suas honras; e eu, posto que mostrasse mais ânimo, milagrosamente não disse que era capado, porque poderia Apolo desconfiar, que depois que Dionísio Tirano lhe arrancou as barbas, nunca mais capado se lhe pôs à mesa.

ISBN 978-950-93948-0-2



9 789895 354832